



27º colóquio da lusofonia Belmonte

6-9 abril 2017 - AUDITÓRIO MUNICIPAL RUA PEDRO ÁLVARES CABRAL, 1, 8250-085 BELMONTE

[HTTP://COLOQUIOS.LUSOFONIAS.NET/XXVII](http://coloquios.lusofonias.net/xxvii)

PROGRAMA 27º COLÓQUIO BELMONTE 6-9 abril 2017

0. ÍNDICE GERAL DAS ATAS DO 27º COLÓQUIO

(CARREGUE NO NOME E SERÁ DIRECIONADO PARA O CONTEÚDO)

1. **COMISSÕES**
2. **PATRONOS**
3. **HISTORIAL AICL**
4. **TEMAS E INSTRUÇÕES**
5. **HORÁRIO DAS SESSÕES**
6. **SESSÕES E ROTAS CULTURAIS**
7. **HOTEL**
8. **RESERVAS CONFIRMADAS**
9. **RESERVAS REFEIÇÕES**
10. **VIAGENS**
11. **LISTA DE ORADORES**
12. **DEMAIS PARTICIPANTES**
13. **DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE**

1) COMISSÕES - COMISSÃO EXECUTIVA e COMISSÃO CIENTÍFICA DO 27º COLÓQUIO

PRESIDENTE, Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Presidente da Direção e da Comissão Executiva dos Colóquios

VICE-PRESIDENTE, Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTO DA DIREÇÃO, José Soares, Jornalista açor-canadiano, S. Miguel, Açores

VOGAIS: António Pinto Dias Rocha (Presidente, Câmara Municipal de Belmonte), Joaquim Costa, Susana Miranda, Elisabete Manteigueiro, Marco Silva (EMPDS)

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTOS: Tiago Anacleto-Matias, Parlamento Europeu, Rolf Kemmler, Academia das Ciências de Lisboa / UTAD, José Soares, Jornalista açor-canadiano

VOGAIS: Joaquim Costa, Susana Miranda, Elisabete Manteigueiro, Marco Santos Silva (EMPDS)

COMISSÃO CIENTÍFICA 27º colóquio da lusofonia -

Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal, ABL Brasil e AGLP Galiza

Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara, Academia Brasileira de Letras Brasil e AGLP Galiza

Professor Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico Setúbal, Portugal

Professora Doutora Anabela Naia Sardo, ESTH, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal

Professora Doutora Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro

Professor Doutor Rolf Kemmler, UTAD e Academia de Ciências de Lisboa

Mestre Concha Rousia, MSc (Master in Science), Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza

Dr Norberto Ávila, dramaturgo, Lisboa, Açores

Chrys Chrystello, MA, Presidente da Direção da AICL, Academia Galega da Língua Portuguesa

Mestre Helena Chrystello, Vice-Presidente da AICL,

2) PATRONOS - BIODADOS DOS PATRONOS

3) **HISTORIAL DA AICL, REPRESENTANTE DA SOCIEDADE CIVIL ATUANTE (26 COLÓQUIOS DA LUSOFONIA).**

4) **TEMAS E INSTRUÇÕES**

TEMA 1 AUTORES E TEMAS

- 1.1. HOMENAGEM A Pedro Álvares Cabral e todos os naturais de Belmonte que se distinguiram em qualquer ramo do saber
- 1.2. Autores locais
- 1.3. Belmonte: o concelho, sua história, etnografia, geografia, tradições e cultura

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA (TEMAS PERMANENTES)

- 2.1. Língua Portuguesa no mundo
- 2.2. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos
- 2.3. Língua Portuguesa Língua de Identidade e Criação. A língua e a Galiza
- 2.3. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço
- 2.4. Língua Portuguesa, Lusofonia e diásporas
- 2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.
- 2.6. Política da Língua
- 2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências
- 2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia
- 2.9. Outros temas lusófonos

TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

- 3.1. Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos
- 3.2. Açorianos em Macau e em Timor – D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.

3.3. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, –por exemplo: -

- Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands*, London;
- Bullar, Joseph / Henry (1841): *A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas*, London: John van Voorst;
- Henriques, Borges de F. (1867) *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard;
- Orrico, Maria "Terra de Lúdia";
- Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha";
- Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim";
- Twain Mark (1899): *The Innocents Abroad*, Vol. I, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI;
- Updike, John. "Azores", *Harper's Magazine*, March 1964, pp 11-37

TEMA 4 Tradutologia (TEMAS PERMANENTES)

- 4.1. Tradução de Literatura lusófona
- 4.2. tradução de e para português

INSTRUÇÕES PARA SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO

[NB: ORTOGRAFIA: DADO HAVER INÚMERAS ORTOGRAFIAS OFICIAIS DESDE 1911, A AICL CONVERTEU E UNIFORMIZOU, A PARTIR DE 2007, TODOS OS ESCRITOS POSTERIORES A 1911 PARA O AO1990]

1. ■ A sinopse da comunicação a apresentar tem de ser enviada por correio eletrónico dentro dos prazos fixados na Ficha de Inscrição
 2. ■ Não deve exceder 300 palavras e nela deve constar, após o título do trabalho e nome do/a autor/a, o TEMA e SUBTEMAS em que se insere (ver TEMAS)
 3. ■ Tem de ser escrita em português.
 4. ■ Será incluída na parte inicial do trabalho final a apresentar para publicação nas atas/anais.
 5. ■ Deve ser acompanhada de notas biográficas (biódados) até 300 palavras (não mais) (não queremos CV, mas sim uma súmula ou resenha da atividade do autor)
- Importante:**
6. ■ Deve enviar TRABALHO FINAL por correio eletrónico dentro das datas indicadas (Ver Ficha de Inscrição), para ser incluído no CD-DVD de Atas/Anais do Colóquio.
 7. ■ O não-envio dos trabalhos finais dentro das datas pode levar à exclusão do orador e à não-publicação no CD-DVD de Atas/Anais do Colóquio.
 8. ■ **Cada orador dispõe de exatamente de apenas 15 minutos** para fazer a apresentação com alguns minutos de debate no fim da sessão (uma pergunta por orador).
- P.F. sejam tão breves nas questões quanto possível.

INSTRUÇÕES PARA SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO 2

1. Formato: Microsoft Word 2003 /2007
2. Tipo de letra (Font): ARIAL 9 (espaçamento 1.5)
- 3.1. **Número de páginas do trabalho a ler: 4-5 páginas para não exceder os 15 minutos.**
- 3.2. **Número de páginas do trabalho final: 10-12 páginas incluindo notas de rodapé, de fim e gráficos.**
4. Título: negrito.
5. Autor(es): incluir nome que quer ver utilizado,
6. Instituição Ensino / ou Trabalho: sem espaçamento entre o nome do autor e o da instituição.
7. Subtítulos: negrito. Use algarismos árabes com decimais.
8. Outras divisões: algarismos árabes com decimais.
9. Citações, notas (incl. rodapé) e referências: EM ITÁLICO, autor, data de publicação, vírgula e número(s) de página(s): i.e. como Sager afirma (1998:70-71) ARIAL tamanho 8 (espaçamento 1)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Livro: Melby, Alan K. (1995) The Possibility of Language, Amsterdam: John Benjamin's.
2. Artigo sobre livros: Bessé, Bruno. (1997) 'Terminological Definitions'. In Sue Ellen Wright and Gerhard Budin (eds.) Handbook of Terminology Management. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.
3. Artigos de jornal/revista: Corbeil, Jean-Claude (1991) "Terminologie et banques de données d'information scientifique et technique" in Meta Vol. 36-1, 128-134.
4. Internet: Pym, A (1999) 'Training Translators and European Unification: A Model of the Market' in 'Translation Theory and practice'. Disponível em <http://europa.eu.int/comm/translation/theory/gambier.htm> em __/__/__

NOTAS: SEMPRE RODAPÉ.

GRÁFICOS E TABELAS: numeradas consecutivamente. Deve ser feita menção ao seu título/número no texto

5) HORÁRIO DAS SESSÕES. 15 minutos cada (sessões normais), 30 minutos Academias e Convidados de Honra

ENTRADA LIVRE E GRATUITA PARA O PÚBLICO [auditório municipal de Belmonte](#) rua pedro álvares cabral 1, 6250-085 GPS 40º 20' 38" N 7º 21' 38" W GPS: 40.358451, -7.351390

6 abril 2017 5ª fª Sessão de abertura

16.30	SECRETARIADO, acreditação de participantes
17.00	Sessão 0 Vídeos promocionais Belmonte - AICL - Açores - Hino da Lusofonia

27º colóquio Belmonte 6-9 abril 2017



17.30	Sessão 1 Discursos oficiais Presidente da Câmara (António Pinto Dias Rocha), Presidente EMPDS (Joaquim Feliciano da Costa), Presidente AICL (Chrys Chrystello); D Ximenes Belo, José António Salcedo (convidados de honra) Urbano Bettencourt (autor homenageado)
18.15	Sessão 2 Poesia a 5 vozes: Chrys, Luciano, Concha, Brites, Carolina
18.30	Sessão 3 cultura local alunos de música da Academia Sénior de Belmonte
18.45	Sessão 4 Apresentação Terra D' Encontros <i>Orador 1,2 Carla Guerreiro e Lídia Santos - apresentação da obra pelas autoras</i>
19.00	Sessão 5 Apresentação Um punhado de areia nas mãos, <i>Diário. Orador 3 Maria João Ruivo E Orador 4 Brites Araújo - apresentação</i>
20.00	Jantar Hotel Sinai Belmonte

7 abril 2017 6ª fª Manhã

09.00	SECRETARIADO Acreditação participantes
09.30	Sessão 6 Açorianidades 1 - 15' cada orador Moderador Luciano
09.30	Vídeo homenagem a Urbano Bettencourt 12'
09.45	Orador 4 Brites Araújo, escritora / NAV. <i>TEMA 3.1. O Humor em Urbano Bettencourt</i>
10.00	Orador 5 Álamo Oliveira, escritor. <i>TEMA 3.1. A «Kritika Puétika», um texto de Urbano Bettencourt</i>
10.15	Orador 7 D. Carlos Ximenes Belo, Nobel da Paz 96. <i>TEMA 3.2. Missionários açorianos no Oriente: D. José da Costa Nunes e a sua ação em Timor</i>
10.30	Debate e pausa
11.00	Sessão 7 UBI - 15' cada orador Moderador Álamo
11.00	Orador 1/2 Carla Guerreiro E Lídia Santos ESE/IPBragança. <i>TEMA 2.4. Terra D'encontros - a investigação por trás da ficção, os judeus portugueses, em terras raianas, no dealbar do séc. XX</i>
11.15	Orador 8 Carla Sofia Xavier Luís, UBI, <i>TEMA 2.2. Os judeus na obra de Miguel Real</i>
11.30	Orador 9 José Carlos Venâncio, UBI, <i>TEMA 2.7. A dimensão estética da lusofonia. História e criatividade (literária e artística) no espaço lusófono</i>
11.45	Orador 10 Alexandre Luís, UBI, <i>TEMA 1.1. Breves reflexões sobre a descoberta do Brasil</i>
12.00	Orador 11 João Morgado, CMBelmonte, <i>TEMA 1.1. Cabral, o líder humanista que chegou ao Brasil</i>
12.15	Debate e pausa
12.30	Sessão 8 Recital Ana Paula Andrade (piano solo) do Conservatório Regional de Ponta Delgada
13.00	almoço Hotel Sinai Belmonte

7 abril 2017 6ª fª tarde

15.15	Sessão 9 roteiro cultural 1 Igreja de Santiago / Castelo / Centum Celas (comboio Turístico):
17.45	Sessão 10 Beberete e Degustação produtos locais (org. CMB) NO MUSEU DO AZEITE
20.00	Jantar Hotel Sinai Belmonte
21.30	Sessão 11 - 9ª Assembleia-Geral AICL para sócios (hotel)

8 abril sábado Manhã

09.00	SECRETARIADO Acreditação participantes
09.15	Sessão 12 - 15' cada orador Moderador HELENA ANACLETO MATIAS
09.15	Orador 12 Afonso Teixeira Filho, Univ. São Paulo. <i>TEMA 2.1. A Poesia excêntrica de Augusto dos Anjos</i>
09.30	Orador 13 Elsa Sofia Gomes Miranda, (AR) Assembleia da República e CMBelmonte. <i>TEMA 2.1. Guiné-Bissau e Timor-Leste: política e uso da língua portuguesa</i>
09.45	Orador 6 Urbano Bettencourt e Orador 7 D. Carlos Ximenes Belo <i>TEMA 3.2. - Apresentação livro de D Ximenes Belo Um missionário açoriano em Timor</i>
10.00	TEMA 2.1. Vídeo - Curta viagem a Malaca (12') 2 palavras por Mª Luísa Timóteo
10.15	Debate e pausa - Sessão de autógrafos D. Ximenes Belo

27º colóquio Belmonte 6-9 abril 2017

10.45	Sessão 13 Ana Paula Andrade (piano) do Conservatório Regional de Ponta Delgada com Henrique Constância (violoncelo)
11.00	Sessão 14 Academias 1 - 25' cada orador Moderador Concha
11.00	Orador 14 A Ponces de Carvalho, ESE João de Deus. <i>TEMA 2.5. O Impacto da cartilha maternal de João de Deus</i>
11.30	Orador 15 José Carlos Gentili. Academia De Letras De Brasília -
12.00	Orador 17 João Malaca Casteleiro, Academia das Ciências de Lisboa. -
12.30	Orador 6 Urbano Bettencourt, escritor. <i>TEMA 3.1. Pedro da Silveira – As Ilhas da Literatura</i>
13.00	almoço Hotel Sinai Belmonte

8 abril sábado tarde

15.15	Sessão 15 Convidados de Honra Moderador Chrys 30' cada
15.15	Orador 18 Miguel Real, CLEPUL. <i>TEMA 3.1. Introdução ao itinerário crítico de Urbano Bettencourt</i>
15.45	Orador 19 José António Salcedo, ATLA (Noruega) <i>TEMA 2.5. Reflexão sobre alguns desafios do futuro próximo</i>
16.15	Debate e pausa
16.45	Sessão 16 AGLP Documentário (Galiza) Porta para o exterior 53'- cancelado
17.35	Sessão 17 AGLP Moderador Urbano / Chrys 15' cada orador
17.35	Orador 20 Alexandre Banhos, Fundação Meendinho. <i>TEMA 2.3. Espanha vs Hespanha</i>
17.50	Orador 21 Ângelo Cristóvão, AGLP. <i>TEMA 2.3</i>
18.05	Orador 22 Concha Rousia, AGLP. <i>TEMA 2.3. A Língua Viva Na Galiza</i>
18.20	Orador 23 José Paz, AGLP. <i>TEMA 2.3. Goa, um recanto galego-português na Índia</i>
18.35	Debate e pausa
18.45	Sessão 18 Recital grupo Coro Animato (pais e encarregados de educação dos alunos da Escola de Música)
20.00	Jantar na Casa do Castelo a convite da edilidade

9 abril domingo Manhã

09.15	Sessão 19 roteiro cultural 2 Museus: Azeite, Descobrimientos, Ecomuseu do Zêzere, Judaico
13.00	almoço Hotel Sinai Belmonte

9 abril domingo Tarde

15.15	Sessão 20 Recital Ana Paula Andrade (piano) do Conservatório Regional de Ponta Delgada com Henrique Constância (violoncelo)
15.45	Sessão 21 Açorianidades 2 - 15' cada orador Moderador Brites
15.45	Orador 24 Laura Areias, CLEPUL. <i>TEMA 2.1. Portugueses outrora, havaianos hoje</i>
16.00	Orador 25 Carolina Cordeiro, escritora, <i>TEMA 3.1. Os atos ilocutórios ao serviço da marca poética na novela um Deus à beira da loucura, de Daniel de Sá</i>
16.15	Orador 26 Pedro Paulo Câmara, escritor, Esc. Prof. APRODAZ, <i>TEMA 3.1. Violante de Cysneiros: De Orpheu a "Azulejos" - a viagem sem retorno</i>
16.30	Orador 27 Rolf Kemmler, Academia das Ciências de Lisboa, UTAD <i>TEMA 3.3. São Miguel e os seus habitantes em The Azores or Western Islands (1886) de Walter Frederick Walker</i>
16.45	Debate e pausa
17.15	Sessão 22 Temas judaicos 15' cada orador Moderador JOSÉ Soares
17.15	Orador 28 Luciano Pereira, ESE-IPSetúbal. <i>TEMA 1.3. Referências e indícios hebraicos na literatura popular.</i>
17.30	Orador 29 José Levy Domingos, Museu Judaico Belmonte, <i>TEMA 1.1. De Miguel Telles da Costa natural de Trancoso, Capitão-Mor de D. João V e D. Pedro I e Governador de Parati</i>
17.45	Orador 30 Margarete Silva. Tradutora freelance. <i>TEMA 1.3. O Legado do ladino em terras lusas e na diáspora: uma abordagem geopolítica</i>
18.00	Debate e pausa
18.15	Sessão 23 Conclusões e encerramento

18.30	Sessão 24 cultura local Escola de Música de Belmonte
20.00	Jantar CASA DO CASTELO, OFERTA DA CÂMARA MUNICIPAL

Países e regiões representados (oradores e presenciais)



PORTUGAL 22,



AÇORES 15,



BRASIL 3,



CANADÁ 1,



GALIZA 5,



ALEMANHA 1,



AUSTRÁLIA 1,



BÉLGICA 1,



ÍNDIA 1,



LUXEMBURGO 1,



MALACA (MALÁSIA) 1,



TIMOR-LESTE 1

[Regressar índice](#)

6) SESSÕES E ROTAS CULTURAIS

1. [cancioneiro açoriano e poetas açorianos musicados Ana Paula Andrade \(piano\) Conservatório Regional de Ponta Delgada, Açores](#) e Henrique Constância da Orquestra Metropolitana de Lisboa (violoncelo)

2.1. [lançamento literário - Terra d'encontros de Carla Guerreiro e Lúdia Machado Santos \(ESE-IPBragança\)](#)

2.2. [lançamento literário Diário de Maria João Ruivo por Brites Araújo](#)

2.3. lançamento literário por Urbano Bettencourt de [Um missionário açoriano em Timor \(Pe. Carlos da Rocha Pereira\)](#) da autoria de Dom Carlos Ximenes Belo

3. Academia Sénior de Belmonte

4. Escola de Música de Belmonte

ROTA CULTURAL

1. **Igreja de Santiago / Castelo / Centum Cellas em comboio Turístico**

2. **Visita 4 Museus: Sinagoga / Descobrimentos / Judaico / Ecomuseu do Zêzere / do Azeite**

[Regressar índice](#)



7) HOTEL [HOTEL BELMONTE SINAI](http://belmontesinaihotel.com) local do colóquio



Largo S. Sebastião 6250-023 Belmonte

geral@belmontesinaihotel.com
www.belmontesinaihotel.com

RESERVAS, DETALHES E PREÇOS (ver quartos em <http://belmontesinaihotel.com/galeria/>) MARCAÇÕES DEVEM SER FEITAS APENAS PARA AICL@LUSOFONIAS.NET

[Quarto single: 35,00€/quarto/noite](#) - » [Quarto duplo: 50,00€/quarto/noite](#) - » Pequeno-almoço buffet incluído

» **Refeições: 12,50€/pessoa** (MENUS POSSÍVEIS E SUGERIDOS)

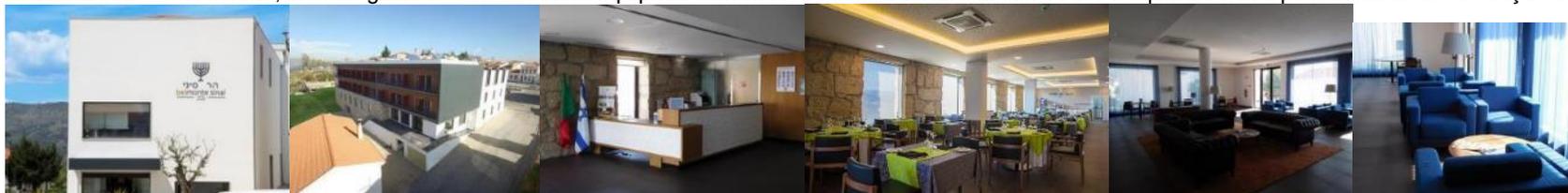
[consultar marcações de almoços e jantares aqui](#)

[Consultar reservas dormidas aqui](#)

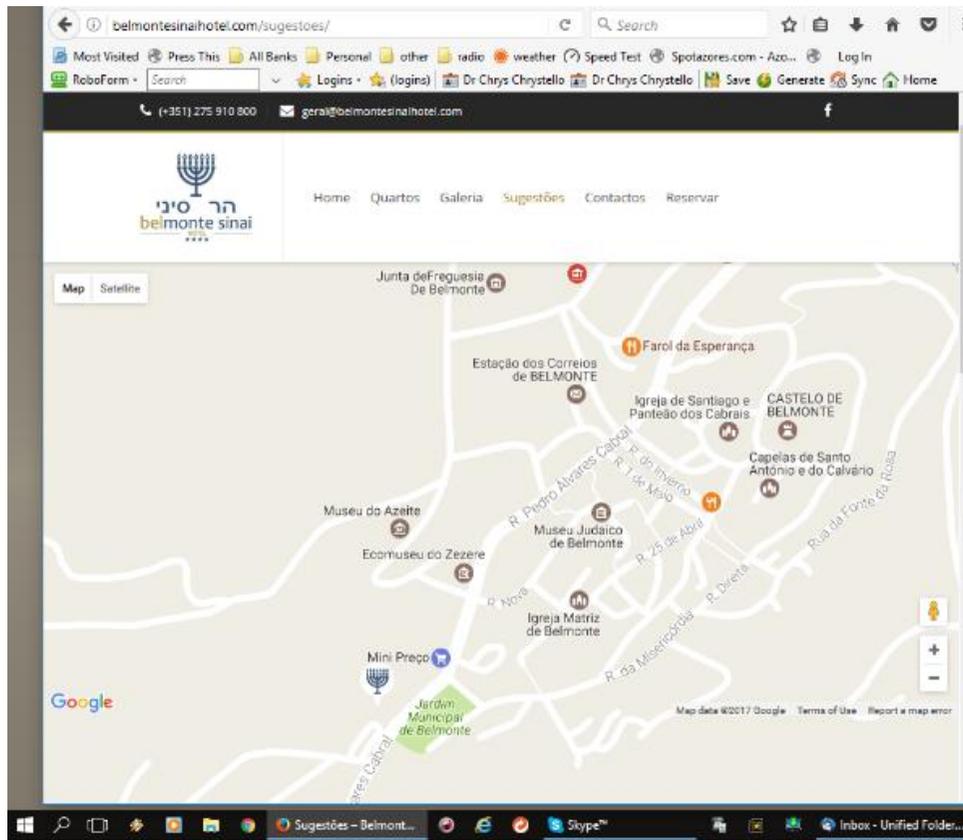
ACOMODAÇÃO EM DETALHE:

- 2 Suites Familiares, 1 Quarto adaptado para pessoas com mobilidade condicionada, 20 Quartos “twin”, 7 Quartos com cama de casal
- Ar Condicionado, Fechadura Eletrónica de Segurança, Mesa de Trabalho com Telefone
- Quartos duplos C/ possibilidade de uma cama extra

Localizado em Belmonte, no seio de uma das mais emblemáticas comunidades judaicas da Península Ibérica, o Belmonte Sinai vem complementar a oferta turística direcionada para o turismo religioso judaico em Portugal. Além da proximidade com inúmeros atrativos turísticos da aldeia histórica, o Belmonte Sinai assume-se como o primeiro hotel e restaurante kosher do país, certificado de acordo com a lei judaica. Além do espaço gastronómico, a unidade dispõe de 24 quartos standard, 2 suítes e 1 quarto adaptado para pessoas com mobilidade reduzida. Todos os quartos estão equipados com ar condicionado, fechadura eletrónica de segurança, televisão com canais por cabo, mesa de trabalho com telefone, internet grátis e casa de banho equipada com chuveiro e secador de cabelo. Todos os quartos têm a possibilidade de colocação de cama extra.



- Recepção 24 horas
- Internet Gratuita
- Restaurante conceito Kosher - bebidas, refeições ligeiras



[Regressar índice](#)

8) [RESERVAS HOTEL CONFIRMADAS](#)

9) [RESERVAS REFEIÇÕES](#)

10) [VIAGENS](#)

11) LISTA DE PARTICIPANTES

#	NOME	INSTITUIÇÃO, REGIÃO OU PAÍS	TIPO DE PARTICIPANTE OU TEMA
1.	Afonso Teixeira Filho	Universidade de São Paulo ** Brasil	TEMA 2.1. A Poesia excêntrica de Augusto dos Anjos
2.	Álamo Oliveira	Escritor, ** Açores	TEMA 3.1 A crítica puética (o gato que não tinha cama sua), sobre um texto de Urbano Bettencourt
3.	Alexandre Banhos	Fundação Meendinho, ** Galiza	TEMA 2.3. Espanha versus Hespanha
4.	Alexandre Luís	UBI, ** Portugal	TEMA 1.1. Sessão UBI - Breves reflexões sobre a descoberta do Brasil
5.	Ana Paula Andrade	Conservatório Reg. Ponta Delgada ** Açores	Recitais
6.	Anabela Naia Sardo	ESTH IP Guarda ** Portugal	Presencial
7.	Ángelo Cristóvão	AGLP ** Galiza	TEMA 2.3. Sessão Das Academias
8.	António Callixto	Ex Tribunal De Contas Europeu ** Luxemburgo	Presencial
9.	Antº Ponces De Carvalho	Diretor ESE João De Deus, Portugal	TEMA 2.5. Sessão das Academias: O impacto da cartilha maternal de João de Deus
10.	Brites Araújo	Escritora, NAV ** Açores	TEMA 3.1. O Humor Em Urbano Bettencourt / Sessão de poesia
11.	Carla Espírito Santo Guerreiro	ESE, IP Bragança ** Portugal	TEMA 2.4. Terra D'encontros - A investigação por trás da ficção, os judeus portugueses, em terras raianas, no dealbar do séc. XX
12.	Carla Sofia Xavier Luís	UBI ** Portugal	TEMA 2.2. Sessão UBI Os judeus na obra de Miguel Real
13.	Carolina Cordeiro	Escritora ** Açores	TEMA 3.1. Os atos ilocutórios ao serviço da marca poética na novela um Deus à beira da loucura, de Daniel de Sá / Sessão de poesia
14.	Chrys Chrystello	AGLP, ** Austrália / Açores	ORG, Sessão de poesia
15.	Conceição Casteleiro	** Portugal	Presencial convidada AICL
16.	Conceição Couto Mendonça	Esc. Sec Laranjeiras, Açores	Presencial
17.	Concha Rousia	AGLP, ** Galiza	TEMA 2.3. Sessão das Academias. A Língua Viva Na Galiza /
18.	Eduino De Jesus	Decano Dos Escritores Açorianos ** Açores	Presencial
19.	Elsa Sofia Gomes De Miranda	Assembleia da República / Câmara Municipal Belmonte, Portugal	TEMA 2.1. Guiné-Bissau e Timor-Leste: política e uso da língua portuguesa
20.	Fátima Madruga	Médica Hospital Ovar, Portugal	Presencial
21.	Fátima Salcedo	Fotógrafa, Portugal	Presencial convidada AICL
22.	Fernando Carvalho	Assessor de D Ximenes Belo	Presencial
23.	Filomena Oliveira	Lisboa	Presencial convidada AICL
24.	Francisco F. Madruga	Calendário De Letras ** Portugal	Presencial
25.	Helena Anacleto-Matias	IP Porto (ISCAP) ** Portugal	Presencial
26.	Helena Chrystello	EBI Maia, Açores ** Açores	ORG
27.	Henrique Constância	Orquestra Metropolitana de Lisboa Açores	Recitais

27º colóquio Belmonte 6-9 abril 2017

28.	João Malaca Casteleiro	ACL ** Portugal	<i>Sessão das Academias A Academia das Ciências de Lisboa e o Acordo Ortográfico De 1990</i>
29.	João Morgado	Escritor / Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Belmonte, Portugal	<i>TEMA 1.1. Sessão UBI - Cabral, o líder humanista que chegou ao Brasil</i>
30.	José António Salcedo	Cientista, Empreendedor **, Portugal	<i>TEMA 2.5. Reflexão sobre alguns desafios do futuro próximo</i>
31.	José Carlos Gentili	ALB, Brasília ** Brasil	<i>Sessão das Academias</i>
32.	José Carlos Venâncio	UBI, Portugal	<i>TEMA 2.7. Sessão UBI A dimensão estética da lusofonia. História e criatividade (literária e artística) no espaço lusófono</i>
33.	José Levy Domingos	Coordenador Do Gabinete Judaico - Museu Judaico De Belmonte, Portugal	<i>TEMA 1.1. De Miguel Telles da Costa que era natural de Trancoso Capitão-Mor de D. João V e D. Pedro I e Governador de Parati</i>
34.	José Paz Rodrigues	AGLP ** Galiza	<i>TEMA 2.3. Goa, um recanto galego-português na Índia</i>
35.	José Soares	Jornalista Açor-Canadano ** Canadá / Açores	<i>ORG</i>
36.	Laura Areias	CLEPUL, Univ Lisboa ** Portugal	<i>Tema 2.1. Portugueses outrora, havaianos hoje</i>
37.	Lídia Machado Santos	ESE, IP Bragança ** Portugal	<i>TEMA 2.4. Terra D'encontros - a investigação por trás da ficção - os judeus portugueses, em terras raianas, no dealbar do séc. XX</i>
38.	Luciano J B S Pereira	ESE IP Setúbal ** Portugal	<i>TEMA 1.3. Referências e indícios hebraicos na literatura popular. / Sessão de poesia</i>
39.	Margarete Silva	Tradutora Freelance ** Luxemburgo	<i>TEMA 1.3. O Legado do ladino em terras lusas e na diáspora: uma abordagem geopolítica</i>
40.	Margarida Martins	Fundação Meendinho ** Galiza	<i>Presencial</i>
41.	Maria Alice de Sá	Açores	<i>Presencial</i>
42.	Maria João Ruivo	Esc. Sec Antero De Quental, ** Açores	<i>O Diário, Apresentação Literária</i>
43.	Maria Luísa Timóteo	KORSANG di MELAKA **	<i>Presencial</i>
44.	Marilene Gentili	Brasil **	<i>Presencial convidada AICL</i>
45.	Mário Meleiro	IPG, Portugal	<i>Presencial</i>
46.	Miguel Real	CLEPUL - Faculdade de Letras De Lisboa ** Portugal	<i>TEMA 2.1. Traços fundamentais da cultura portuguesa TEMA 3.1. Urbano Bettencourt</i>
47.	Norberto Ávila	Escritor Açoriano ** Açores	<i>Presencial</i>
48.	Pedro Paulo Câmara	Escritor Açoriano ** Açores	<i>TEMA 3.1. Violante de Cysneiros: De Orpheu a "Azulejos" - a viagem sem retorno</i>
49.	Rolf Kemmler *	UTAD E Academia De Ciências De Lisboa, Alemanha	<i>TEMA 2 O golpe contra a pluralidade académica de ideias dentro da Academia das Ciências de Lisboa</i>
50.	Tiago Anacleto-Matias	Parlamento Europeu, Bruxelas, Bélgica	<i>ORG. Presencial</i>
51.	Urbano Bettencourt	Escritor Homenageado 2017 ** Açores	<i>TEMA 3.1. Pedro da Silveira – As Ilhas da Literatura</i>
52.	Ximenes Belo (D. Carlos)	Prémio Nobel 1997, ***	<i>TEMA 3.2. Missionários açorianos no Oriente: Dom José da Costa Nunes e a sua ação em Timor</i>

[Regressar índice](#)

12) DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE DA AICL

Antes de mais os nossos calorosos agradecimentos ao Presidente da autarquia, **António Pinto Dias Rocha** e a **Joaquim Feliciano da Costa** Presidente da Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento de Belmonte, que desde 2015 apoiaram a nossa vinda, coadjuvados pela incansável **Susana Miranda** que já nos serviu de guia ao Museu no 23º colóquio. Agradecemos ainda aos nossos convidados de honra (Dom Carlos Ximenes Belo, Prémio Nobel da Paz 1996, ao escritor Miguel Real, ao cientista José António Salcedo), ao escritor homenageado pela AICL em 2017 Urbano Bettencourt, ao decano dos escritores açorianos Eduíno de Jesus numa comitiva de autores que engloba Álamo Oliveira, Norberto Ávila, Brites Araújo, Pedro Paulo Câmara, Maria João Ruivo e Carolina Cordeiro. Agradecemos aos restantes convidados, associados, e aos nossos parceiros, a companhia aérea SATA, o Governo dos Açores (Direção Regional de Turismo e Direção Regional da Cultura), a Academia Galega da Língua Portuguesa e a UBI bem como a todos os presentes que connosco irão partilhar momentos únicos ao longo destes quatro dias

Há bem pouco tempo quando fazia a revisão da nossa opus magister, Bibliografia Geral da Açorianidade que lançaremos em outubro em Vila do Porto, aprendi que existe uma praga *Cosmopolites sordidus Germar* (Coleoptera: Curculionidae) ...uma praga cosmopolita sórdida. Isto por uma normal associação de ideias fez-me lembrar o Trump e as ameaças várias que existem à nossa liberdade de expressão, à igualdade e justiça neste mundo cão dominado pelos invisíveis grupos financeiros que ditam o que os políticos irão fazer. Sempre foi assim, dir-me-ão, já houve tiranos e déspotas desde o início dos tempos. De facto, a maior parte da História resume-se a tiranos e tiranetes subjugando as massas de escravos a seu bel-prazer, mas nós, nascidos na primeira metade do século passado, no fim de duas sangrentas guerras mundiais crescemos a acreditar e a ter esperança. Em Portugal demorou mais por haver uma guerra colonial a resolver e uma ditadura a abater.

Há cerca de dez anos atrás quando me soaram os primeiros sinais de alarme escrevi que o mundo se começava a assemelhar ao que o meu pai descrevia como o alvor da segunda guerra...passados dez anos estamos mais perto que nunca de cataclismos impensáveis causados pelo homem, não só com as suas máquinas de guerra que fazem mover governos e economias, mas pela destruição acelerada desta nossa casa, a Terra tal como a conhecemos. Nada de novo, dirão, nada que não se soubesse quando começaram estes colóquios na passagem do milénio. Talvez, mas a inoculação generalizada do medo, do terror, da vigilância faz lembrar não George Orwell, mas antes o premonitório livro Admirável Mundo Novo, redigido em 1932 por Aldous Huxley. Enquanto não descobrimos um antídoto para acabar com esta novíssima ordem global do dinheiro e com o Donald Trump e outros tiranos e tiranetes, recordemos aqui o que escrevia, em 4 de março passado, o nosso associado, cientista José António Salcedo

*A qualidade média da liderança e da gestão das instituições e empresas, públicas ou privadas nacionais, é muito baixa. Essa falta de qualidade é consequência de um conjunto de fatores pessoais, de organização e de contexto, como educação deficiente, incorporação de responsabilidade e profissionalismo reduzidos, ausência de processos claros e eficientes, i.e. de 'reporting' e 'accountability' quer nas instituições quer na cultura que caracterizam a sociedade Portuguesa. **Accountability** é um termo que pode ser traduzido como **responsabilidade com ética** e remete à obrigação, à transparência, de membros de um órgão administrativo ou representativo de **prestar contas** a instâncias controladoras ou a seus representados. Outro termo usado numa possível versão portuguesa é **responsabilização**. Do lado público, a maioria das instituições opera de forma incompetente, irresponsável e impune. Em resultado, são mais caracterizadas por mediocridade do que por mérito, o que conduz a um nível inadmissível de ineficácia nos processos, desperdício de recursos que são de todos e até corrupção. Do lado privado, o nível médio de especialização das empresas é baixo pelo que o valor acrescentado que elas são capazes de produzir é baixo. Uma consequência imediata é um salário médio muito mais baixo do que poderia ser se o nível de especialização das empresas e o valor acrescentado do que produzem fossem tão elevados como são em países mais desenvolvidos. O país não é pobre por acaso... É esse o nosso principal desafio e é isso que temos de mudar. Por onde começar?*

De imediato, devemos começar pela Educação, elevando os nossos padrões de responsabilidade (incluindo 'accountability') e de exigência intelectual no cumprimento de todos os processos educativos que permitam tornar as pessoas mais autónomas, rejeitando demagogia e todos os processos que não contribuam para a libertação das pessoas..."

Urge, pois, ao nosso nível de atuação, apoiar uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos nacionais e internacionais dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes. É imperioso reinventar o gosto pela leitura hoje relegada para preocupação elitista que se não compadece com jogos de consola e outras formas de entretenimento que raramente introduzem conhecimentos. É urgente não só ensinar as pessoas a lerem como a aprenderem a interpretar, torná-las seres pensantes capazes de questionar as mensagens subliminares que diariamente lhes são injetadas pelos meios de comunicação social, pelos políticos e outros manipuladores de mentes. Educá-las é isso, é proporcionar-lhe os instrumentos para não serem em dogmas inabaláveis, a própria História é reescrita diariamente com novos dados e novas descobertas científicas.

Voltemos agora a este oásis que os Colóquios da Lusofonia têm sido desde 2001, incluindo a sua relevante ação (nestes anos mais recentes) na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, e visitas culturais e, no último dia despedem-se como se de amigos de longa data se tratasse. **Não buscam mais uma Conferência para o currículo - quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado** - antes partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. E a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas. A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia que a ele foram buscar raízes bem como ao Padre António Vieira, a Fernão Mendes Pinto e ao embaixador Aparecido de Oliveira. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarmos esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Depois de José Augusto Seabra, os nossos patronos fundadores são desde 2007 Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e em 2011 a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia. Depois, acrescentamos como Sócios Honorários e Patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e José Ramos Horta em 2016 (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram no ano passado Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili da Academia de Letras de Brasília. A Academia Angolana juntar-se-á a nós no 28º colóquio em outubro 2017 em Vila do Porto.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos e que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva sem se fragmentar em variantes que, isoladamente, pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos na nossa atual escrita unificada, todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes: da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes. Nos Açores, agregamos académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da Lusofonia. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade

. Neste colóquio a mensagem final é que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Falemos Português independentemente da nossa cidadania. Em Portugal e noutros países, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por bem falar e escrever e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Detestamos em Portugal, o rigor e a exigência e franqueamos a pressa e a santa ignorância, lemos pouco e mal pois habituamo-nos a alucinar diariamente frente ao pequeno ecrã da televisão do geral contentamento descontente...somos culturalmente derrotistas, pessimistas, desorganizados, conservadores, masoquistas e rimo-nos de nós mesmos ao falarmos do país pequeno e atrasado. À falta de ambição, iniciativa e criatividade preferimos o novo-riquismo parolo e deleitamo-nos com a futilidade e as aparências.

Entrementes, a língua portuguesa está a ser diariamente enriquecida pelos idiomas e dialetos locais noutros países. Jamais esqueçamos que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Aqui alertamos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes colóquios, também cada um de nós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós, sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, mas buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias, tentando abarcar todas as áreas do conhecimento e não só os aspetos linguísticos que presidiram à sua génese. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos e estabeleceram parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outras entidades que permitam embarcar em projetos mais ambiciosos com a necessária validação científica.

A Lusofonia é uma pintura inacabada; é comer vatapá e goiabada, servir um pastel de bacalhau ou cachupa, regados com a timorense TUAKA ou vinho verde, ao ritmo de um samba ou da marrabenta; viajar até Goa com Camões, a Macau com Camilo Pessanha, andar descalço no Moçambique *Sonâmbulo* de Mia Couto, rever o Makulusu na prosa do Luandino Vieira, ver a areia vermelha nos musseques de Luanda; admirar Amílcar Cabral e curtir a morabeza cabo-verdiana ao som de um batuque; atravessar o Atlântico e reencontrar em Salvador da Bahia a ginga africana, os sabores do **mufete** de especiarias da Amazônia, aprender candomblé e venerar Iemanjá, visitar as igrejas e casas coloridas de Ouro Preto, Olinda, Mariana, Paraty, Diamantina, e sentir algo que não se explica em Malaca, Sri Lanka ou no bairro dos Tugus em Jacarta.

Finalizo, avisando que teremos dias intensos e pouco iremos ver desta bela Belmonte, que recebeu foral de Dom Sancho I em 1199 e onde nasceu Pedro Álvares Cabral. É orgulhosa herdeira da herança judaica sefardita que permeia o sangue de muitos portugueses, através dos marranos que aqui mantiveram uma comunidade criptojudaca que apenas na década de 70 estabeleceu contacto com os judeus de ISRAEL e oficializou a sua religião.

Forçados a abjurar o judaísmo, perseguidos por nos termos tornado cristãos-novos à força, impossibilitados de regressar ao judaísmo oficial e incapazes de criar uma igreja marrana, tornámo-nos um povo com identidade, não apenas múltipla e miscigenada, mas difusa e sempre dominada por uma angustiante duplicidade, que nos tem impelido, ora para a exagerada euforia otimista, ora para o recorrente pessimismo de não termos assumido uma identidade, qualquer que fosse, mas uma identidade assente em inequívocas raízes de pertença, interiorizadas em todas as suas dimensões. 1

Foi este o mais perene dos muitos crimes da Inquisição, que os dois séculos posteriores à tricentenária história da intolerância não conseguiram reconciliar no ser português que somos hoje.

Na verdade, perdemos a nossa plena identidade a partir do início do século XVI e nunca mais a recuperámos até hoje. Por outras palavras, apesar da tão propalada presença judaica no ser português, ainda não somos capazes de assumir, no século XXI, a dimensão judaica da nossa identidade. (...)

Mas estes dias serão suficientes para nos enamorarmos de BELMONTE e fazermos planos para podermos regressar mais tarde, como eu sempre faço desde que nos anos de 1960 descobri as maravilhosas ruínas da Torre de Centum Cellas que amanhã iremos visitar e as declarei como o mais belo monumento lítico da herança da colonização romana de Portugal. Termino citando Ludwig Wittgenstein “Os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem” esperando que os nossos limites sejam os da nossa língua portuguesa.

14. SINOPSES, BIODADOS E TRABALHOS FINAIS

1) AFONSO TEIXEIRA FILHO, BACHAREL EM LETRAS (2001), DOUTOR EM LINGUÍSTICA (2008), PÓS-DOCTORADO EM TEORIA DA TRADUÇÃO (2016) E BACHAREL EM FILOSOFIA (2017). USP, BRASIL, AICL

¹ Martins, Jorge (2015) *Breve História dos Judeus em Portugal*. Lisboa: Vega.



Graciosa 2015



Galiza 2012



Graciosa 2015



Seia 2014



Moinhos de Porto Formoso 2014

AFONSO TEIXEIRA FILHO, brasileiro, casado, 54 anos.

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e pós-doutorando em Teoria da Tradução pelo Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Defendeu Tese de doutoramento sobre a obra *Finnegans Wake* de James Joyce.

É tradutor profissional, tendo exercido até há pouco, pesquisa sobre as traduções para o português do poema de John Milton, *Paraíso perdido*, na Katholieke Universiteit de Leuven (Lovaina), Bélgica. Paralelamente, realiza pesquisa em Filologia Românica, sobre o romance ibérico.

TEMA 2.1: A POESIA EXCÊNTRICA DE AUGUSTO DOS SANTOS, AFONSO TEIXEIRA FILHO

A poesia de Augusto dos Anjos (1884-1914) talvez seja a mais exótica que há em língua portuguesa. É uma poesia de fundo filosófico, fortemente influenciada pelo pessimismo de Schopenhauer e das filosofias materialistas de Herbert Spenser e Ernst Haeckel.

A terminologia médica, biológica, filosófica e da História Natural preenche os sonetos exóticos desse poeta nordestino, nascido no meio agreste da paisagem brasileira.

Em sua poesia, encontramos versos como:

“Tome, Dr., esta tesoura e.... corte \ Minha singularíssima pessoa”;

“Podre meu pai! A morte o olhar lhe vidra”;

“E a marcha das moléculas regulam \ Com a invariabilidade da clepsidra!”;

“De que matéria bruta \ Vem essa luz que sobre as nebulosas \ cai de incógnitas criptas misteriosas \ Como as estalactites de uma gruta”.

A poesia de Augusto dos Anjos não pode ser colocada em nenhuma escola literária.

Alguns críticos veem nela forte influência parnasiana; outros, uma poesia de cunho simbolista; no entanto, os manuais de literatura a colocam numa classe artificial denominada Pré-Modernismo. No entanto, o Pré-Modernismo não determina estilo nem escola, mas reúne num mesmo grupo autores muito distintos que nada têm em comum que o fato de serem produtos do início do século XX e antecessores do movimento modernista brasileiro iniciado pela Semana de Arte Moderna de 1922.

O pré-modernismo coloca lado a lado autores como Augusto dos Anjos, Euclides da Cunha, Graça Aranha e Lima Barreto, autores que só coincidem na contemporaneidade.

Augusto dos Anjos é tão *sui-generis* quanto cada um desses autores.

É, porém, muito mais exótico. Um autor sem par na poesia universal.

0. Introdução

É difícil situar a pessoa e a poesia de Augusto dos Anjos no tempo e no espaço. A pessoa nasceu num engenho no interior da Paraíba, um local pobre do Nordeste brasileiro, fora de qualquer centro intelectual do país. Sua poesia, escrita nas duas primeiras décadas do século XX não se encaixam em nenhuma escola literária. Tem traços de simbolismo, de parnasianismo e prenúncios de vanguarda; mas não é nada disso.

O crítico Alceu Amoroso Lima denominou esse período de Pré-Modernismo, o que nada diz acerca do que é, mas sim acerca do que antecipa. Ali, colocam-se autores bastante distintos, como Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato, Raul Pompeia, Lima Barreto e Augusto dos Anjos. Nenhuma dessas literaturas pode ser colocada a par de qualquer uma das outras.

Mas, dentre todas, a de Augusto dos Anjos é a mais excêntrica. Esse poeta procurou construir uma metafísica baseada na Biologia, caso único na literatura.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS PORTO FORMOSO 2014, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015

2) ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR, TERCEIRA. AÇORES, AICL



GALIZA 2012 GRACIOSA 2015

(José Henrique do) ÁLAMO OLIVEIRA (José Henrique do) nasceu na Freguesia do Raminho – Ilha Terceira, Açores –, em 1945.

Depois dos estudos no Seminário de Angra, foi funcionário em diversos departamentos governamentais ligados à Cultura.

Como escritor, tem 36 livros publicados com poesia, romance, conto, teatro e ensaio.

Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa, em Portugal e no estrangeiro.

Tem poesia e prosa traduzidas para Inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês.

O seu romance *Já não gosto de chocolates* foi traduzido e publicado nos Estados Unidos da América e no Japão. *Até Hoje, memórias de cão* (3ª edição) recebeu o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal, em 1985; *Solidão da Casa do Regalo* (teatro) recebeu o prémio «Almeida Garrett», em 1999. Em abril de 2002, a Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa – sendo o primeiro português a receber tal distinção. Com algumas incursões na área das Artes Plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros. Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insígnia Autonomica de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.

BIBLIOGRAFIA

- Oliveira. Álamo. 1968. A minha mão aberta. Opúsculo, ed. autor
- Oliveira. Álamo. 1971. Pão Verde, esgotado, ed. autor
- Oliveira. Álamo. 1972 in 14 poetas de aqui e de agora (Antologia). Angra do Heroísmo. União Gráfica Angrense
- Oliveira. Álamo. 1973. Poemas de(s)amor, poesia esgotado. Tip. Fernandes
- Oliveira. Álamo. 1974. Morte ou vida do poeta. Teatro. Angra, Livr. Adriano G de Figueiredo
- Oliveira. Álamo. 1974. Fábulas, poesia, esgotado ed. autor
- Oliveira. Álamo. 1974. Um Quixote. 2ª ed. Teatro
- Oliveira. Álamo. 1976. Os quinze misteriosos mistérios. Poesia, esgotado ed. autor
- Oliveira. Álamo. 1977. Manuel, seis vezes pensei em ti, teatro ed. autor

- Oliveira. Álamo. 1977 in Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975 de Pedro da Silveira. Lisboa ed. Sá da Costa
- Oliveira. Álamo. 1978. Manuel. seis vezes pensei em ti, peça em duas talhadas com dez pevides, posfácio de E Ferraz da Rosa, teatro, 2ª ed. Angra ed. autor.
- Oliveira. Álamo. 1978. Almeida Firmino, Poeta dos Açores. Ensaio, poesia, ed. DRAC. SREC, esgotado
- Oliveira. Álamo. 1978 in Antologia panorâmica do conto açoriano, sécs. XIX e XX, org., prefácio e notas de João de Melo. Lisboa ed. Vega
- Oliveira. Álamo. 1979. Cantar O Corpo. Poesia, esgotado. Angra. União Gráfica Angrense ed. autor
- Oliveira. Álamo. 1980. Eu Fui Ao Pico Piquei-Me, poesia, esgotado, ed. autor
- Oliveira. Álamo. 1982. Uma Hortênsia Para Brianda. Teatro, ed. Separata Atlântida
- Oliveira. Álamo. 1982. Abordagem" (teatral) a "Quando o mar galgou a terra" de Armando Côrtes-Rodrigues, Ensaio, separata da "Atlântida". Angra do Heroísmo
- Oliveira. Álamo. 1982. Burra Preta Com Uma Lágrima, ficção, ed. autor
- Oliveira. Álamo. 1982. Itinerário das Gaivotas, poesia, ed. SREC. DRAC esgotado
- Oliveira. Álamo. 1982. «Nota de abertura ou Almeida Firmino, um poeta a recuperar» in Firmino, Almeida. Narcose: obra poética completa. Angra do Heroísmo. SREC. pp. 9-20.
- Oliveira. Álamo. 1982. O presépio de esfervite: São Bartolomeu da Terceira com Etelvina Fraga, Manuel Fernandes, ed. DRAC. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra
- Oliveira. Álamo. 1983 in Antologia The Sea Within, a selection of Azorean poets, ed. Gávea-Brown. EUA
- Oliveira. Álamo. 1983 in 12 poetas dos Açores, org. e notas de Emanuel Jorge Botelho. Lisboa: IN-CM.
- Oliveira. Álamo. 1983. Nem mais amor que fogo, poesia, com Emanuel Jorge Botelho. Angra ed. autor
- Oliveira. Álamo. 1983. Em louvor do Divino Espírito Santo: fotomemória de Francisco Ernesto de Oliveira Martins, conto de Álamo O. Angra. DRAC. DS Emigração. IN-CM
- Oliveira. Álamo. 1984. Missa Terra Lavrada. Teatro, ed. DRAC. SREC
- Oliveira. Álamo. 1984. Sabeis quem é este João? Teatro, peça sobre o beato João Baptista Machado, ed. Separata Atlântida vol. 29 pp. 3-68 IAC
- Oliveira. Álamo. 1984. Triste vida leva a garça. 1ª ed., Ed. Ulmeiro
- Oliveira. Álamo. 1985. «Terceirense e Pintor: José Lúcio» Atlântida vol. XXX 2º sem. Angra do Heroísmo IAC pp. 34. 35.
- Oliveira. Álamo. 1986. Até hoje, memórias de cão, Romance. 1ª ed. Ulmeiro, esgotado
- Oliveira. Álamo. 1986. Textos Inocentes. Poesia, ed. autor
- Oliveira. Álamo. 1987. O traje nos Açores, com João Afonso. 2ª ed. Angra. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais
- Oliveira. Álamo. 1987. Até hoje, memórias de cão, Romance. 2ª ed., Ulmeiro esgotado
- Oliveira. Álamo. 1987. Interação entre atividades culturais na região e ao nível local, correntes "ascendentes" e "descendentes". Ponta Delgada. UAç
- Oliveira. Álamo. 1987. Erva-Azeda. Poesia. Angra do Heroísmo
- Oliveira. Álamo. 1988. Açores, com fotografia de Maurício Abreu, intro e seleção de textos de Álamo Oliveira, inglês Joaquim Nascimento. Setúbal. Ed. M Abreu e V. Figueiredo
- Oliveira. Álamo. 1988. Até hoje, memórias de cão. Romance. 3ª ed. Angra, ed. Signo
- Oliveira. Álamo. 1990. O cenário de uma geração. Angra do Heroísmo, inédito 19 pp. Congresso de Literaturas Lusófonas de Expressão Portuguesa, Casa dos Açores de Lisboa.
- Oliveira. Álamo. 1990. A Madeira é um jardim, Raminho, ed. Álamo Oliveira. Tip. Serafim Silva. Artes Gráficas. Maia
- Oliveira. Álamo. 1991. Contos Com Desconto. Contos. Angra do Heroísmo: IAC
- Oliveira. Álamo. 1992. Impressões de boca. Angra do Heroísmo: SREC DRAC, esgotado
- Oliveira. Álamo. 1992. Pátio d'Alfândega. Meia-Noite, romance, ficção. col. Chão da Palavra. Lisboa ed. Vega
- Oliveira. Álamo. 1992. Eugénio de Andrade nos Açores. Núcleo Açoriano da Fundação Eugénio de Andrade. Ponta Delgada. Câmara Municipal
- Oliveira. Álamo. 1994. Manuel, seis vezes pensei em ti. 2ª ed. Teatro, ed. Jornal de Cultura
- Oliveira. Álamo. 1994. Pai, a sua benção: Antologia de textos de autores açorianos. Ponta Delgada. DRAC.
- Oliveira. Álamo. 1994. A história da Belárvore na cidade da Burocrácia, com desenhos de Virgílio Toste. Angra. Direção-geral de Organização e Administração Pública
- Oliveira. Álamo. 1994. Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Vanessa Seed, ed. de M Abreu e Victor Figueiredo. 1ª ed. Setúbal. Corlito
- Oliveira. Álamo. 1995. Burra preta com uma lágrima. 2ª ed., romance. Lisboa, ed. Salamandra
- Oliveira. Álamo. 1995. Os sonhos do infante. 2ª ed., Teatro. Ponta Delgada. Jornal de Cultura
- Oliveira. Álamo. 1995. Impressões de boca. ilustrações David Almeida, col Gaivota 76. SREC
- Oliveira. Álamo. 1995. Olá pobreza, textos de pompa e circunstância. Ponta Delgada. Ed. Éter
- Oliveira. Álamo. 1995. E choveu papel, com Luís Belerique e Miguel Silveira. Angra. Direção Regional da Organização e Administração Pública
- Oliveira. Álamo. 1995. Pai, a sua benção. Antologia de textos açorianos, org por Álamo, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, ed. Coingra. SREC. DRAC
- Oliveira. Álamo. 1996. O homem suspenso. Supl. Açoriano de Cultura nº 43

- Oliveira. Álamo. 1996. Olá. Pobreza! Ensaio, ed. Jornal de Cultura
- Oliveira. Álamo. 1996. Os sonhos do Infante, teatro. Angra. Grupo de teatro Alpendre
- Oliveira. Álamo. 1997. Com perfume e com veneno, contos. Lisboa, ed. Salamandra
- Oliveira. Álamo. 1998. Mar de baleias e de baleeiros, com João Afonso. Museu dos Baleeiros. Lajes ed. SREC
- Oliveira. Álamo. 1998. António, porta-te como uma flor, gravuras de António Dacosta. Lisboa, ed. Salamandra
- Oliveira. Álamo. 1999. Já não gosto de chocolates, romance. Lisboa, ed. Salamandra
- Oliveira. Álamo. 1999. Morte que mataste lira, com Carlos Alberto Moniz, Teatro, Lisboa ed. Dito E Feito
- Oliveira. Álamo. 1999. Almeida Garrett, ninguém, teatro. Alpendre Teatro, ed. autor
- Oliveira. Álamo. 2000. A Solidão da Casa do Regalo, Prémio de Teatro Almeida Garrett 1999, ed. Salamandra
- Oliveira. Álamo. 2000. Memórias de ilha em sonhos de história. Poemas sobre aguarelas de Álvaro Mendes, ed. Álvaro Mendes
- Oliveira. Álamo. 2000 in Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, I. Camões e Seixo Publishers
- Oliveira. Álamo. 2000. Valter Vinagre, espírito nas ilhas, com Valter Vinagre, Manuel Hermínio Monteiro, ed. Instituto Camões. Ministério dos Negócios Estrangeiros
- Oliveira. Álamo. 2001. Cantigas do fogo e da água, quadras sobre aguarelas de Álvaro Mendes, teatro. Teatro do Ser, atuações 2002, 2003, 2006
- Oliveira. Álamo. 2002. Judite, nome de guerra de Almada Negreiro, Adaptação. Teatro
- Oliveira. Álamo. 2002. NEO 1 vol. 1 com Urbano Bettencourt, Adelaide Monteiro Batista, Carla Silva, Pedro Alvim Pinheiro, ed. Deptº de Línguas e Literaturas Modernas. UAç
- Oliveira. Álamo. 2002. O homem que era feito de rede, com Katherine Vaz e Vamberto Freitas, ed. Salamandra
- Oliveira. Álamo. 2003. O meu coração é assim. Antologia editada por Diniz Borges, ed. Câmara Municipal de Angra do Heroísmo
- Oliveira. Álamo. 2003. Até hoje, memórias de cão. 2ª ed. Romance, ed. Salamandra
- Oliveira. Álamo. 2003. Angra. cidade do mundo. Sanjoaninas 2002. Terceira. Açores, foto de Carlos Garcia, ed. Foletras
- Oliveira. Álamo. 2004. Pedro da Silveira 1922-2003, um breve perfil. Boletim do NCHorta vol. 13
- Oliveira. Álamo. 2004. A Solidão da Casa do Regalo; Almeida Garrett. ninguém. Teatro. 2ª ed. ed. Salamandra
- Oliveira. Álamo de. 2005. "As mulheres em 'Já não gosto de chocolates'" em M. Marujo, A. Baptista e R. Barbosa (ed.) Congresso A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa. The Voice and Choice of Portuguese Immigrant Women. Proceedings 1ª International Conference. Toronto. University of Toronto. Dept of Spanish and Portuguese pp. 68-71
- Oliveira. Álamo. 2005. Açores, Azores com Maurício Abreu, versão inglesa de Peter Ingham, ed. M Abreu e Victor Figueiredo. 2ª ed. Setúbal, Fotografia e Ed. Lda.
- Oliveira. Álamo. 2006. I No Longer Like Chocolates. Trad. Diniz Borges. San Jose. PHPC
- Oliveira. Álamo. 2007. Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
- Oliveira. Álamo. 2007. Açores profundos, Profound Azores, com Paulo Filipe Monteiro e Madalena San-Bento, trad Patrícia Correa Costa. Porto. Caixotim Ed.
- Oliveira. Álamo. 2007. Terceira, uma ilha sempre em festa, foto João Costa. edição bilingue. Praia da Vitória, ed. Blu
- Oliveira. Álamo. 2007. O ciclo do Espírito Santo. The Holy Ghost Cycle com João Manuel Magina Medina, João António Martins, Ana Martins. Angra, ed. J M M Medina
- Oliveira. Álamo. 2008. "Já não gosto de chocolates" Ed. Japonesa Random House Kodansha
- Oliveira. Álamo. 2008. Terceira, a ilha dos Impérios. Terceira Impérios Island com Mário Duarte e trad de Alexandra Grilo. Praia da Vitória, ed. Blu
- Oliveira. Álamo. 2010. Andanças de pedra e cal 1ª ed. Praia da Vitória, ed. Blu
- Oliveira. Álamo. 2010. Padre, Filho, Espírito Santo e o Futuro. IV Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo. PHPC. San Jose. Califórnia
- Oliveira. Álamo. 2010 Passos de nossos avós, ed. Manuela Marujo, Aida Baptista.
- Oliveira. Álamo. 2011. Caneta de tinta permanente na poesia popular, dedicado a Manuel Caetano Dias "Caneta". Nova Gráfica ed. autor
- Oliveira. Álamo. 2011 in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia
- Oliveira. Álamo. 2011 in Antologia da Memória poética da Guerra Colonial. Roberto Vecchi, Margarida C Ribeiro (org.). Fotos: Manuel Botelho. Notas: Luciana Silva e Mónica Silva. 1.ª ed. Porto: Afrontamento. Poesia. ISBN 9789723611748. 648 págs.
- Oliveira. Álamo. 2012 in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia
- Oliveira. Álamo. 2012. Quatro prisões debaixo de armas, Teatro, baseado no conto homónimo de Vitorino Nemésio, prefácio de A M Machado Pires, ed. autor
- Oliveira. Álamo. 2013. Adelaide Freitas. Atas 19º colóquio da lusofonia. Maia. S Miguel. Açores
- Oliveira. Álamo. 2013. Portugal pelo mundo disperso, coord de Teresa Cid. 1ª ed. Lisboa, Tinta da China
- Oliveira. Álamo. 2013. Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo. AICL, Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras, V. N. de Gaia
- Oliveira. Álamo. 2013. Murmúrios com vinho de missa. 1ª ed. Angra. Letras Lavadas
- Oliveira. Álamo. 2013. Murmúrios com vinho de missa. 2ª ed. Ponta Delgada. Letras Lavadas

Oliveira. Álamo. 2014. No centenário de nascimento do pintor António Dacosta 1914-2014, IAC, Atlântida vol. LIX

Oliveira. Álamo. 2014. Marta de Jesus. a verdadeira. Letras Lavadas.

Oliveira. Álamo. 2014. Madalena Férin Atas 20º colóquio da lusofonia. Seia. Portugal

Oliveira. Álamo. 2015. Um escritor açoriano Manuel Machado Atas 24º Colóquio da Lusofonia. Graciosa. Açores

Antologias (mais recentes)

In Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras, AICL, VN de Gaia, 2011

In Antologia (Monolingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras, AICL, VN de Gaia, 2012.

Viaje aqui pelos

1. [CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS # 5](#)

2. [SUPLEMENTO DOS CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS #5](#)

Vídeos do AUTOR:

3. [A TRECEIRA DE JASUS](#)

4. <https://www.youtube.com/watch?v=FEeyiakpWiQ>

5. <http://www.youtube.com/watch?v=yg5KN9d0lX4>

6. <https://www.youtube.com/watch?v=Mz-lULWc5lq>

7. [Vídeo homenagem AICL 1 2013](#)

8. [Vídeo homenagem AICL 2 2013](#)

9. [Vídeo homenagem Seia 2013](#)

10. [VÍDEO HOMENAGEM AICL AO AUTOR-2 ESTH-IPG 2014](#)

TEMA: 3.1. A KRÍTICA PUÉTIKA, SOBRE UM TEXTO DE URBANO BETTENCOURT, O GATO QUE NÃO TINHA CAMA SUA

Em 1958, no suplemento de Artes e Letras «Quarto Crescente» (jornal «A União») Urbano Bettencourt fez publicar um texto que, só aparentemente, parece arrelhar o leitor.

Alguns anos mais tarde, o autor repescou esse texto e devolveu-lhe a importância

Literária e técnica a que tinha direito.

Como se sabe, Urbano Bettencourt é um dos melhores críticos da Literatura açoriana.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 25º GRACIOSA 2015

3) ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA

Alexandre Banhos Campo nasceu na cidade da Crunha no ano 54, é licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid. É master em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC.

É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo. Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega.

Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa. É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta.

É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego), única Fundação da Galiza onde quase a metade do seu órgão de governo, são portugueses. Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial.

Tem participado em múltiplos encontros e congressos a ver com a língua, em muitos deles como relator. Desde há 40 anos, está comprometido com o ativismo cultural.

Tem publicado centos de artigos sobre todo tipo de temáticas, entre eles os de conteúdo linguístico, e foi colaborador habitual e ocasional (ainda é ocasional) de diversos jornais da Galiza. Nos anos 2000 a 2005 formou parte da Comissão Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissão, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos. Ocupou também postos de responsabilidade no sindicato CIG. Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ. Tem publicado sobre temas de direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social. Além disso anda a trabalhar nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa. Tem publicado trabalhos sobre o tema da configuração política europeia e peninsular.



BRAGANÇA 2010 Moinhos 2014 Graciosa 2015

TEMA: 2.3. ESPANHA VERSUS HESPANHA. UMA OLHADA DESDE A GALIZA E PORTUGAL, ALEXANDRE BANHOS DA FUNDAÇÃO MEENDINHO

1. INTRODUÇÃO

Se um dizer, ao pessoal, que Portugal apresentou protesto diplomático em 1830, quando o estado peninsular que não é Portugal se definiu como Espanha, por se atribuir Castela (e suas dependências), um nome que pertencia a todos os peninsulares; a gente vai ficar surpresa.

Se um informar que o Supremo Tribunal de Justiça de esse mesmo outro estado peninsular, até a reforma de 1874/76 se chamava *Consejo de Castill(h)a*, não vai entender muita cousa. Se um apontar que Espanha não teve colónias americanas nunca, que em realidade quem as teve foi o reino de Castela, a surpresa ainda vai ser muito mais grande.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPA DESDE 2006 NOS COLÓQUIOS: BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 24º GRACIOSA 2015

4) ALEXANDRE LUÍS, UBI (UNIV BEIRA INTERIOR) / LABCOM. IFP, COVILHÃ. AICL (ALUIS@UBI.PT)



Seia 2013-2014

Alexandre António da Costa Luís nasceu no Canadá. É licenciado em História (Bom com Distinção, 17 valores) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde arrecadou os prémios *Curricular Feijó* e *Latim Medieval Gerales Freire*.

Obteve os graus de mestre em História Moderna (Muito Bom, por unanimidade) e de doutor em História, especialidade de História dos Descobrimientos e da Expansão Portuguesa (Aprovado com Distinção e Louvor, por unanimidade), igualmente na Universidade de Coimbra. É Professor Auxiliar e Vice-Presidente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. É investigador do LABCOM.IFP (Comunicação, Filosofia e Humanidades) da Universidade da Beira Interior e do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (Secção de História) e da Comissão Científica da *Revista Egíptia Scientia* (IPG) e sócio da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Da lista das suas publicações dos últimos cinco ou seis anos, destacamos:

Um Olhar sobre Temáticas da Lusofonia, Setúbal, Edições Fénix;

“Da Defesa do Reino à Construção do Império: o mito de Ourique e a ideologia da Expansão Portuguesa (séculos XV-XVI)”, in Urbano Sidoncha e Catarina Moura (org.), *Culturas em Movimento. Livro de Atas do I Congresso Internacional sobre Cultura*, Covilhã, LABCOM.IFP, 2016, pp. 125-153;

“Portugalidade e Portuguesismo à Luz de uma Crónica de Alexander Ellis”, in Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Alexandre António da Costa Luís e Miguel Real (org.), *Mário Cláudio e a Portugalidade*, Setúbal, Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, com o apoio da FCT, 2015, pp. 39-56;

“Afonso de Albuquerque e a Construção do Estado - Império Português da Índia”, in *XXIII Colóquio da Lusofonia. Livro de Atas/Anais*, Fundão, 2015, pp. 34-50;

“A Marinha de Guerra e a Consolidação da Independência Portuguesa: D. Dinis e a contratação de Manuel Pessanha”, in *A Formação da Marinha Portuguesa. Dos Primórdios ao Infante. Atas XII Simpósio de História Marítima*, Lisboa, Academia de Marinha, 2015, pp. 179-196;

“A Imagem de Portugal promovida pela Instrumentalização Salazarista do Lusotropicalismo”, in Cristina Costa Vieira, Paulo Osório e Henrique Manso (coord.), *Portugal-Brasil-África: relações históricas, literárias e cinematográficas*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2014, pp. 13-34 (em parceria com Carla Luís);

“Um Breve Olhar sobre a Génese da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)”, *Revista de Letras*, n.º 13, série 2, Vila Real, Centro de Estudos em Letras, Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, dezembro de 2014, pp. 57-80 (em parceria com Carla Luís);

“A Última Grande Conquista do Rei D. João II: o Tratado de Tordesilhas (1494)”, *Revista de Estudos Cabo-Verdianos. Atas II Encontro Internacional de Reflexão e Investigação*, Praia, Edições Uni-CV, dezembro de 2014, pp. 125-134; *O Portugal Messianico e Imperial de D. João II na Oração de Obediência dirigida a Inocêncio VIII em 1485*, Covilhã, LusoSofia:press, Universidade da Beira Interior, 2013;

“A África na Política Joanina de Consolidação da Independência Portuguesa – o caso da tomada de Ceuta (1415)”, in Cristina Costa Vieira, Alexandre António da Costa Luís, Domingos Ndele Nzau, Henrique Manso e Carla Sofia Gomes Xavier Luís (coord.), *Portugal-África. Mitos e Realidades Vivenciais e Artísticas*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, com o apoio da FCT, 2012 pp. 187-214;

“O Papado Perante a Expansão Portuguesa: o significado político da bula *Romanus Pontifex* (1455)”, in José Maria Silva Rosa (org.), *Da Autonomia do Político: entre a Idade Média e a Modernidade*, Lisboa, Documenta, com o apoio da FCT, 2012, pp. 269-288;

“Cavaco Silva e as Eleições Legislativas de 1985: uma introdução”, *UBILETRAS*, n.º 3, Covilhã, 2012, pp. 141-165; “Uma Potência em Ascensão: Portugal à luz do discurso proferido por D. Garcia de Meneses perante o Papa Sisto IV (1481)”, in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (org.), *Representações da Portugalidade*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 243-263

TEMA 1.1. BREVES REFLEXÕES SOBRE A DESCOBERTA DO BRASIL

Decorrendo o XXVII Colóquio da Lusofonia em Belmonte, terra à qual está associado Pedro Álvares Cabral, figura incontornável da expansão marítima portuguesa dos séculos XV e XVI e da revolução geográfica então em curso, o presente trabalho, que de certa forma assume essencialmente uma finalidade pedagógica, consiste numa incursão por algumas questões polémicas que têm, com maior ou menor assiduidade, alimentado o debate historiográfico sobre o tema da descoberta do Brasil.

Assim, no concreto, são produzidas concisas reflexões em torno da problemática do verdadeiro e legítimo descobridor do Brasil e ainda a respeito do dilema do acaso ou da intencionalidade, matérias, sem dúvida, geradoras de ardente controvérsia e, portanto, que têm, ao longo dos anos, feito correr imensa tinta.

Trabalho final não recebido dentro do prazo

SÓCIO AICL.

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012, 20 EM SEIA 2013, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 25º MONTALEGRE 2016 E 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016.

5) ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES. AICL



BRAGANÇA 2009 BRAGANÇA 2010 BRAGANÇA 2009 LOMBA DA MAIA 2016

ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, sendo aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos. Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.^a Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade. Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart. Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago.

ATAS 27º colóquio 6-9 abril 2017 BELMONTE



Com a UDESC SANTA CATARINA 2010



IPM (MACAU) 2011 VILA DO PORTO 2011 LAGOA 2012 Seia 2013



BRAGANÇA 2009 FUNDÃO 2015 MACAU 2011

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando desde 2004 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada.

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC. Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas. No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância. No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra. No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).



2012 GALIZA Graciosa 2015 Montalegre 2016



No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano). No 20º Colóquio em Seia 2013 estreou mais peças musicadas de autores açorianos, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos. Entre o 22º e o 26º colóquio compôs mais música de poetas açorianos que foi revelando em cada recital, esperando-se que em 2017 possa apresentar essas criações em CD.

Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010.

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA-GERAL.

PARTICIPA DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS.

LIDEROU AS PERFORMANCES MUSICAIS EM BRAGANÇA 2008-09, LAGOA (AÇORES) 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO (AÇORES) 2011, LAGOA (AÇORES) E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA (AÇORES) E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA (AÇORES) 2015.

MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016.

DEU 4 RECITAIS COM HENRIQUE CONSTÂNCIA (VIOLONCELO) E ACADEMIA DE MÚSICA LOCAL.

[Regressar índice](#)

6) ANABELA NAIÁ SARDO, ESTH, UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR - INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA. AICL ASARDO@IPG.PT PRESENCIAL

Anabela Oliveira da Naia Sardo é professora adjunta da Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Instituto Politécnica da Guarda, Portugal.

É doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês. Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG). Foi, desde 2009, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), onde lecionava desde o ano 2000, cargo que exerceu até janeiro de 2015. Faz parte do Conselho Técnico-científico desta Escola desde 2002, tendo sido, durante cinco anos, presidente deste órgão. Pertence, igualmente, ao Conselho Geral do IPG desde 2008, cargo para o qual foi reeleita em 2012. É, desde 2015, Presidente do Conselho Pedagógico da ESTH / IPG. É membro integrado da Unidade de Investigação e Desenvolvimento do Interior (UDI) e faz parte da equipa fundadora do “Observatório de Turismo da Serra da Estrela”, com sede na ESTH / IPG. É também sócia fundadora da AICL - Associação dos Colóquios da Lusofonia. Faz parte da Comissão Científica Permanente desta associação internacional desde 2013 (triénios 2013 – 15 e 15 – 17). É membro do Conselho Editorial Externo da revista *Millenium* do Instituto Politécnico de Viseu. Para além da investigação que tem vindo a realizar na área da Literatura Portuguesa, especificamente acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, também faz pesquisa ao nível da área científica do Turismo, tendo um especial interesse pelo denominado Turismo Cultural e Literário.



MONTALEGRE 2015



GRACIOSA 2015

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

FAZ PARTE DO COMITÉ CIENTÍFICO PERMANENTE.

PARTICIPOU NO 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO (AÇORES), 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º MONTALEGRE E 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES)

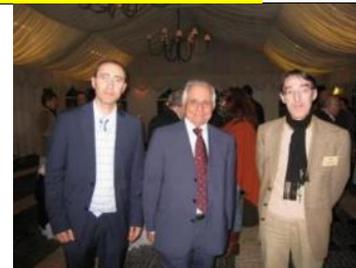
7) **ÂNGELO CRISTÓVÃO, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA (AGLP), ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA. AICL**



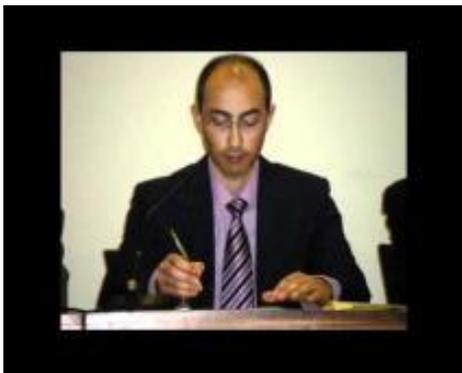
Bragança 2007



Bragança 2010



Lagoa 2009



SEIA 2014



SEIA 2014



Galiza 2012

ÂNGELO CRISTÓVÃO, Empresário, licenciado em Psicologia, nasceu em Santiago de Compostela em 1965. Responsável pela página web «www.lusografia.org». Desde 1994 secretário da Associação de Amizade Galiza-Portugal, tendo organizado os Seminários de Políticas Linguísticas (2003, 2004, 2006). Presidiu à Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, em cujo nome interveio na Conferência Internacional - Audição Parlamentar sobre o Acordo Ortográfico, realizada na Assembleia da República em 7 de abril de 2008.

Alguns artigos e comunicações:

- 1984: «Estudo antropológico da aldeia de Bustelo, Concelho de Dodro». Inédito.
- 1987: «Uma escala de atitudes perante o uso da língua», comunicação ao III Congreso Español de Psicología Social (Valência) In *Agália* #14 (1988) pp. 157-177.
- 1989: «Aspetos sociolinguísticos da problemática linguística e nacional na Galiza Espanhola», II Congresso da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. Atas, 1989, Ourense, pp. 237-254.
- 1990 a: «Bibliografia de Sociolinguística lusófona», in *Temas do Ensino de Linguística e Sociolinguística*, vol. VI, n.º 21-26, pp. 71-99; in *Noves de Sociolinguística*, n.º 9, Institut de Sociolinguística Catalana. Barcelona, pp. 3-33.
- 1990 b: «Medição de variáveis: competência e uso linguístico». Comunicação ao III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, Ourense, outubro. Publicada em *Cadernos do Instituto de Estudos Luso-Galaicos "Manuel Rodrigues Lapa - Ricardo Carvalho Calero" Associação de Amizade Galiza-Portugal Série "Investigação" vol. I 1994, Comunicações suprimidas n.º 2.*
- 1991 a: «eficácia da goma de mascar (Nicorette®) no abandono do tabagismo». Estudo com técnicas de meta-análise apresentada no Curso de Doutoramento em Psicologia Social. Programa: "Perceção, Representação e Conhecimento Social". Faculdade de Psicologia. Univ. de Santiago. Inédito. 83
- 1992 a: «Language Planning: Atitudes», in *Atas do «I Congreso de Planificación Lingüística»*, Santiago de Compostela, pp. 383-400.
- 1992 b: «Análise causal da Teoria do Comportamento Planeado com dados supostos». 21 pp. Trabalho apresentado no Curso de Doutoramento em Psicologia Social. Programa: "Perceção, Representação e Conhecimento Social". 16 junho. Faculdade de Psicologia. Univ. de Santiago. Inédito.
- 2002. Presente no 1º colóquio da lusofonia, Porto, novº
- 2003: «Sociolinguística e cientificidade na Galiza», 2º Colóquio Lusofonia, Bragança, outº
- 2004 a: «Questione della língua: introdução e bibliografia», VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Univ. de Coimbra, 17 de setembro
- 2004 b (org) Lluís V. Aracil: *Do Latim às línguas nacionais: introdução à história social das línguas europeias*. Associação de Amizade Galiza-Portugal, Braga.
- 2004 c: «O contributo de António Gil à Sociolinguística galega», 3º Colóquio da Lusofonia. Bragança, outº
- 2005: «A República Literária e a Lusofonia - Semelhanças, diferenças e exemplos», 4º Colóquio da Lusofonia. Bragança,
- 2006: «A lusofonia galega: processos e modelos desde 1980», 6º Colóquio Anual da Lusofonia. Bragança,
- 2007: «A posição galega ante os Acordos Ortográficos da língua portuguesa», 8º Colóquio Anual da Lusofonia.
- 2008: «O processo de criação da Academia Galega da Língua Portuguesa "10º Colóquio da Lusofonia. Bragança, outº.
- 2009 «Os Discursos Sobre A Língua Na Galiza: Entre O Modelo Nacional e o Patoá" 12º Colóquio da Lusofonia. Bragança, outº.

TEMA: 2.3. A GESTÃO DO ACORDO, ÂNGELO CRISTÓVÃO

RESUMO

O Colóquio da Lusofonia tem sido um espaço privilegiado para o nascimento de diversas iniciativas de valor histórico, entre os quais a primeira expressão pública do projeto de criação da Academia Galega da Língua Portuguesa, apresentada em Bragança em 2006 pelo professor José-Martinho Montero Santalha, que viria a ser o seu primeiro presidente no período 2008-2016. Quem tenha assistido regularmente aos colóquios terá comprovado algumas mudanças no discurso dos participantes galegos, e terá constatado como a língua portuguesa tem ganhado maior protagonismo na vida pública da Galiza. No texto descrevem-se detalhadamente os passos seguidos por entidades da sociedade civil para gerar um acordo que respondesse às necessidades da maioria social, e os passos dados para a produção de legislação favorável ao português, incluindo os atos mais destacados da sua negociação.

Nesta palestra o autor pretende cingir-se ao que se poderia denominar a produção e gestão do Acordo, ou dos Acordos na sociedade galega, recentemente constatados, especialmente a Iniciativa Legislativa Popular Valentim Paz-Andrade, e a sua concretização na “Lei para o Aproveitamento da Língua Portuguesa e Vínculos com a Lusofonia” aprovada por unanimidade no Parlamento galego em 11 de março de 2014. Finalmente realiza alguns comentários sobre a fórmula possível para a gestão do período que se poderemos denominar pós-conflito.

Nota:

Uma versão mais ampla deste trabalho foi apresentada, sob o título "A iniciativa Paz-Andrade", nas Jornadas "Xosé Calviño" organizadas pelo Liceu de Ensino Secundário "Instituto Arcebispo Gelmires" de Santiago de Compostela, o dia 4 de abril de 2017.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMOU PARTE ININTERRUPTAMENTE DO 1º AO 12º, E DEPOIS NO 14º BRAGANÇA 2010, 17º NA LAGOA 2012, 18º COLÓQUIO GALIZA 2012, 22º COLÓQUIO SEIA 2014, 25º MONTALEGRE 2016.

PRESIDE À FUNDAÇÃO DA AGLP. EM 2015 TORNOU-SE SÓCIO CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA.

8) ANTÓNIO CALLIXTO, EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA DO TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO (1986-2012, APOSENTADO). AICL. PRESENCIAL



GRACIOSA 2015 Graciosa 2015 MONTALEGRE 2016 MONTALEGRE 2016

António Callixto, Licenciado em Filologia Germânica. Filólogo e investigador linguístico. Antigo chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, Luxemburgo (1986-2012).

António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução. Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos.

Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira.

Em 1974 licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Além das línguas obrigatórias (inglês e alemão), frequentou como disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe). Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979. Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia.

Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General [Wojciech Witold] *Jaruzelski*, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia. As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco. Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012.

No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução.

Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, António Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.

É SÓCIO DA AICL.

TOMOU PARTE NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA. TOMOU PARTE NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES)

9) ANTÓNIO DE DEUS RAMOS PONCES DE CARVALHO, DIRETOR DA ESE, JOÃO DE DEUS



Doutoramento em Educación Infantil y Familiar: Investigación e Intervención Psicopedagógica, pela Universidad de Málaga (reconhecido pela Universidade Nova de Lisboa), 2011.
 Diploma de Estudios Avanzados (DEA – Suficiencia Investigadora) na área de conhecimento de *Didáctica*
Diplôme d'Études Approfondies (DEA) de Sciences de l'Éducation, pela Université de Caen, 1991
Maitrise de Sciences de l'Éducation, pela Université de Caen, 1990 (França)
 Licenciatura em Física - Ramo Educacional, pela Faculdade de Ciências da Universidade Clássica de Lisboa
 Diploma de Professor Primário Particular, Ministério da Educação

FUNÇÕES

Presidente da Direção da Associação de Jardins-Escolas João de Deus e Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus.
 Presidente da Direção do Comité Português da Organização Mundial de Educação Pré-Escolar - OMEP.
 Membro da Direção da Associação Abade Correia da Serra e Vice-Presidente da Mesa da Assembleia-Geral da Associação Portuguesa do Ensino Superior Privado - APESP.
 Membro do Conselho Consultivo da Formação Contínua de Professores do Ministério da Educação.
 Membro do Conselho Consultivo da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.
 Membro dos Conselhos Gerais do Agrupamento da Escola Bartolomeu de Gusmão e da Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico de Pedro Nunes.
 Membre d'Honneur de l'Association France - Portugal.
 Membro da Comissão de Honra do Plano Nacional de Leitura (nomeado pela Ministra da Educação, a Ministra da Cultura, e o Ministro dos Assuntos Parlamentares Augusto Santos Silva).
 Membro da Comissão de Honra do Portugal Maior, evento integrado no Programa Oficial do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações.
 Membro da Comissão Consultiva da Futurália 2013 - Requalificar Portugal.
 Membro da Comissão de Honra do Dia Internacional do Idoso.
 Conduziu a modernização da Associação de Jardins-Escolas João de Deus, fundada em 1882 criando 29 dos 55 centros educativos existentes. Destacando em 1987 a criação da Escola Superior de Educação João de Deus e em 2002 as Ludotecas Itinerantes João de Deus que têm como objetivo ajudar a combater a exclusão social em bairros de população menos favorecida (Santa Filomena, 6 de maio, Azinhaga dos Besouros e Zambujal, na Amadora, e Cruz Vermelha e Armador, em Chelas), Lisboa.
 Foi membro das Comissões de Peritos dos Cursos de Ensino Superior em Educação e da Comissão de Formação de Professores (domínios 1 a 4) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.
 Foi membro da Comissão Nacional de Acesso ao ensino Superior.
 Foi membro da Direção da CEP - Confederação do Ensino Privado.
 Tem conduzido a modernização da Associação de Jardins-escolas João de Deus (fundada em 1882) e criou 24 dos 55 centros educativos existentes.
 Em 1987, criou a Escola Superior de Educação João de Deus.
 É responsável pela assinatura de mais de uma centena de protocolos, quer internacionais quer nacionais,
 Organizou cerca de uma centena de eventos, de cariz científico e pedagógico, e de extensão à comunidade, e visitas de estudo a 36 países

Na qualidade de Presidente da Associação de Jardins-escolas João de Deus e de Diretor da ESE João de Deus, interveio em reuniões e eventos (113 nacionais e 40 internacionais. Escreveu diversos artigos de opinião, nomeadamente durante 2 anos e meio no Jornal Diário Económico, e participa, regularmente, quer na RTP (Televisão Estatal), quer na SIC, em programas sobre a Educação.

Coordenou 12 cursos de Licenciatura nas áreas de Ciências da Educação e fez supervisão de estágios, da ESE João de Deus

Leciona disciplinas na área das Ciências da Educação, da ESE João de Deus

Ministra cursos para Educadores de Infância e Professores em exercício, em Cabo Verde, São Tomé e

Príncipe, Angola, Moçambique, Timor, Goa, Brasil, Portugal (1987-...).

Coordenou 45 publicações da ESE João de Deus.

Dirige a *Revista Científica de Educação para o Desenvolvimento* do Centro de Investigação João de Deus.

Coordenou 5 Projetos de investigação e organizou 38 reuniões científicas.

Apresentou conferências e comunicações em 64 eventos nacionais e em 19 internacionais

É autor de publicações em revistas (p. exº, *Revista Noesis* e *Revista Inovação*), em obras coletivas (p.e, atas do Conselho Nacional de Educação e atas de eventos científicos no estrangeiro), de prefácios, e dos volumes:

(2011). *A importância e atualidade do método de leitura de João de Deus. Cartilha Maternal de João de Deus*. Tese de Doutoramento. Universidad de Málaga, Departamento de Didáctica da Lengua y da Literatura.

--- (1991). *Eléments pour histoire d'une école de formation des instituteurs de maternelle*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita, Lda.

--- (1990). *La pédagogie de João de Deus Ramos (1878/1953)*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita, Lda

TEMA: 2.5. O IMPACTO DA CARTILHA MATERNAL DE JOÃO DE DEUS

- 1- Breve história sobre a criação da cartilha maternal João de Deus.
- 2- A polémica entre os defensores do método de Castilho e os defensores da cartilha maternal João de Deus.
- 3- João de Deus – a sua herança cultural e pedagógica.
- 4- Linhas de força que caracterizam o método João de Deus.
- 5- Aplicação pedagógica da cartilha maternal João de Deus.
- 6- Análise das vantagens da aprendizagem da leitura e da escrita através da cartilha maternal João de Deus.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ A CONVITE DO PROFESSOR MALACA CASTELEIRO. TOMA PARTE NA SESSÃO DAS ACADEMIAS

10) BRITES ARAÚJO, ESCRITORA AÇORIANA, GRACIOSA, NAV E AICL



MOINHOS 2014

MOINHOS 2014

MOINHOS 2014

MAIA 2013

GRACIOSA 2015

Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micalense e mãe terceirense.

Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.

Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na Ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas. Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador. Ainda aluna do então Liceu Antero de Quental, publiquei um livro de poemas e integrei uma pequena Antologia de poetas açorianos.

Ao longo dos anos tenho publicado, de forma dispersa, em jornais e revistas, tendo ainda colaborado, como letrista, com alguns músicos dos Açores.

Tenho feito, também, algum trabalho de tradução, onde se inclui a versão inglesa do livro "O Menino Perdido", de Susana Margarido. Após uma ausência de 10 anos, por Braga e pela Madeira, voltei aos Açores e a Ponta Delgada, onde me encontro a residir.

BIBLIOGRAFIA

1979, Nós palavras, com Eduardo Bettencourt Pinto, Emanuel Jorge Botelho, Jorge Arrimar, J Tavares de Melo, Luís Xares, Sidónio Bettencourt, Tipografia Gráfica Açoriana

2014, in Antologia no feminino: 9 ilhas 9 escritoras, AICL-Colóquios da Lusofonia, ed. Calendário de Letras

2014, Apresentação da obra (antologia no feminino) 9 ilhas 9 escritoras, in Atas do 21º colóquio da lusofonia, Moinhos de Porto Formoso, S Miguel, Açores

2014, Apresentação da obra (antologia no feminino) 9 ilhas 9 escritoras, no pavilhão multiusos da ilha Graciosa, org Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa

2015, O traço insular em Cecília Meireles, in Atas do 24º Colóquio da Lusofonia, Graciosa 2015, Açores

2016, Influência das migrações na literatura e no léxico açorianos in Atas 25º colóquio da lusofonia, Montalegre 2016

2016 O Livreiro De Santiago, O Corvino Carlos George Nascimento, in atas 26º colóquio da lusofonia, Lomba da Maia 2016

SÓCIA DA AICL.

PRESENTE NO 19º MAIA 2013, 21º COLÓQUIO, MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016

[VIAJE AQUI PELOS CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #29 - VÍDEO HOMENAGEM DA AICL](#)



MAIA 2013 MOINHOS 2014 MONTALEGRE 2016 GRACIOSA 2015

[APRESENTOU UM PUNHADO DE AREIA NAS MÃOS, DIÁRIO, DE MARIA JOÃO RUIVO](#)

Conheci a Maria João teria ela os seus sete ou oito anos e eu os meus treze ou catorze. Sendo colega de turma e amiga da irmã, a Isabel, com quem partilhava uma natureza algo estouvada e buliçosa, frequentei a casa da Rua da Alegria, de que guardo recordações vivas e muito gratas. É desse tempo que me chega a imagem de uma menina calma, de sorriso tímido, que nos olhava, a mim e à irmã, com os olhos de um siso que nos cabia a nós, mais do que a ela. Agora penso que, por essa altura, embora ninguém o soubesse, muito menos ela, talvez já preparasse o livro que traz hoje a público. Mais tarde, no Liceu Nacional de Ponta Delgada (ex-Liceu Antero de Quental e futura Escola Secundária Antero de Quental) viria eu a ser aluna da mãe, a Dra. Idalinda Ruivo e, embora não oficialmente, do pai, o Dr. Fernando Aires, a quem devo, entre muitos outros inestimáveis ensinamentos, muito do gosto que mantenho pela música e dança clássicas.

Falo nisto para justificar o tom afetuoso e informal com que me refiro à autora do livro que aqui trazemos e que ela, a Maria João, a quem agradeço publicamente a confiança e, sempre, a amizade, me convidou a apresentar.

Obrigada, Maria João, pelo teu Diário. (Belmonte, 6 de abril de 2017 – 27º Colóquio Internacional da Lusofonia)

TEMA 3.1. O HUMOR NA OBRA DE URBANO BETTENCOURT

Alguns aspetos da ironia na construção de *Santo Amaro Sobre o Mar*, de Urbano Bettencourt

Quando, em setembro passado, pensei na possibilidade de abordar alguns aspetos do humor na obra de Urbano Bettencourt, não percebi as reais proporções dessa empresa. Uns meses mais tarde, quando vim a percebê-las, já nada havia a fazer: incauta, falara dessa possibilidade ao Chrys Chrystello que, com a rapidez que se lhe conhece, me incluíra no programa com uma comunicação sob o título genérico de “O humor em Urbano Bettencourt”.

Assim, aqui estou eu, na vossa presença e, o que é mais grave, na presença do autor, para falar de um assunto que daria seguramente para muitas teses e para o qual temo não estar satisfatoriamente preparada. Por isso, por precaução, informo (o Urbano em particular) que trouxe comigo uns queijos da Ilha e uma Massa Sovada, caso apeteça a alguém gritar: “Passa a massa e cala a boca!” (vd.: “Crónica de Viagem” in *Que Paisagem Apagarás*, pp. 39-40).

A verdade é que, excluindo os seus artigos académicos e a crítica literária a que com frequência recorri durante as minhas passagens pela Universidade dos Açores, confesso que tenho lido Urbano com o prazer de leitora descomprometida. Habituei-me a desfrutar sem sustos ou obrigações da sua escrita extraordinariamente imaginativa, assente numa linguagem onde nada falta e onde nada é de sobra, intensa, inteligente e profunda, capaz de nos arrebatara nos momentos em que a sua beleza poética é mansa e onírica, como naqueles em que essa beleza se torna tão crua que pode ser arrasadora (veja-se, por exemplo, *África, Frente e Verso*, ou textos como “Antes da Noite” e “Noite”, inseridos em *Que Paisagem Apagarás*). No entanto, mentiria se negasse que no meu pódio das qualidades literárias de Urbano Bettencourt, unânime e justamente enaltecidas por vozes e saberes mais avisados, está o seu refinado e inteligente sentido de humor. Um humor que, decorrendo das mais diversas instâncias e estratégias narrativas, ora se manifesta por uma ironia elaborada e subtil, ora por uma mordacidade acerada, ora, ainda, pelo recurso ao absurdo como forma de relativizar (se não mesmo de parodiar) o real social, político e literário, nas ilhas como fora delas. Às *nuances* humorísticas que encontro na escrita de Urbano, devo tanto o efeito terapêutico de umas gargalhadas libertadoras, como o dos sorrisos que perduram no canto da boca, ou o daqueles que ficam a pairar no limiar da consciência e acontece virem em meu socorro quando deles mais preciso.

Esta comunicação, talvez para escapar à pesada responsabilidade dos imponderados propósitos iniciais, será assim como uma visita guiada pela obra *Santo Amaro Sobre o Mar*, livro que, editado em 2005 pela Editorial Moura Pinto e reeditado em 2009 pela Câmara Municipal de S. Roque do Pico, me parece representativo das *nuances* e das subtilezas da ironia na escrita deste autor. *Santo Amaro Sobre o Mar* abre com um pequeno capítulo introdutório intitulado “Corografias”. Nele se constata que ao *tom taxonómico* que caracteriza a referência a Santo Amaro na *Corographia Açórica*, datada de 1822², apõe o narrador uma outra onde o nome justaposto (*Santamaro*), mais tarde atribuído a erro gráfico de um inglês de quem se falará adiante, inicia uma deriva não só da brevidade perentória do original, como da impessoalidade dela resultante.

11) CARLA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO, ESE, IPB. AICL

² O título completo: *Corographia Açórica, ou Descrição Física, Política e Histórica dos Açores, por um cidadão açorense, M. da Sociedade Patriótica Phylantropia n'os Açores*. O seu principal autor foi, de facto, João Soares de Albergaria de Sousa, jorgense, liberal e um dos primeiros autonomistas açorianos. Esta obra pretendeu ser um manifesto político, cujas posições autonómicas visavam introduzir nos Açores uma governação democrática, que se opusesse à administração colonial existente e à governação centralizada na Capitania Geral dos Açores.



BRAGANÇA 2008



Bragança 2010



2017

CARLA ALEXANDRA FERREIRA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO

Professora Adjunta do Departamento de Português da ESEB, Escola Superior de Educação de Bragança, Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia.
carlaquerreiro@ipb.pt

Licenciada em Português/Inglês. - Mestre em Língua e Cultura Portuguesas - Doutora em Literatura Portuguesa/Literatura para a Infância, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. -Diretora do Curso de Mestrado em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclos em Ensino Básico

Membro da Comissão Científica do Mestrado em Educação Pré-escolar é responsável pelas unidades curriculares de Literatura Infantojuvenil, Literatura Portuguesa e Didática do Português do curso de Licenciatura em Educação Básica e dos mestrados em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo e 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

Tem vindo, desde 1999 a coordenar vários projetos de dinamização do livro e de promoção da leitura, em parceria com os agrupamentos de escolas do concelho de Bragança.



É SÓCIA AICL.

PARTICIPOU NO 8º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2007, NO 10º EM BRAGANÇA 2008, E NO 14º EM 2010 BRAGANÇA

TEMA 2.4.: TERRA D'ENCONTROS - A INVESTIGAÇÃO POR TRÁS DA FICÇÃO - OS JUDEUS PORTUGUESES, EM TERRAS RAIANAS, NO DEALBAR DO SÉC. XX. CARLA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO E LÍDIA MACHADO DOS SANTOS

São sobejamente conhecidas as datas mais significativas que se prendem com a Diáspora Sefardita, bem como as suas nefastas consequências para centenas de famílias em Portugal entre os séculos XV e XIX, decretadas, ora pela mão de monarcas espanhóis, ora pela mão de reis portugueses, ora ainda pela pena do Santo Ofício

Por termos conhecimento da existência de uma quantidade significativa de famílias de origem Sefardita que, ao longo dos séculos, se instalou, cresceu e desenvolveu as suas atividades comerciais no Planalto Mirandês, foi nosso propósito aprofundar e ao mesmo tempo circunscrever mais a investigação e determo-nos em Lagoaça, aldeia situada no coração do Planalto e aí estudarmos as identidades/diferenças judaico-cristãs, na época referida.

Para além das referências bibliográficas consultadas, foi necessário optar por uma metodologia de cariz natural, com recurso a entrevistas aos habitantes mais velhos da aldeia e aldeias circundantes, para recolher dados que pudessem sustentar a investigação.

Assim, nasceu a obra romanesca *Terra D' Encontros*³, uma obra em prosa que narra as aventuras/desventuras de uma galeria de personagens que se movem no meio rural do nordeste trasmontano de inícios do século passado.

As personagens são ora completamente fictícias, ora de inspiração real e povoam a obra com os seus sonhos e desejos, as suas crenças e as suas rotinas diárias.

Ao longo do romance vão-se evidenciando diferenças culturais, sociais e, conseqüentemente, comportamentais e ainda a imposição da religião católica num terreno claramente diversificado. As especificidades do romance histórico *Terra D' Encontros*, juntamente com o tempo da narrativa escolhido, fazem dele uma obra com características pioneiras no estudo das relações judaico cristãs no Planalto Mirandês.

12) CARLA SOFIA LUÍS, UBI (UNIV BEIRA INTERIOR) / LABCOM. IFP, COVILHÃ. AICL

Carla Sofia Gomes Xavier Luís nasceu em Lamego em 1977.

É licenciada em Português e Inglês (ensino de) pela UTAD, mestre em Língua, Cultura Portuguesa e Didática pela UBI e doutora em Letras pela mesma instituição.

É Professora Auxiliar, com nomeação definitiva, no Departamento de Letras da UBI e Investigadora no LABCOM.IFP (Comunicação, Filosofia e Humanidades).

Na Universidade da Beira Interior, é membro do Conselho da Faculdade de Artes e Letras, do Conselho Científico do Departamento de Letras e das Comissões de Curso de Ciências da Cultura e de Ensino do Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário.

É Coordenadora de Mobilidade do DL (Português/Espanhol, 1.º Ciclo), tendo ainda desempenhado a função de Coordenadora do Centro de Avaliação de Português-Língua Estrangeira (na UBI). Além disso, é Membro da Comissão Científica da *Revista Egítania Scientia* e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Tem organizado e participado, com comunicação, em eventos científicos nacionais e internacionais. Da lista das suas publicações dos últimos cinco ou seis anos, destacamos os livros

³ Guerreiro, C. E. S., Machado dos Santos, L. (2016). *Terra D' Encontros*. Lisboa: A Minha vida dava um Livro.



GALIZA 2012 SEIA 2014

Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio, Vila Real, CEL e UTAD, 2011, 445 pp.;

Um Olhar Sobre Temáticas da Lusofonia, Setúbal, Edições Fénix, 2016;

os capítulos de livro “Mário Cláudio: Nauta e Guardiã da Portugalidade”, in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (organizadores), *Representações da Portugalidade*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 57-80;

“Espelhos de África na Obra Narrativa de Mário Cláudio: os casos de *Tocata para Dois Clarins* e *Peregrinação de Barnabé das Índias*”, in Cristina Vieira, Alexandre António da Costa Luís, Domingos Nzau, Henrique Manso e Carla Sofia Gomes Xavier Luís (coord.), *Portugal-África: Mitos e Realidades Artísticas e Vivenciais*, Covilhã, UBI, 2012, pp. 27-51;

“Rostos da Portugalidade na Escrita de Mário Cláudio: os Casos das Trilogias da *Mão*, da *Árvore* e das *Constelações*”, in Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Alexandre António da Costa Luís e Miguel Real (org.), *Mário Cláudio e a Portugalidade*, Setúbal, Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, com o apoio da FCT, 2015, pp. 103-138;

os artigos “Algumas Singularidades Linguísticas na Obra Narrativa de Mário Cláudio”, *Revista de Estudos Cabo-Verdianos*, *Atas II Encontro Internacional de Reflexão e Investigação*, Praia, 2014, pp. 155-163;

“A Escrita de José Leon Machado: o caso das obras *Memória das Estrelas sem Brilho* e *A Vendedora de Cupidos*”, *XXIII Colóquio Internacional da Lusofonia. Livro de Atas*, AICL, Fundação 2015, pp. 79-94;

“Valorizar o português como língua científica internacional: uma orientação estratégica elementar”, *XXII Colóquio da Lusofonia. Livro de Atas/Anais*, AICL, Seia, 2014;

“Um breve olhar sobre a génese da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)”, *Revista de Letras*, Vila Real, CEL, Departamento de Letras, Artes e Comunicação da UTAD, 2014

“Miguel Real e o seu retrato de Portugal: de onde vimos, o que somos e para onde vamos”, in Urbano Sidoncha e Catarina Moura (org.), *Culturas em Movimento. Atas I Congresso Internacional Sobre Cultura*, Covilhã, LABCOM.IFP (Comunicação, Filosofia e Humanidades), 2016, pp. 187-208.

TEMA 2.2 OS JUDEUS NA OBRA DE MIGUEL REAL

Luís Martins, identidade civil do pseudónimo literário Miguel Real, nasceu em Lisboa, em 1953. O dealbar da sua atividade de ensaísta e de escritor que espelha um profundo conhecimento e cruzamento da História, da Cultura, da Literatura, da Filosofia, da Política, das Mentalidades, da Língua emana, desde logo, do estudo apurado que realizava no âmbito do exercício da atividade de docente de Filosofia e de Psicologia que exerceu durante vários anos. Autor de uma admirável e amplamente premiada obra que se alastrada ao ensaio, à ficção e ao drama, neste último caso em colaboração com Filomena de Oliveira, sem olvidarmos a redação de manuais escolares, a crítica literária e ainda as crónicas que publica assiduamente, Miguel Real, estabelecendo sempre a relação com o passado, de olhos postos nos séculos XV e XVI até atualidade, tem vindo a contribuir para o conhecimento profundo de Portugal e dos modos de *estar* e de *ser* português. Apresentados, em traços muito sucintos, alguns aspetos atinentes à vida e obra de Miguel Real, com a presente comunicação, tendo por base certos trabalhos de onde destacamos, no domínio da ensaística, *Traços Fundamentais da Cultura*

Portuguesa, e, no domínio da ficção, *Memórias de Branca Dias*, *O Sal da Terra*, *A Voz da Terra*, *A Guerra dos Mascates*, mas sem deixarmos de revisitar outros contributos deste especialista, como artigos, entrevistas, procuramos destacar passagens que atestam a presença dos Judeus na sua vastíssima Obra.

É SÓCIO AICL.

JÁ TOMOU PARTE NO 18º COLÓQUIO (GALIZA 2012), 20º E 22º SEIA 2013, E 2014, 23º FUNDÃO 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES)

13) CAROLINA CORDEIRO, ESCRITORA, UNIV DOS AÇORES. AICL.

Carolina Cordeiro é licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade dos Açores.

Desde 2005 que tem vindo a aproximar a sua profissão de professora e formadora à escrita criativa. Leciona e dilucida as mais diversas dúvidas nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Literatura Portuguesa, Literatura Inglesa e Linguagem e Comunicação. Publicou os seus primeiros poemas na Coletânea *The International Who's Who in Poetry* (International Library of Poetry. 2004).



Seia 2014 Montalegre 2016 LOMBA 2016

Mais tarde, em 2012, publicou o seu primeiro livro de poesia *Invictas Brotassem*, sob o pseudónimo Clarice Nunes-Dorval, com a chancela da Chiado Editora.

Em 2013, participou na *Antologia de Poesia Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho"*, vol. IV (Chiado Editora) bem como na *Antologia Nós Poetas Editamos - Parte V* (2014).

Em dezembro de 2013, editou o primeiro volume da trilogia Tempo, com o seu romance histórico *No Meu Tempo* (Pastelaria Estudos).

Em junho de 2015, apresentou segundo volume, o romance *Naquele Tempo* (Letras Lavadas).

Tem participado, regularmente, em diversas revistas e jornais literários bem como ministrado vários *Workshops* de escrita criativa, a públicos de diversas idades.

Entre 2013 e 2015, representou e colaborou com o programa EscreViver (n)os Açores.

Foi vencedora do concurso de poemas *Calendário Artelogy 2014*; tem participado e dinamizado vários eventos, em diversas escolas, com pequenos contos infantis e projeção da leitura como "bem essencial à vida"; e, participa ativamente no *Azores Fringe Festival*.

Presentemente é responsável pela área cultural da Casa do Povo de S. Vicente Ferreira.

Encontra-se a finalizar o Mestrado em Língua Portuguesa - Investigação e Ensino (Universidade Aberta), com intenção de interligar a escrita de Daniel de Sá à componente multicultural da escrita açoriana.

Viaje aqui pelo [CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 31](#)

TEMA 3.1. OS ATOS ILOCUTÓRIOS AO SERVIÇO DA MARCA POÉTICA NA NOVELA UM DEUS À BEIRA DA LOUCURA, DE DANIEL DE SÁ

Tendo em mente o estudo dos atos ilocutórios defendidos por John R. Searle, somos capazes de delinear o quão pertinentes e eficazes estes são para uma análise acerca da presença de marcas características da poesia, na obra narrativa *Um Deus à Beira da Loucura*, de Daniel de Sá.

Fazendo uso de mecanismos próprios, não só da criatividade literária, mas também da pragmática da língua, a presença da carga emotiva na narração de Sá tem a competência de envolver o leitor em esferas para além das denotativas marcas da narração e da descrição.

Assim, aqui, a poesia, para além das notas fundamentais deste modo literário, faz conduzir, inequivocamente, a leitura da intenção sub-reptícia em que o autor pretende envolver, e compadecer, o leitor para as probabilidades de interpretação que a obra poderá conter. A capacidade que o autor açoriano tem de, amiúde, deambular entre os modos narrativo e lírico, num só texto, é notável. Num texto indubitavelmente marcado por uma contextualização histórica, imagem do quão extremo chega a ser a precariedade da condição humana, a palavra poética de Daniel de Sá suplanta a linear comoção do leitor.

“uma frase, quer dizer o que diz, mas também quer dizer muito mais!”

John Searle⁴

A Literatura, à semelhança da realidade, tem a capacidade de fazer refletir na pele a verdade dos sentimentos. Quanto mais o jogo de palavras se for intensificando ou conotativamente mostrado, mais correlação se estabelece entre a palavra imaginada, a palavra lida e a palavra sentida. É nesse jogo de identificações que reside a magia da Poesia.

SÓCIA DA AICL

PARTICIPOU EM SEIA 2014 NO 22º COLÓQUIO, NO 25º COLÓQUIO EM MONTALEGRE 2016, E NO 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES)

14) CHRYS CHRYSTELLO. AICL, AGLP (UTS, SYDNEY E NAATI, CAMBERRA, AUSTRÁLIA)



2016 LOMBA DA MAIA Seia 2014

Chrys Chrystello é Cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Galego, Português, Alemão, Brasileiro e marrano transmontano.

Publicou o seu 1º livro “Crónica do Quotidiano Inútil” (poesia) em 1972.

O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) sendo Editor-chefe do jornal A Voz de Timor.

Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor Leste.

Desempenhou funções executivas na Eletricidade de Macau (1976-82).

Foi Redator, Apresentador e Produtor na TDM, RTP (Rádio Macau) e TVB - Hong Kong.

⁴ Searle, J. R. "Indirect Speech Acts", in Cole e Morgan (orgs.), 1975: 59-82

Em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural e foi Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais. Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.

Fundador do AUSIT, lecionou tradutologia na UTS (Univ Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05).

Foi orador na Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, Macau, Hong Kong, etc.

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);

Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012);

Foi Consultor do Programa REMA, UAçores. (2008-12).

ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA AGLP desde 2012

Súmula de obras publicadas do autor:

- Crónica do quotidiano inútil vol. 1 (poesia) Porto 1972, (esgotada) ; vol. 2 Dili, Timor Português, abril 1974 ed. do autor (esgotada); vol. 3&4 1973-81 (poesia)
- Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) ISBN 10: 972-8305-75-3 / 9728305753 / esgotado
- East Timor - The Secret Files 1973-1975 ed. 2000-2012,
- Cancioneiro Transmontano 2005, ed. Sta C. Misericórdia Bragança
- Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter - DVD – ed. 2005-2012
- CrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor 2009 esgotado
- CrónicaAçores uma circum-navegação, vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Editora Calendário de Letras, esgotado
- Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) Ed. 2012
- Crónica do Quotidiano Inútil (Obras completas de poesia em 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 ISBN 9789728985646
- Trilogia da história de Timor ed. Colóquios da Lusofonia, 2ª edição 2015 ISBN: 978-989-95641-9-0
- Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª edição 2015
- prefácio do livro O voo do Garajau, Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras 2014,
- prefácio do livro Um missionário açoriano em Timor de D. Carlos F Ximenes Belo 2016



BRAGANÇA 2008 POESIA, GRUTA DE CAMÕES MACAU 2011 Montalegre 2016 LOMBA DA MAIA 2016

**SÓCIO FUNDADOR DA AICL E AGLP.
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.
FAZ PARTE DO COMITÉ CIENTÍFICO PERMANENTE.
MODERA SESSÕES E FARÁ UMA SESSÃO DE POESIA**

ATAS 27º colóquio 6-9 abril 2017 BELMONTE



RIO 2010 MACAU 2011 LOMBA DA MAIA 2016 Montalegre 2016

15) CONCEIÇÃO CASTELEIRO, CONVIDADA PRESENCIAL, AICL



GALIZA 2012 GRACIOSA 2015 MONTALEGRE 2016



FUNDAO 2015 MOINHOS 2014 LOMBA DA MAIA 2016

**É SÓCIA DA AICL.
ACOMPANHA OS COLÓQUIOS DESDE 2010**

16) CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA, ESC. SEC. DAS LARANJEIRAS, P. DELGADA, PRESENCIAL AICL

PRESENCIAL NO 17º LAGOA 2012, 21º MOINHOS PORTO FORMOSO 2014, 23º FUNDAO 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016



LAGOA 2012 FUNDÃO 2015 LOMBA DA MAIA 2016

17) CONCHA ROUSIA, GALIZA, AGLP, PATRONO AICL DESDE 2011

(CONCHA Rodríguez PÉREZ),

Nascida no sul da Galiza (Os Brancos, Galiza)

Psicoterapeuta e escritora.

Vice-secretária da Academia Galega da Língua Portuguesa e cofundadora da mesma em 2008.

Membro fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Membro da Associação Galega da Língua desde 2004.

Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil-Galiza

Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição.

Em março de 2010 fez parte da Comitativa Oficial do 13º colóquio ao Brasil, e em 2011 da Comitativa Oficial do 15º Colóquio a Macau.

Admitida como Patrono da AICL no 16º colóquio em 5/10/2011 por proposta do Professor Malaca Casteleiro.

Ocupa o cargo de Bibliotecária-arquivista da AGLP sendo vice-secretária da Comissão Executiva, do Conselho de Redação e Administração do Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP).



GRUTA DE CAMÕES MACAU 2011 LAGOA 2012 - VILA DO PORTO, 2011 LAGOA 2009 montalegre2016

PUBLICAÇÕES:

- Se os carvalhos falassem**, 2016, poesia, Através Editora, Santiago de Compostela
- Blasfêmeas, mulheres de palavra. Antologia de poesia contemporânea, 2016.** Editora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e será apresentada no o VII Colóquio Internacional Sul de Literatura Comparada. O e-book será publicado no site do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade e ficará disponível para consulta e impressão. Este trabalho é uma homenagem ao trabalho de Hilda Hilst e ali publico vários poemas.
- Mudança de Narrativa Linguística na Galiza**, 2016. Capítulo no livro "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Edição organizada por Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório.
- Nântia e a Cabrita d'Ouro**, Romance publicado em 2012. Através editora, Santiago de Compostela, Galiza.
- As Sete Fontes**, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline (portal atualmente inativo) Arcos de Valdevez, Portugal.
- "Dez x Dez"** 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza).
- "Cem Vaga-lumes"** Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.
- Herança.** Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.
- Primeira Antologia do Momento Litero Cultural**, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.
- Nas Águas do Verso.** Antologia. 2008, Porto, Portugal.
- Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado. 2008, Gráficas Juvia.
- Poeta, Mostra a tua Cara.** Antologia. 2008, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Mulheres.** Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza.
- IV Antologia de poesia lusófona. 2012. Ed. Folheto, Leiria, Portugal.
- Volume 7 da Coleção **"Poesia do Brasil"**, correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Escrever nas Margens.** Antologia poética. 2014, 28 Festival da Poesia do Condado. SCD Condado, Galiza.
- 150 Poemas para Rosalia.** Antologia poética. 2015, Galiza.
- Tem publicado **poemas, contos, crónicas, e outros textos** em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce; e em jornais como o Novas da Galiza, Galicia Hoxe, A Nosa Terra, Portal Galego da Língua, Vieiros, e em brasileiras como Momento Litero Cultural, e na Revista portuguesa InComunidade.
- Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita**, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.
- Um dia**, publicado em A Nossa Terra; 2006. Uma análise da violência de género.
- Mudança de Narrativa Linguística**, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008.
- Mudança de Narrativa Linguística I: análise de discursos, Coloquios da Lusofonia, 2010
- Mudança de Narrativa Linguística na Galiza**, 2016. Capítulo no livro "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Edição organizada por Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório.

PRÉMIOS

- Prémio de Narrativa do Concelho de **Marim**, 2004, Galiza.
- Prémio de poesia do Concelho **Ames**, 2005, Galiza.
- Ganhadora do **Certame Literário Feminista do Condado**, 2006, Galiza. Com o romance "A Língua de Joana C".

É VICE-SECRETÁRIA DA COMISSÃO EXECUTIVA DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

FAZ PARTE DO COMITÉ CIENTÍFICO PERMANENTE.

PRESENTE NOS COLÓQUIOS DESDE A LAGOA 2008 (9º), BRAGANÇA (12º) E (11º) LAGOA 2009, BRASIL (13º) E BRAGANÇA 2010 (14º), MACAU (15º) E SANTA MARIA 2011 (16º), LAGOA (17º) E GALIZA 2012 (18º), SEIA 2013 (20º), SEIA 2014 (22º), FUNDÃO 2015 (23º), GRACIOSA 2015 (24º), MONTALEGRE 2016 (25º) LOMBA DA MAIA, AÇORES (2016). TOMA PARTE NA SESSÃO DAS ACADEMIAS, E SESSÃO DA AGLP



LOMBA DA MAIA 2016



MONTALEGRE 2016

TEMA 2.3. A LÍNGUA VIVA NA GALIZA

As línguas, como qualquer outra manifestação cultural, são entidades vivas em constante avaliação e evolução. Podemos dizer que as línguas nascem durante o período, mais ou menos extenso, que demora a sua criação até alcançarem uma certa consolidação e uniformização dentro de uma determinada povoação, ou comunidade de falantes.

Após esse período, as línguas crescem, evoluem com a própria povoação, e o seu destino podemos dizer que fica vinculado ao das comunidades de utentes dessa língua. Chegado o seu final, as línguas, como o resto de seres vivos, também morrem, mas não morrem como fruto de um processo natural, como acontece com os seres vivos biológicos.

As línguas morrem porque são agredidas, as línguas se extinguem como as espécies, porque outra ou outras usurpam os espaços onde estas se nutrem. Nas lutas das línguas vence a mais feroz, ou a mais hábil em desbancar as suas competidoras num certo espaço linguístico. É claro que as línguas são inocentes, todas, essas atribuições que faço às línguas na realidade são atribuições que devem ser feitas aos utentes dessas línguas.

Quando uma língua vive compartilhando espaços com outra língua tem necessariamente que estar redefinindo-se constantemente. É esse o caso da língua na Galiza, onde a nossa língua está em constante adaptação e mudança da sua narrativa.

Neste trabalho proponho-me fazer uma análise de como está no momento atual a consolidação da nova narrativa linguística que, como eu mesma propus anteriormente, nasceu em 2008 com a criação da Academia Galega da Língua Portuguesa, tomando em consideração o posicionamento teórico da sociedade e os fatos, para tratar de avaliar a concordância, ou discordância, entre a teoria e a prática. Eu não tinha colocado um título na sinopse deste texto quando a enviei para o Chrys. Daí o Chrys sugeriu o título "Língua viva na Galiza". Gostei muito desse título e na hora de escrever o que hoje vou ler, as palavras começaram a fluir, e saíram vivas. Então peço licença para que vos deixeis emocionar...

TOMA PARTE NA SESSÃO DAS ACADEMIAS, e SESSÃO DA AGLP

18) EDUÍNO DE JESUS, POETA, DECANO DOS ESCRITORES AÇORIANOS, PRESIDENTE DA DELEGAÇÃO DE LISBOA DA "ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU ANTERO DE QUENTAL" E PRESIDENTE DA A.G. DA CASA DOS AÇORES EM LISBOA. AICL. PRESENCIAL

EDUÍNO (Moniz) DE JESUS nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia de Arrifes, concelho de Ponta Delgada. Nesta cidade viveu desde um ano de idade e aí completou os seus estudos secundários (Cursos Geral dos Liceus e Complementar de Letras) e o Curso do Magistério Primário. Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura. Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação. Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade.



LAGOA 2012 LAGOA 2012 LOMBA DA MAIA 2016

No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados. Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros. Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde). Além disso, pertenceu em 1977-78 à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português) e foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86), que procedeu à reforma dos estágios para professores daquele antigo ciclo de estudos e à preparação dos novos formadores. Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio).

Publicou as seguintes obras:

1. **POESIA:**

- Caminho para o Desconhecido, Coimbra, col. Arquipélago, 1952;
- O Rei Lua, Coimbra, ed. do Autor, 1955;
- A Cidade Destruída durante o Eclipse, Coimbra, Coimbra Editora, 1957;
- Os Silos do Silêncio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

2. **TEATRO**

- Cinco Minutos e o Destino. Comédia em 1 Ato. Ponta Delgada, ed. Açória, 1959

3. **ENSAIO**

3.1 Em Prefácios e posfácios:

- In Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues, Coimbra, col. Arquipélago, 1956 (tem 2ª ed.);
- In Virgílio de Oliveira, Rosas que Vão Abrindo. Coimbra, col. Arquipélago, 1956: (Tem outras eds);
- In Maria Madalena Monteiro Férin, Poemas, Coimbra, col. Arquipélago, 1957;
- In António Moreno, Obra Poética, Coimbra, col. Arquipélago, 1960;
- In António Manuel Couto Viana, Pátria Exausta, Lisboa, Editorial

Verbo, 1971. (tem outras eds.);

- In Natércia Freire, Os Intrusos, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1971 (tem outras eds.);
- In António Manuel Couto Viana, Teatro Infantil e Juvenil, Lisboa, Nova Arrancada, 1997;
- In António Manuel Couto Viana, 12 Poetas Açorianos. Lisboa, Salamandra, col., 200 etc.,

3.2 em obras coletivas:

- Costa Barreto (dir.), Estrada Larga, 3 vols., Porto, Porto Editora, s / d;
- Onésimo Teotónio Almeida (org.), A Questão da Literatura Açoriana, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983;
- In António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.), Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois, Lisboa, Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998.

4. **ANTOLOGIAS POÉTICAS** em que está selecionado:

- Maria Alberta Menéres e E. M. de Mello e Castro, *Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa*, Lisboa, Morais Ed., 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1961;
- António Salvado, *A Paixão de Cristo na Poesia Portuguesa*, Lisboa, Polis, 1969;
- Orlando Neves e Serafim Ferreira, *800 Anos de Poesia Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973;
- Pedro da Silveira, *Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975*, Lisboa, Liv. Clássica Ed., 1977;
- Ruy Galvão de Carvalho, *Antologia Poética dos Açores*, 2 vols., Angra do Heroísmo, col. Gaivota, 1979-80;
- Onésimo Teotónio Almeida, *The Sea Within. A selection of Azorean Poems* (trad. de George Monteiro), Providence, 1983;
- Maria de Lourdes Hortas, *Poetas Portugueses Contemporâneos*, Recife (Brasil), 1985;
- Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, *Pai, a sua Bênção!* (Antologia de Textos de Autores Açorianos), Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1994 (Edição comemorativa do Ano Internacional da Família);
- Eduardo Bettencourt Pinto, *Os Nove Rumores do Mar*, Seixo Publishers, Canadá, 1996; 2ª ed. (aumentada), Lisboa, Instituto Camões, 1999 e 3ª ed. (corrigida), Lisboa, Instituto Camões, 2000;
- Ivan Strpka e Peter Zsoldos *Zakresťovanie do mapy. Azory a ich básnici*, Bratislava (Eslováquia), Kalligram, 2000;
- Adozinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho, *Lisboa com seus Poetas*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- valter hugo mãe, *O Futuro em Anos-Luz / 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas*, Porto, Edições Quási, 2001.
- Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, *Encantada Coimbra*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.
- Diniz Borges, *On a Leaf of Blue Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry*, Berkeley, Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2003.
- António Manuel Machado Pires, *20 Poemas* (volume integrado no álbum XX3x20 - 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas), Angra do Heroísmo, Direção Regional da Cultura, 2003.
- Diniz Borges, *Nem Sempre a Saudade Chora*, Horta, Direção Regional das Comunidades, 2004.
- Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt, *Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense*, Blumenau, Santa Catarina (Brasil), 2005.
- Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt (sel.) e Diana Pimentel (org.), *Pontos Luminosos. Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX*. Porto, Campo das Letras, 2006.
- John M. Kinsella, *Voices from Islands. An Anthology of Azorean Poetry*, Providence, R. I., Gávea-Brown, 2007;
- Leons Bredis e Urbano Bettencourt, *Azoru Salu. Dzejas Antologija*, Riga (Letónia), Minerva, 2009.
- Amadeu Baptista, *Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música*. Viseu, Tip. Guerra, 2009

5. VÁRIA

Produziu e dirigiu para a RTP um “magazine” literário quinzenal durante cinco anos: *Convergência* (1969-1972), depois reformulado e chamado *Livros & Autores* (1972-1974).

Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras *Contravento*. (Lisboa, ed. Contravento, 1968-1971) e dirigiu a *Revista de Cultura Açoriana* (Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 1989-1991).

Tem colaboração na enciclopédia de literatura *Biblos* (da Editorial Verbo) e no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura* (Publicações Europa-América).

Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica). Assim:

- Fez crítica de teatro durante vários anos na revista *Rumo* (Lisboa, 1960-67) e organizou a secção de teatro da *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura ‘Verbo’*, de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes àquela secção e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar).

Além disso, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e de S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos.

- Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista *Panorama* (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969). Além disso fez parte de vários júris de Salões de Arte e representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil (1969).

Tem feito conferências e participado em Congressos e Colóquios literários em diversas universidades e outras instituições em Portugal (incl. Açores), nos EUA, no Canadá e no Brasil.

Viaje aqui pelos [CADERNO AÇORIANO Nº 12](#).

[VÍDEO HOMENAGEM](#) x 3 em

SÓCIO DA AICL.
TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO EM 2012 NA LAGOA E EM 2016 NO 26º NA LOMBA DA MAIA

19) ELSA SOFIA GOMES DE MIRANDA, CM BELMONTE

Elsa Sofia Gomes Miranda nasceu em Lisboa em 1978.

Cresceu no Colmeal da Torre e fez o ensino secundário em Belmonte, de onde saiu em 1996 para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Licenciou-se em 2000, em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e completou o estágio do ramo educacional em 2001 na Escola E.B 2, 3 de Cristina Torres, Figueira da Foz.

Depois, em 2002, começou a colaborar com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra nos cursos de férias e anuais de língua portuguesa para estrangeiros, onde esteve até 2006. Durante esse período foi responsável pelas disciplinas de Laboratório de Língua, Conversação e Língua Portuguesa I.

Entre 2006 e 2008 esteve a dar aulas nos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, em Tavira, em Beja e no Tortosendo.

Em setembro de 2008, assumiu funções como Leitora de Português na Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau, ao abrigo de um protocolo de cooperação entre aquela Assembleia e a Assembleia da República de Portugal.

Depois de dois anos a ensinar Deputados e Funcionários daquele país lusófono, seguiu para o Parlamento Nacional de Timor-Leste, para desempenhar as mesmas funções. Por lá esteve de 2010 até 2014, data em que regressou a Portugal.

Defendeu, em 2016, a tese de mestrado em Ensino do português, língua não materna, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com o título *Estratégias de complementação de verbos que selecionam complemento oblíquo nas interlínguas de aprendentes timorenses de PLS: usos das preposições argumentais*.

Está, desde novembro de 2014, a trabalhar na Divisão de Redação e Apoio Audiovisual da Assembleia da República onde é assessora parlamentar.



TEMA: 2.1. GUINÉ-BISSAU E TIMOR-LESTE: POLÍTICA E USO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Depois de seis anos a desempenhar funções de leitora de Língua Portuguesa na Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau e no Parlamento Nacional de Timor-Leste, é possível esboçar um pequeno quadro acerca das políticas, ou da falta delas, de língua e do uso efetivo da língua portuguesa nestes dois países lusófonos (?).

Guiné-Bissau: aspetos da política atual e consequências para a implantação/consolidação do português como língua nacional.

As sessões plenárias, por exemplo, são feitas em crioulo, sendo que as leis estão escritas em português. Timor-Leste: breve contextualização histórica do português em Timor-Leste. Língua oficial = língua em uso? Que português se fala em Timor-Leste? Timor-Leste, o mais recente País de língua portuguesa, apresenta um quadro ainda mais complexo que obriga a uma reflexão mais aturada e que coloca variadíssimas questões de ainda mais variadas ordens. O português é língua oficial a par do tétum e é falado por apenas 5% da população que tem vindo a aumentar muito desde que a independência foi restabelecida em 2002. Tenta, a duras penas, impor-se, mas tem de lutar contra o gigante bahasa indonésio e o inglês.

20) FÁTIMA MADRUGA, MÉDICA, HOSPITAL DE OVAR, PRESENCIAL



MOINHOS 2014 2011 MONTALEGRE 2016 Vila do Porto 2011 LOMBA DA MAIA 2016

TOMOU PARTE NO 16º EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA (AÇORES) 2011, NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO, (AÇORES) em 2014, 23º NO FUNDÃO 2015, 24º NA GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º MONTALEGRE 2016 E 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES)

21) FÁTIMA SALCEDO, FOTÓGRAFA, REVISTA INCOMUNIDADE. CONVIDADA PRESENCIAL DA AICL



SEIA 2014

PARTICIPOU PELA 1ª VEZ EM SEIA 2014 NO 22º COLÓQUIO. MULTIPREMIADA FAZ FOTOGRAFIA COMO POUCOS.

OBSERVAR FOTOS PREMIADAS EM <https://500px.com/p/fatimasalcedo?view=photos>
<http://fatimasalcedo.fineart-portugal.com/> E LEICA'S Best Work of Photography of the year / NA GALERIA DE MELHORES FOTÓGRAFOS 2016 DA LEICA

22) FERNANDO CARVALHO, ASSESSOR DE DOM CARLOS F. XIMENES BELO, CONVIDADO PRESENCIAL



TOMOU PARTE NO 25º COLÓQUIO EM MONTALEGRE 2016

23) FILOMENA ALMEIDA, PRESENCIAL CONVIDADA AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

24) FRANCISCO F MADRUGA, DIRETOR E EDITOR DA CALENDÁRIO DE LETRAS, V N DE GAIA E AICL, PRESENCIAL

FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, Nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho. Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal *norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal *A Voz do Nordeste*.



Graciosa 2015 SEIA 2013 Montalegre 2016



FUNDÃO 2015 Macau 2011 Floripa 2010 PDL 2013 LOMBA DA MAIA 2016

Teve colaboração regular nos Jornais Nordeste, Mensageiro de Bragança e Informativo.

Editou em colaboração com a Revista BITÓRÓ a Antologia Novos Tempos Velhas Culturas.

Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva Revista.

Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos.

Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional.

Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau. A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos Colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.). É o editor da Antologia (monolíngue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Ingês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 Ilhas, 9 escritoras. Editou os dois últimos volumes de J. Chrys Chrystello "CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL" (obras completas, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e CrónicaAçores: uma circum-navegação - vol. 2 (2011)

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PRESIDE AO CONSELHO FISCAL.

TOMOU PARTE NO 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º GALIZA 2012, 19º MAIA (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2014, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016

25) HELENA ANACLETO-MATIAS, ISCAP, INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO. AICL. PRESENCIAL

(MARIA) HELENA ANACLETO-MATIAS é licenciada (1988), mestre (1997) e doutora (2015) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e tem duas pós-graduações em Estudos Americanos (Smith College, EUA) e Interpretação de Conferências (Universidade de Genebra).

Foi bolseira do DAAD, do Instituto Goethe, da Comissão Fulbright, do Parlamento Europeu e dos Programas de Formação de Docentes do Ensino Superior do PRODEP, do PROTEC e do PRODOC.

Fez uma mobilidade na Universidade de Torun, na Polónia, e lecionou português como Língua Estrangeira no Porto, em Matosinhos e em Bruxelas.

Publicou "Emma Lazarus, Vida e Obra" em 2008 pela Editora Cão Menor, baseada na sua tese de mestrado e uma tradução de um manual de inglês para português que está online num projeto de âmbito europeu.

Tem participado em conferências nacionais e internacionais e publicado nas áreas da tradução, linguística e estudos literários e culturais ao longo da sua carreira de leitora de inglês, assistente e professora adjunta no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, costumando participar assiduamente nos Encontros da Lusofonia desde 2003.

Terminou o seu doutoramento em 2015.



MAIA 2013 VILA DO PORTO 2011 MAIA 2013 LAGOA 2012

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL.

PARTICIPOU ININTERRUPTAMENTE DESDE O 1º COLÓQUIO AO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014. REGRESSOU EM 2016 NO 25º EM MONTALEGRE E NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016.

26) HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL - ORGANIZAÇÃO



Sta. Maria 2011 2013 (Gouveia na cadeira de Vergílio ferreira) Montalegre 2016 SEIA 2014 MAIA 2013

M^a HELENA DINIZ FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO,

Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e Mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema *Da Língua à Interculturalidade*: um estudo de caso, pela Universidade Aberta. Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse - Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional. Lecionou, desde 1976 - 1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP - Prova de Aptidão Profissional).



MAIA 2013 MOINHOS PORTO FORMOSO 2014 GRACIOSA 2015 LOMBA 2016

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 - 2005) e supervisora de estágios. Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, (linguístico, literário e técnico) em congressos (1995-2005).

Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 - 1988). Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais (Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade.

É Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' e da SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) 2007 a 2009 e 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – Judite Jorge.

Coautora com a Professora Doutora M^a Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º Colóquio.

Lançou no 19º Colóquio (2013) a edição monolíngue da Antologia em dois volumes.

No 21º Colóquio lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino "9 Ilhas, 9 escritoras".

Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente.

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

FAZ PARTE DO COMITÉ CIENTÍFICO PERMANENTE.

É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO.

LIDERA O SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. TOMOU PARTE EM TODOS OS 25 COLÓQUIOS.

[Regressar índice](#)

27) HENRIQUE CONSTÂNCIA, ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

HENRIQUE ANDRADE CONSTÂNCIA –

Nasceu em Ponta Delgada, a 28 de julho de 1997.

Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada, em Violino e Percussão.

Aos 10 anos iniciou o estudo do Violoncelo e frequentou o 7º grau do curso de violoncelo, em regime articulado, na classe da professora Teresa Carvalho.

Foi selecionado para participar no X e XI estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, realizados em Coimbra (2011) e Aveiro (2012) e participou, também, nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena e em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana.

Frequentou o curso de verão Musicaldas 2011, orientado pela violoncelista Teresa Valente Pereira.

ATAS 27º colóquio 6-9 abril 2017 BELMONTE

Em abril de 2012, 2013 e 2014, frequentou um estágio de orquestra em Bayreuth (Alemanha), constituída por jovens músicos de vários países da europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.

Em 2013 e 2014 atuou em dezenas de concertos, nomeadamente no acompanhamento de iniciativas da Viola da Terra.

Faz parte da ESCOLA / Orquestra Metropolitana de Lisboa



LOMBA DA MAIA 2016 VILA DO PORTO 2011 SEIA 2014 LOMBA DA MAIA 2016



JÁ TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO (AÇORES) EM 2011. EM 2012, NO LANÇAMENTO DO CRÓNICAÇORES VOL 2. NA MAIA E RIBEIRA GRANDE, EM 2013 NO 19º COLÓQUIO NA MAIA (AÇORES), NO 20º EM SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES). ATUARÁ EM DOIS RECITAIS

28) JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL), AGLP, AICL, PATRONO DESDE 2007



GRACIOSA 2015 MAIA 2013 SEIA 2013 MOINHOS 2014 LOMBA DA MAIA 2016

JOÃO MALACA CASTELEIRO licenciou-se em Filologia Românica em 1961.

Doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.

A sua bibliografia, iniciada com a Tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia.

Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África* e *A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*.

Malaca Casteleiro é Membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979, Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), durante cerca de 12 anos, Presidente do Departamento de Língua e Cultura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ao longo de mais de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, durante 3 anos, e Presidente do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa, de 1991 a 2008.

Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987.

Diretor do CAPLE (Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira), desde a sua criação em 1999, da qual foi o principal promotor, até 2009, Centro que é membro da ALTE (Association of Language Testers in Europe), cuja sede se encontra na Universidade de Cambridge.

Investigador do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), integrando-se no Grupo 3: Multiculturalismo e Lusofonia de Política de Língua e Lusofonia.

Professor Catedrático da Universidade de Lisboa ao longo de 25 anos, tendo lecionado na sua Faculdade de Letras durante 37 anos, da qual se jubilou em 2006, aos 70 anos.

Professor Catedrático Visitante da Universidade de Macau durante cerca de 20 anos.

Professor Catedrático Convidado das seguintes universidades: Universidade dos Açores (durante 13 anos), Universidade de Coimbra (durante três semestres) Universidade da Madeira (durante 8 anos), Universidade da Beira Interior (durante 10 anos). Especialista Convidado de Avaliação Pedagógica do Instituto Politécnico de Macau, desde 2001.

Assessor do Centro de Estudos de Línguas e Culturas de Macau, desde 2009.

Membro do Conselho Consultivo da Universidade de Macau, desde 2011.

Professor da Escola Superior de Educação João de Deus, em Lisboa, desde 2008.

Orientador de 25 teses de Doutoramento e de 55 teses de Mestrado, nas Universidades atrás mencionadas e noutras.

Proferiu conferências em várias universidades e outras instituições estrangeiras, nomeadamente nas Universidades Federal e Estadual do Rio de Janeiro, na Universidade Federal de Campinas, na Universidade Federal de Brasília, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na Universidade Federal de Santa Catarina, nas Universidades de Toronto e de York, na Universidade de Massachusetts, no Rhode Island College, em Providence, na Universidade de Colónia, na Universidade de Santiago de Compostela, na Universidade Pedagógica de Maputo, na Universidade Piaget de Luanda, na Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim, na Universidade de Macau, no Instituto

Politécnico de Macau, na Academia Brasileira de Letras, do Rio de Janeiro, na Academia de Letras de Brasília, na Academia Francesa, na Real Academia Galega, na Corunha, na Academia Galega da Língua Portuguesa, em Santiago de Compostela.

É Autor e Coautor de uma vasta bibliografia nas áreas da Sintaxe e do Léxico da Língua Portuguesa e ainda no domínio do Ensino do Português como Língua Estrangeira. Responsável por vários Projetos de Investigação nacionais de grande relevância, de entre os quais se salientam os seguintes:

a) no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa: Português Fundamental, Estruturas Léxico-Gramaticais do Português Contemporâneo, Dicionário Eletrónico do Português;

b) na Academia das Ciências de Lisboa: Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, versão portuguesa do Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa, tendo por base a edição brasileira;

c) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: *Nível Limiar do Português*, com apoio do Conselho da Europa e do ICALP (Instituto de Cultura e Língua Portuguesa), *Dicionário Gramatical de Verbos Portugueses, coleção Aprender Português 1, 2 e 3, Gramática Aplicada 1 e 2*, para o ensino do português como língua estrangeira e em conformidade com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QUECR);

d) no Instituto Politécnico de Macau: *Português Global 1, 2 e 3*, para o ensino da língua portuguesa a chineses, com adaptação do QECR (projeto em curso).

Coordenador, conjuntamente com mais duas colegas, do *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval*, em curso de elaboração no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

Tem coordenado e colaborado em diversos Projetos de Investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.

Participou em vários projetos europeus, com colegas de outras universidades, nomeadamente

1) no Projeto DUEFEL (Diploma Universitário Europeu de Formação para o Ensino-Aprendizagem de Línguas), que decorreu de 1990 a 1993, coordenado pelo Professor Raymond Renard, da Universidade de Mons-Hainault (Bélgica);

2) Projetos ARIADNA I e II (Programa ID), que decorreram de 1994 a 1998, sob a coordenação do Professor Manuel Tost Planet, da Universidade Autónoma de Barcelona, e que visavam a formação de professores de línguas não-maternas;

3) Projetos MINERVA I e II (Programa SÓCRATES e JEUNESSE-LINGUA D), que decorreram de 1999 a 2003, também coordenados pelo Professor Manuel Tost Planet e que visavam a continuação dos objetivos dos dois anteriores.

Membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, foi até 2009 Presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Malaca Casteleiro foi afastado da presidência do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Academia, na sequência de diferendo com a Academia resultante do seu envolvimento na elaboração de dicionários conformes ao Acordo Ortográfico, publicados pela Texto Editores em 2008 - o *Novo Grande Dicionário da Língua Portuguesa* e o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*

O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais.

Representante da Academia das Ciências de Lisboa na reunião para o Acordo Ortográfico, realizada na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em maio de 1986, com a participação de delegados dos sete países de Língua Portuguesa.

Malgrado este primeiro acordo, foi o principal responsável da Academia das Ciências de Lisboa na elaboração do Novo Acordo Ortográfico de 1990 (e respetiva Nota Explicativa), aprovado em outubro e dezembro desse ano em reuniões havidas em Lisboa, com a participação de representantes dos sete países lusófonos de então, acordo esse que finalmente entrou em vigor. Foi galardoado com o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, pela obra *Sintaxe Transformacional do Adjetivo*, publicada pelo INIC nesse mesmo ano e que constituiu a sua tese de doutoramento.

Foi ainda agraciado pelo Governo Francês com o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas em 1986, agraciado pelo Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique em 2001 e distinguido com o Grau de Doutor *Honoris Causa* em Letras pela Universidade de Macau em 2004.

É **patrono dos Colóquios da Lusofonia** desde 2007 e um convicto defensor do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou e que os colóquios da lusofonia promovem desde 2007.



RIO DE JANEIRO 2010 MACAU 2011 LAGOA 2009 LOMBA DA MAIA 2016

TEMA: A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E O ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1990

1.

Têm vindo constantemente a público afirmações, sistematicamente erradas e disparatadas, algumas até ofensivas, da parte dos que se opõem ao Acordo Ortográfico de 1990 (AO), que são sempre os mesmos e que não desistem, decerto acirrados pelo facto de ele já estar em vigor, sem problemas, em Portugal, no Brasil e em Cabo Verde, com aplicação prevista no sistema de ensino em Moçambique, no início de 2018, e em vias de implantação noutros países lusófonos, apenas com Angola a constituir a situação, de momento, mais problemática.

Lembramos, contudo, que a oposição a mudanças ortográficas tem sido constante ao longo da história da ortografia portuguesa. Damos apenas como exemplo a oposição à Reforma Ortográfica de 1911, que também se fez sentir ao longo de vários anos, como se pode verificar nos dois depoimentos destacados a seguir.

Um é o de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que fez parte da Comissão da Reforma, incluído nas suas *Lições de Filologia Portuguesa* (p. 122): “O público! Qual foi o acolhimento que fez à Reforma? Naturalmente as opiniões estão divididas. Houve e há entusiastas; críticos; indiferentes; e adversários. Reacionários rombos, avessos a todo e qualquer progresso, aos quais as quarenta e tantas regras mostraram, pela primeira vez, quantas e quais são as dificuldades da ortografia nacional, entendem que fomos nós que as inventámos, baralhando e complicando tudo. Constou mesmo que esses descontentes iam angariar assinaturas a fim de reclamar a revogação da portaria de 1 de setembro.”

O outro depoimento é de Agostinho de Campos, num texto intitulado “O caos gráfico”, incluído na “Introdução” ao 3.º vol. de *Paladinos da Linguagem* (pp. XIV-XVI): “A oposição portuguesa ao decreto ortográfico arruma-se facilmente em dois compartimentos separados: oposição técnica e oposição artística. Gritou logo e gritou alto a primeira destas, sem esperar pela execução prática da lei, como fez a segunda. E a razão desta diferença de porte é muito simples: a oposição técnica foi ferida de chofre, *pelo mero facto* da promulgação oficial; a oposição artística, ao contrário, só preocupada de *aspetos*, não deu pela ofensa senão quando a transfiguração gráfica das palavras lhe feriu os olhos desagradavelmente. [...] Pela sua própria origem e natureza havia esta oposição [técnica ou de especialistas] de durar pouco, embora começasse por berrar muito. De mais a mais o Governo teve o judicioso cuidado de basear o seu decreto na opinião da maior e melhor parte dos técnicos; donde resultou que dois ou três, justa ou injustamente esquecidos, logo se anularam uns aos outros, este a vociferar que a reforma era tímida, outro a clamar que era temível. [...] Tendo começado mais tarde que a oposição técnica, a oposição artística durou mais e dura ainda. A sua mola não é a vaidade, nem o interesse, mas o hábito, quero dizer: Sua Majestade, o Hábito, rei que nunca foge do seu palácio, que nenhuma lei ou nenhuma revolução consegue depor, mas contra o qual atua desde sempre, embora devagar, um regicida lento, e, todavia, infalível, que é o Tempo. Os anos vão passando, alguns passaram já, e dentro em pouco, sem darem por isso, os próprios sebastianistas da grafia velha começarão a rir – de si mesmos, e da grande fúria que tiveram, quando ainda não estavam...habituaados.”

NOMEADO ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA EM OUTUBRO 2012.

NOMEADO MEMBRO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA EM NOVEMBRO 2016.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
PRESIDE À ASSEMBLEIA-GERAL.
É MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO PERMANENTE.
PARTICIPOU EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007.
PARTICIPA NA SESSÃO DAS ACADEMIAS.

29) JOÃO MORGADO, UBI, ESCRITOR, CHEFE DE GABINETE DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE BELMONTE. PORTUGAL

João Morgado,

poeta e romancista, nasceu em 1965, em Aldeia do Carvalho, Covilhã.

É doutorando em Comunicação na UBI – Universidade da Beira Interior, tem um mestrado em Estudos Europeus pela Universidade de Salamanca, Espanha, e uma pós-graduação em Marketing Político pela Universidade Independente / Universidade de Madrid.

É membro do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão.

Trabalhou como jornalista e, para além da imprensa regional, escreveu no diário “Público” e semanário “Sol”.

Atualmente, é Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Belmonte.

Na literatura, afirmou-se com dois romances: «Diário dos Infiéis» e «Diário dos Imperfeitos», agora reeditados pela ‘Casa das Letras’ (Leya).

Estas duas obras foram adaptadas ao teatro pela ASTA – Associação de Teatro e outras Artes.

Na sua incursão pelo romance histórico, lançou na ‘Clube do Autor’, a obra «VERA CRUZ» (2015) sobre a vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral, e um polémico romance biográfico de Vasco da Gama «ÍNDIAS» (2016). Em 2017 publicou Diário dos Imperfeitos (Ed. Casa das Letras, Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012)

Estas obras mereceram adaptações para o público juvenil – início de uma coleção de ‘Grandes Descobridores’ – ‘Alethêia / Pingo Doce’.

Escreve ainda crónicas, contos e poesia. Colabora com jornais e é coordenador do DIÁSPORA – Festival Literário de Belmonte.



www.joaomorgado.net

Prémios literários recebidos:

- Prémio Nacional de Literatura LIONS 2015
- Prémio Literário António Gaspar Serrano 2016
- Prémio de Poesia Manuel Neto dos Santos 2015
- Prémio Literário Fundação Dr. Luís Rainha Correntes d’Escritas 2015
- Prémio Literário Alçada Baptista 2014
- Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012

TEMA: 1.1. CABRAL, O LÍDER HUMANISTA QUE CHEGOU AO BRASIL - JOÃO MORGADO, CÂMARA MUNICIPAL DE BELMONTE

Nascido em Belmonte, Pedro Álvares Cabral galgou os mares e oficializou para Portugal as terras de Vera Cruz, hoje Brasil. Mas quem era este homem?

Terá nascido em 1467, em Belmonte.

Ainda muito jovem, rumou com o seu irmão para Lisboa, para se instruir na corte junto dos grandes mestres da altura. Foi por isso um homem do renascimento, com educação e valores humanistas. Mas foi também um valente guerreiro nas praças do norte de África.

Foi por este perfil que D. Manuel I o escolheu para capitão-mor da armada que zarpava para as Índias. Outros saberiam mais que ele das coisas do mar, mas era um líder, um comandante de homens, um respeitado capitão militar de toda a armada.

Rumou às Índias onde deu mostras de diplomacia, inteligência e pundonor. Mas onde mostrou também o seu lado militar ao bombardear Calecut depois de uma traição dos locais. Mas o seu lugar na história, foi alcançado ao pisar, por vez primeira, as terras de um mundo novo que hoje conhecemos por Brasil. Terá ido tomar aquelas terras em nome d'el-rei? É que, curiosamente, não deixou lá qualquer padrão de pedra com as armas de D. Manuel. E esse desvio da sua rota terá sido casualidade ou intencionalidade?

Terá o capitão-mor desobedecido ao rei? E obedecido a quem? Importa ainda realçar o lado humano deste homem, que aportou em quatro continentes. Quando chegou a terras de Vera Cruz – Brasil, recebeu dois indígenas a bordo da sua nau.

Ao contrário de Colombo, que disse ter encontrado “animais sem inteligência”, Pedro Álvares Cabral recebeu os nativos com honras de estado. O significa essa sua postura humanista?

Belmonte - esta é uma terra de paisagem, de sol, de fruta e de vinhos – mas é também, e sobretudo, uma terra de gentes. Algumas deixaram o seu nome na história coletiva do povo português.

É o caso de Pedro Álvares Cabral que, nascido em Belmonte, galgou os mares e oficializou para Portugal as terras da Vera Cruz, hoje Brasil.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ. Faz parte do PAINEL DA UBI

30) JOSÉ ANTÓNIO SALCEDO, CIENTISTA, EMPREENDEDOR, MEMBRO DA ACADEMIA EUROPAEA, AICL



SEIA 2014

Redator do Manifesto “A inovação na transformação da cidade” (Porto)

José António Salcedo licenciou-se em Engenharia Eletrotécnica pela Universidade do Porto, em 1973, e recebeu os graus de Mestrado e Doutoramento pela Universidade de Stanford, na Califórnia, em 1974 e 1978, respetivamente, como bolseiro NATO e Fulbright.

Em Stanford realizou igualmente um pós-doutoramento como bolseiro IBM, tendo trabalhado de seguida Cientista Sénior na Westinghouse, Pensilvânia. De regresso a Portugal nos anos 80, cofundou o INESC-Porto e o seu Centro de Optoeletrónica.

Em 1994/95, serviu como Gestor do Programa Praxis XXI, um programa de cofinanciamento de Ciência e Tecnologia.

Até 2002 desenvolveu carreira académica na Univ. do Porto, primeiro como Prof. Associado de Física na Faculdade de Ciências e depois como Prof. Catedrático de Engenharia Eletrotécnica na Faculdade de Engenharia.

Em 2002 dissociou-se da universidade para iniciar uma carreira ligada à criação e desenvolvimento de empresas tecnológicas, na sequência da empresa ENT que cofundou e codirigiu no Grupo EFACEC entre 1995 e 2000. Fundou e dirigiu a Multiwave (Califórnia e Maia, 2002- 2012), seguida da Atla (Noruega, 2012-presente). É membro da Academia Europaea e das principais organizações profissionais do setor (IEEE, OSA e SPIE). Recebeu o prémio carreira “IEEE Engineering Achievement Award 2009”.

É autor e coautor de mais de 100 trabalhos publicados internacionalmente e de 10 patentes registadas nos EUA.

TEMA REFLEXÃO SOBRE ALGUNS DESAFIOS DO FUTURO PRÓXIMO

Assistimos atualmente a uma nova vaga de industrialização, referida frequentemente como “Indústria 4.0”. Nesta vaga, a automatização das funções produtivas vai acelerar através de tecnologias como impressão 3D e robótica. Porém, e em contraste com vagas anteriores, a automatização de muitos tipos de raciocínios e da tomada de decisão vai ocorrer também, através da introdução de inteligência artificial. Neste contexto, os desafios para o trabalho e emprego serão mais difíceis de colmatar porque atingirão igualmente muitos tipos de serviços, incluindo transportes, distribuição, seguros e medicina. Que devemos começar a fazer hoje para melhor responder a alguns destes desafios do futuro próximo? De que Educação precisamos?

É SÓCIO DA AICL, SENDO CONVIDADO ESPECIAL PARA O 27º COLÓQUIO.

ESTEVE PRESENTE EM SEIA 2014 NO 22º COLÓQUIO

31) JOSÉ CARLOS GENTILI, ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA, AICL, PATRONO DESDE 2016

JOSÉ CARLOS GENTILI, Natural de Porto Alegre, RS, Brasil, 1940. Curso básico no Colégio Farroupilha, antigo educandário alemão - Deutscher Hilfsverein. Estudos na área da Economia Política e Matemática Superior.

Bacharel em Direito, exerceu o magistério superior na Faculdade de Direito de Anápolis.

Advogado militante e empresário na área da atividade agropastoril e biogenética bovina.

Curso básico de inglês na Georgetown University; diplomado pela International Police Academy e Border Patrol Academy (USA).

Escritor, historiador, polígrafo, conferencista.

Poeta, prosador, atualmente, preside a Academia de Letras de Brasília.

Membro de inúmeras academias literárias e partícipe do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Grão-Mestre AD VITAM da maçonaria brasileira, Grau 33º.

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa;

Presidente de Honra Perpétuo da Academia de Letras de Brasília, título outorgado a partir de 1 de julho 2016;

Membro do Conselho-Geral do Museu da Língua Portuguesa, recentemente criado em Bragança.



Lagoa

2009

LAGOA 2009 BRAGANÇA 2008 BRAGANÇA 2008 LAGOA 2009

Obras:

A Infernização do Hífen (filologia)

- José Carlos Gentili – Um Cidadão do Mundo (fotobiografia)

Ensaio: Cultura de Alpendre (ensaio); - Estelo de Mipibu (ensaio artístico-biográfico), - Bolsa de Pastor (ensaio histórico). Tiradentes and the Masonry (ensaio histórico). - Terras de Lava (ensaio)

Poesia: Tempos de Versos, Quintal do Universo, Galo do Apocalipse, Voo Sideral, Vastidão do Nada, Aldeia do Bispo. - Universo do Verso (poesia). - Origen de las Almas (poesia)

História: A Igreja e os Escravos. Os Bicentenários da Inconfidência Mineira, Izabel Maria-Duqueza de Goyaz, Patrimônio da Capela, Agonia da Solidão, Fiat Lux - Villa do Acarape Precursora da Liberdade. Lagoa dos Cavalos (romance histórico). - Academia de Letras de Brasília – 30 anos (história)

Matemática: Análise Matemática Superior.

Maçonaria: Um Quarto de Hora, Projeto Amanhã, Jubileu de Prata e O Olho Que Tudo Vê.

Direito: Os Bancos de Dados e o Código de Defesa do Consumidor

Editou brochura do Seminário Internacional Novos Tempos, Cultura E Migração 2016, organizado pela Academia de Letras de Brasília

TEMA 1.3. A EMIGRAÇÃO JUDAICA E SUAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS

A MIGRAÇÃO JUDAICA EM BELMONTE E SUAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS

Heródoto, considerado o Pai da História, há mais de dois milênios, afirmou ser fundamental:

“Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro.



Os ciclos civilizacionais renovam-se, mantendo a historiografia mundial os registros, que demonstram constituírem-se os acontecimentos em verdadeiros marcadores de contemporaneidade.

PRESENTE NO 10º COLÓQUIO BRAGANÇA 2008, 11º COLÓQUIO LAGOA, AÇORES 2009.

ADMITIDO PATRONO DA AICL 17/6/2016 POR PROPOSTA DO PROF. MALACA CASTELEIRO. TOMA PARTE NA SESSÃO DAS ACADEMIAS.

32) JOSÉ CARLOS VENÂNCIO, UBI - CECS – CENTRO DE ESTUDOS DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE (U. MINHO)



JOSÉ CARLOS VENÂNCIO

Professor Catedrático da Universidade da Beira Interior. Foi Professor Visitante da Universidade de Coimbra (Departamento de Antropologia) no ano letivo de 1998/99 Professor Visitante da Universidade de Macau (Departamento de Estudos Portugueses) de 1995 a 2006.

É atualmente Professor Visitante da Universidade Agostinho Neto (Faculdade de Ciências Sociais, Luanda)

Investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Pertence ao conselho consultivo de algumas revistas de Ciências Sociais.

É Académico Português de Número da Academia Internacional da Cultura Portuguesa

Vice-presidente da Mesa da Assembleia da Sociedade Angolana de Sociologia. Publicou vários trabalhos sobre a África de língua portuguesa, sobre Macau e sobre o Brasil. Tem ainda colaboração em revistas nacionais e estrangeiras. Desses trabalhos destacam-se os livros:

Literatura e poder na África lusófona (Lisboa: ICALP 1992),

A economia de Luanda e hinterland no século XVIII. Um estudo de Sociologia Histórica (Lisboa: Estampa 1996),

Colonialismo, antropologia e lusofonias. Repensando a presença portuguesa nos trópicos (Lisboa: Vega 1996),

O facto africano. Elementos para uma Sociologia de África (Lisboa: Vega 2000; ed. brasileira em 2010)

A dominação colonial. Protagonismos e heranças (Lisboa: Estampa 2005).

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Cooperação (Coimbra: Almedina 2001) e

Terrorismo (Coimbra: Almedina 2004), ambos coordenados por Adriano Moreira, e

Ensaio lusófonos (Coimbra: Almedina 2012), coordenado por Fernando Cristóvão.

Coordenou com Adriano Moreira o livro *Lusotropicalismo: uma teoria social em questão* (Lisboa: Vega 2000), galardoado com o Prémio Gilberto Freyre (2000) da Fundação Oriente.

TEMA 2.7. A DIMENSÃO ESTÉTICA DA LUSOFONIA. HISTÓRIA E CRIATIVIDADE (LITERÁRIA E ARTÍSTICA) NO ESPAÇO DE LÍNGUA PORTUGUESA, JOSÉ CARLOS VENÂNCIO, JCVENANCIO@SAPO.PT, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

Partindo de um conceito alargado de estética, que, de certa maneira, coincide com o sentido panteísta que Georg Simmel lhe atribuiu, começarei por discorrer sobre a presença portuguesa nos trópicos e sobre a constituição, no decorrer do período mercantilista, do que tenho designado por núcleo duro da lusofonia: o Nordeste brasileiro, o arquipélago de Cabo Verde e as cidades de Luanda e Benguela e respetivos *hinterlands*.

Debruçar-me-ei, num segundo momento, sobre a relação entre os movimentos modernistas, emergidos nestas regiões, e a experiência histórica e cultural decorrente daquela presença.

Num terceiro momento, tentarei averiguar a influência, com incidência nos campos artísticos cabo-verdiano e angolano, dos movimentos modernistas em apreço na produção literária e artística (artes plásticas) *nacionais* dos respetivos países.

...recordando o meu *mais-velho* Eleutério Sanches, pintor, poeta e músico (luso-)angolano...

PALAVRAS PRELIMINARES

“Parece que Paul Gauguin, homem bastante distraído, pôs sua assinatura num par de esculturas do Congo. O erro foi contagioso. A partir de então, Picasso, Modigliani, Klee, Giacometti, Ernst, Moore e muitos outros artistas europeus também cometeram o mesmo engano, e com frequência”.

Eduardo Galeano, *Espelhos. Uma história quase universal* (2009: 249)

Um dos conceitos mais controversos da nossa contemporaneidade, enquanto falantes de língua portuguesa, é certamente o de lusofonia, que identificando-nos perante a diversidade do mundo, igualmente nos separa. Construído sobre os escombros de um império colonial que, sendo seguramente diferente dos seus congéneres, não foi nem mais nem menos desumano que estes. Prevaecem, em consequência, injustiças e ressentimentos que não se desvanecem de um dia para o outro – aliás, nem seria desejável que assim fosse -, mas que também não obstam a que nos entendamos e a que nos sintamos cultural e esteticamente próximos. Entenda-se, a este propósito, estética num sentido alargado, dando conta da perceção sensorial e afetiva da realidade pelos sujeitos cognoscentes (Reckwitz 2014: 20 e segs.) e não tanto como o poder de julgar ou decidir sobre o belo, como a filosofia alemã a consagrou.

Há anos que venho trabalhando e refletindo sobre estas matérias, ou seja, sobre o que subjaz de cultural e antropológicamente comum ao chamado mundo de língua portuguesa, sobretudo, no que à estética diz respeito. Esta tem sido (e é, ao longo deste ensaio) entendida num sentido lato, próximo do sentido panteísta que Georg Simmel lhe atribui.

Ao longo da investigação em apreço, pude constatar que três regiões do então império desempenharam um papel primordial, constituindo como que o núcleo duro da lusofonia. Refiro-me ao Nordeste brasileiro, às ilhas de Cabo Verde e às cidades de Luanda e Benguela com os respetivos *hinterlands*. São regiões e/ou áreas culturais que perfazem, seguindo Norbert Elias (2014)⁵, uma configuração social, cuja formação, no âmbito da expansão ou colonização portuguesa, se processou durante a vigência do mercantilismo, sistema que se estendeu do século XVI ao XIX.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ.

FAZ PARTE DO PAINEL DA UBI

33) JOSÉ LEVY DOMINGOS, DIRETOR DO MUSEU JUDAICO DE BELMONTE

⁵ Conceito devido a Norbert Elias, que o entende como um conjunto de interdependências humanas contextualizadas no tempo (e obviamente no espaço), conquanto não fechadas em si. As interdependências podem ser de dois níveis: as que se desenrolam numa relação de face a face (que assumem, por isso, uma dimensão interativa) e as que acontecem num plano macro (a nível da 'tribo', da sociedade-estado, da civilização, etc...), em que a ligação se manifesta apenas através da adesão a símbolos comuns. É com este sentido que utilizo o conceito na presente comunicação, evidenciando, nomeadamente, a proximidade antropológica e histórica entre as regiões ou áreas culturais em apreço, num preciso momento histórico.



Jose Levy Domingos da Guarda, (1957) é Licenciado em História, mas exerceu sempre a profissão de jornalista na ANOP - LUSA (1978-2006).

Escreveu durante os estudos liceais para o jornal escolar, aos 17 anos realiza programas na Rádio Altitude da Guarda, e cria o programa infantil Giroflé de onde resulta a CERCIG – Cooperativa Educacional e de Recuperação de Crianças Inadaptadas da Guarda.

Em 1975-76 reabre a ex-Emissora Nacional (atual RDP) na Guarda.

De 1982 a 1989 desempenha funções de Assessor da Câmara Municipal de Trancoso.

Foi Assessor (1988-1995) dos Governadores Cívicos da Guarda.

Em 2007 é Assessor da Câmara Municipal de Trancoso e Empresa Municipal “Trancoso Eventos” e do Município de Meda.

Em 2013 realiza o estudo, inventariação e registo de marca atribuída aos Judeus e/ou Cristãos-Novos no concelho de Seia com o sociólogo e professor da Universidade Católica, Alberto Trindade Martinho e com a investigadora Luiza Metzker Lyra. De 1981 a 1989 organiza o Seminário de Jovens Estudantes Judeus sobre “Herança Judaica em terras de Sefarad” e 4 Encontros Internacionais da História das Beiras e dos Judeus Peninsulares. Em 1981 publica o ensaio “Duas Palavras sobre um escritor...Nuno de Montemor” no 1º Centenário do nascimento do escritor de Quadrazais (Sabugal). Em 1986 elabora o catálogo e o Opúsculo “Luiz Rebello - Escultor” dedicado ao artista plástico da Guarda

Em 1995 oferece à Comunidade Judaica de Belmonte o primeiro livro da TORAH e manto de altar de sua família para a Sinagoga e em 2007 doa à Câmara Municipal de Belmonte espólio religioso familiar para integrar o Acervo do Museu Judaico. Em 1998 funda na Guarda e preside à Associação Judaica Rosh Pinah.

Em 2010 assume a coordenação e instalação do Centro de Interpretação da Cultura Judaica “Isaac Cardoso” que inclui a Sinagoga Beit Mayim Haim de Trancoso,

Em 2012 é nomeado Diretor do Centro de Interpretação da Cultura Judaica “Isaac Cardoso”. É membro do Conselho Consultivo da Rede de Judiarias de Portugal (2012).

Em 2014 assume funções de Coordenador do Gabinete Judaico - Museu Judaico da Câmara Municipal de Belmonte

TEMA: MIGUEL TELLES DA COSTA QUE ERA NATURAL DE TRANCOSO CAPITÃO-MOR DE D. JOÃO V E D. PEDRO I E GOVERNADOR DE PARATY

MIGUEL TELES DA COSTA (1655-1717) nasceu em Trancoso, no seio de uma próspera família de comerciantes cristãos-novos.

Capitão-Mor de D. Pedro II, foi nomeado pelo monarca para governar como Capitão-Mor as então vilas de Itanhaen, Ilha Grande e Parati, funções que exerceu de 1702 a 1705).

Em Minas Gerais, principalmente no Rio das Mortes e sobretudo em Nossa Senhora do Carmo, foi abastado proprietário de terras onde montou uma estalagem e plantou milho e feijão e prosperou nos negócios que chegaram mesmo ao Nordeste do Brasil, e tendo com um dos parceiros económicos o médico e “financista” Manuel Mendes Monforte em Salvador da Bahia.

Possuía escravos negros e cavalos, armas e diversos bens móveis, conforme consta de seu inventário.

Prestigiado e próspero mercador, enviava os produtos da colónia para os seus sócios em Lisboa, sendo um deles seu irmão Francisco Mendes de Castro.

Fazia parte da sociedade secreta de cristãos-novos, constituída por um grupo de comerciantes e mineradores residentes no Rio das Mortes, entre os quais o cristão-novo, melhor, o judeu secreto, Francisco Matheus Rondon, guarda mor do Rio das Mortes.

Miguel Teles da Costa era a autoridade da região, cuidava da defesa e supervisionava a entrada nas Minas, onde só era permitida a penetração com "licença especial", favorecendo, porém, alguns, que naturalmente seriam os cristãos-novos ou Judeus Secretos. Uma atitude que o levou a ser acusado por dar essa prerrogativa a "certas pessoas" sem a necessária licença. Miguel Teles da Costa foi preso à ordem da Inquisição no Rio de Janeiro em 1713 juntamente com outros cristãos-novos, acusados todos de serem adeptos da Lei de Moisés. Levado para os cárceres da Inquisição, foi torturado e todos os seus bens e fortuna confiscados. Condenado por "Judaizante" saiu em auto-de-fé em Lisboa e morreu louco e indigente.

Trabalho final não recebido dentro do prazo. PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

34) JOSÉ PAZ RODRIGUES, AGLP, AICL



GRACIOSA 2015 Montalegre 2016

É Professor de EGB (em excedência desde 1971).

Licenciado em Pedagogia e Graduado pela Universidade Complutense de Madrid (1966-1971) com a Tese de Licenciatura sobre A Bemposta "Cidade dos rapazes" de Ourense (1973).

Obteve o Doutoramento na UNED com a Tese "Tagore, pioneiro da nova educação".

Entre outras, realizou as seguintes atividades profissionais:

- Professor na Faculdade de Educação de Ourense (Universidade de Vigo); Professor-Tutor de Pedagogia e Didática no Centro Associado da UNED de Ponte Vedra desde o curso 1973-74 até 2010; Subdiretor da Escola Normal de Ourense do ano académico de 1987-88 ao de 1989-90 e Diretor nos últimos três meses do curso 1989-90.
- Professor Titular Numerário de Didática, de 1972 a 1990 na Universidade de Santiago de Compostela, e de 1990 a 2010 na Universidade de Vigo (Faculdade de Educação de Ourense).
- Desde outubro de 2010 é Professor Reformado da Universidade de Vigo.

Levou adiante atividades educativas e de renovação pedagógica:

Presidente da Federação Galega de MRPs (Movimentos de Renovação Pedagógica) e do MRP "ASPGP" (Associação Sociopedagógica Galaico-Portuguesa) até hoje; membro da Comissão organizadora do I Congresso Estatal de MRPs (Barcelona, dezembro de 1983).

Foi membro da Comissão redatora do Plano Galego de Formação continuada do professorado (1990);

Presidente da Comissão organizadora da Escola Internacional de verão Jornadas do Ensino de Galiza e Portugal, iniciadas em 1976 até 2007.

Foi Presidente da Comissão Organizadora das Escolas de verão na Crunha, Ferrol (desde 1994), Tui, Comarca do Baixo-Minho, Verim, Comarca de Monterrei, Monforte, Corcubião, Lalim, Vimianço. Presidiu às Jornadas Socioeducativas de Valdeorras, Riba d'Ávia, Celanova, Ponte Vedra; organizador de Ciclos de cinema psicopedagógico,

cinema educativo-didático, educativo sobre a paz, educativo sobre as áreas transversais do ensino, educativo sobre os direitos humanos, educativo-ecológico, educativo sobre a mulher, educativo-social, direito e cinema, literatura e cinema. Organizador de várias edições da Mostra de Recursos Didáticos Alternativos, da Mostra do Livro Português na Galiza, de Encontros de Jogos Populares Galaico-Portugueses; diretor para Galiza da Revista galaico-portuguesa O Ensino; membro do Conselho redatorial das revistas lusófonas Nós e Cadernos do Povo.

No presente pertence ao Conselho redatorial da Revista Agália. Para além disso, foi Decano do Colégio Provincial de Doutores e Licenciados de Ourense (1980-1985); diretivo do Cine Clube “Padre Feijóo” de Ourense (1972-1995); e vogal da Federação Galega de Cine Clubes. Tem publicado:

A festa dos maios na escola (1991), Ourense, ASPGP. Artigos sobre temas educativos e sobre Tagore, nas revistas O Ensino, Nós, Cadernos do Povo, Vida Escolar, Comunidade Educativa, Padres y Maestros, BILE, Agália, Temas de O ensino, The Visva-Bharati Quarterly, Visva-Bharati Potrika e Jignasa (em bengali). Igualmente publica artigos sobre temas culturais, nomeadamente sobre a Índia, no Portal Galego da Língua, A Nosa Terra, La Región, El Correo Gallego, A Peneira, Semanário Minho, Faro de Vigo, Teima, Tempos Novos, Bisbarra, Ourense. Unidades didáticas sobre Os magustos, Os Direitos Humanos, A Paz, O Entroido, As árvores, Os Maios, A Mulher, O Meio ambiente; Rodrigues Lapa, Celso Emilio Ferreiro, Carvalho Calero, São Bernardo e o Cister em Ourense, em condição de coordenador do Seminário Permanente de Desenho Curricular dos MRPs ASPGP e APJEGP. **Nota:** reside de outubro a abril na Santiniketon de Tagore, na Bengala indiana, e de maio a setembro na sua cidade de Ourense, na Galiza.

TEMA 2.3: GOA, UM RECANTO GALEGO-PORTUGUÊS NA ÍNDIA. NA CAPITAL PANGIM EXISTEM NUMEROSOS VESTÍGIOS DA NOSSA CULTURA. OS TEMPLOS CRISTÃS E HINDUS GOESES COMPETEM EM FORMOSURA, POR JOSÉ PAZ RODRIGUES (ACADÉMICO DA AGLP E MEMBRO DA FUNDAÇÃO «MEENDINHO»)

Tinha eu muitos desejos de conhecer Goa e poder olhar todas as suas belezas e riquezas. Por cinco vezes viajei a este território, hoje um Estado da Índia. A primeira vez estive nestas terras goesas de 19 a 23 de março de 2008. Tinha que ter vindo antes, aproveitando as minhas largas estâncias na Santiniketon de Robindronath Tagore. Desde dezembro de 1961, em que foi anexado à força pela Índia, é um estado indiano, mas totalmente diferente ao resto da República. A segunda vez foi no ano de 2011, viajando desde Kolkata (Calcutá), via Mumbai (Bombaim), de 5 a 8 de fevereiro deste ano. As últimas três visitas a terras goesas foram realizadas por mim em 2013, 2014 e 2016.

2008: PRIMEIRA VIAGEM A GOA:

Na Semana Santa de 2008 encontrava-me eu em Deli, capital da Índia, para intervir num congresso dedicado a Tagore, que se celebrou no *Indian International Centre* e eu fora convidado pelo Instituto Cervantes da capital indiana, que dirigia o meu amigo Óscar Pujol, hoje diretor do «Cervantes» da cidade brasileira de Porto Alegre. Para chegar a Goa tomei o avião em Deli da companhia Go-Air. Já gostei muito da amabilidade das açafatas goesas e de todo o pessoal da companhia. Um táxi levou-me do aeroporto, que está a 30 quilómetros da capital Pangim, até a minha nova morada.

Na Pousada Afonso do bairro de Fontainhas (sic) estavam à minha espera Alírio Afonso e a sua irmã, que falam ambos galego. Já pelo caminho não saía do meu assombro. Pela beleza da paisagem. Pelas formosas praias rodeadas de infinidade de palmeiras. Pelos campos verdes dum verde intenso. Pelos rios e rias, muito semelhantes às nossas. Pelas casas que ia vendo, muitas de elas paços. Por um momento frotei os meus olhos e diz-me a mim mesmo se estava sonhando ou era realidade o que estava olhando.

Um recanto galego-português na Índia! Mesmo quando acordava pela manhã e me levantava parecia-me estar no Porto ou no Recife brasileiro. Quase todo o bairro de Fontainhas tem na sua grande maioria casas de estilo colonial, que se conservam bastante bem. Com varandas, balcões e telhados como os nossos. Com infinidade de letreiros e rótulos com nomes e apelidos nossos: Rodrigues, Fernandes, Sousa, da Cunha, da Costa, Ferreira, Gomes, Mascarenhas, Abreu, Colaço, Noronha, Cabral, Afonso, Meneses, Redondo, Barbosa, Castro, Saldanha, Faria, Bravo, Bragança, Ataíde, Nazareth, Leitão, Moraes, de Mello, Rangel, Ribeiro, Vaz, Furtado, Silgado, Gonçalves, Correa, Cordeiro, Cardoso, Peres da Silva... As palavras rua e casa repetem-se continuamente. As pessoas maiores de 50 anos todas falam galego-português.

É realmente uma delícia poder exprimir-me no meu idioma em plena Índia. Aqui é onde te dá realmente conta da asneira que é dizer que galego e português são idiomas diferentes. Que grande mentira! Eu aqui não tinha, nos dias que estive, nenhum problema para mover-me por Goa. Sempre encontrava alguém com quem poder falar em galego. Na rua, na cafetaria, na praia, no bar, no restaurante (vim dous com o nome de *A Lua* e um com o nome de *Viva Panjim*), no peirao com os pescadores, no barco que cruza o rio Mandovi, na barbearia que leva este nome, nas confeitarias (uma de nome *31 de janeiro*), nas muitas igrejas cristãs que há, onde há missas em galego também.

É SÓCIO DA AICL.

TOMOU PARTE NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA 2015, E NO 25º MONTALEGRE 2016

35) JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO. AICL, - ORGANIZAÇÃO

José Soares (de Abrantes Reis) nasceu em Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948. Jornalista e investigador. Formação em Comunicação Social e História. Foi Presidente regional do partido liberal do Quebeque. Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque. Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA). Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992);

Cofundador do *Açores 9*, (2007) Jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010. Foi delegado da RDP - RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos. Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras. Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma Crónica semanal no Decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta. Foi considerado por Osvaldo Cabral, Jorge Nascimento Cabral e outros, como o mais acutilante articulista da altura.

A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César.

Publicou em 2014 o seu livro de crónicas "Barcos de Palha".

Em 2016 foi o mecenas do novo livro de D. XIMENES BELO, *UM MISSIONÁRIO AÇORIANO EM TIMOR*.



MONTALEGRE 2016



SEIA 2014 MAIA 2013 Montalegre 2016



LOMBA DA MAIA 2016 MOINHOS 2014 MAIA 2013 LOMBA 2016

SÓCIO DA AICL.
ADJUNTO DA DIREÇÃO,
VOGAL DO CONSELHO FISCAL DA AICL.

PARTICIPOU NO 7º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE (AÇORES) 2007, 11º LAGOA (AÇORES) 2009, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 19º MAIA (AÇORES) 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016

36) LAURA AREIAS, CLEPUL, UNIV DE LISBOA. AICL



MAIA 2013 MAIA 2013 MOINHOS 2014

LAURA AREIAS,
Nasceu em Portugal.,
PhD, Tulane University, Luisiana. EUA
De 1984 a 2011: Leitora do Instituto Camões em Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães (EUA);

Professora convidada em Baucau (Timor-Leste) e Porto Rico.

Obra publicada sobre Fernando Pessoa, Cesário Verde, e a expressão literária da insularidade num atlântico lusófono.

Conferências, artigos em revistas e livros de circulação internacional, sobre temas portugueses, brasileiros e africanos.

Integra o Grupo 6 do CLEPUL desde 2008.

Adaptadora e encenadora de textos literários para Teatro de Fantoques.

Licenciada em Filologia Clássica, na Universidade de Lisboa, doutora pela Tulane University da Luisiana, Nova Orleães, USA, em estudos portugueses e brasileiros. Desde 1973 tem lecionado em Portugal, Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães, Timor-Leste, e Porto Rico.

Tem publicado livros e artigos nas áreas da sua especialidade: Humor e Insularidade.

É membro fundador da International Society for Luso-Hispanic Humor Studies, Filadélfia, desde 1996 e, de 2008 investigadora do Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias da FL, Universidade de Lisboa.

É violinista amadora.

TEMA 2.1. PORTUGUESES OUTRORA, HAVAIANOS HOJE, LAURA AREIAS, PHD, UNIVERSIDADE DE LISBOA

Na segunda-feira 13 de outubro, dia de boa estreia, levantei-me em Lisboa tão cedo que deu para apanhar o metropolitano para o aeroporto, embarquei no voo 65 da United e rumei ao Hawaii. Depois da longa travessia do atlântico seguindo-se uma maior ainda, a de todo o continente norte-americano em que reconheci os *canyons* do Arizona, os desertos de pedras de Utah, os grandes rios e as neves dos picos das Rocky Mountains, e metade do infundável Oceano Pacífico... o Professor Dr. Paul Chandler que conhecera no verão em Lisboa, veio esperar-me ao aeroporto de Honolulu e pôs-me um *Lei* ao pescoço – o primeiro que receberia, de uma linda tradição de amabilidade, boas vindas e hospitalidade.

Mas o *Lei* – aquele colar ou coroa de flores usado pela beleza exótica das mulheres havaianas e que a propaganda turística celebrizou - é mais do que isto. É uma antecipação de um agradecimento, é o reconhecimento de uma competência, é um sumo gesto de simpatia e agrado, expresso também na sua palavra *Aloha* que não se traduz num termo só.

Os dias seguintes foram de confraternização com os velhos e novos amigos da International Society for Luso Hispanic Humor Studies que eu ajudei a fundar em Filadélfia em 1996, com o Dr. Paul Seaver, seu primeiro Presidente. E os trabalhos da XV Conference da ISLHHS iniciados na quinta-feira, 16 de outubro, terminaram com uma excursão de meio-dia no sábado de manhã aos arredores da cidade, da qual me vi privada por mor do convite para a Ilha Maui, último reduto de lusitanos. Desde então foi terminado e inaugurado o Portuguese Cultural Center. E tenho o gosto de apresentar um texto representativo do nosso poeta madeirense Manuel Coito que deixou saudades em Maui. Lisboa, 3 de novembro, 2016.

É SÓCIA DA AICL.

PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO EM 2013 NA MAIA, NO 21º MOINHOS EM 2014 E 25º MONTALEGRE 2016

37) LÍDIA MACHADO SANTOS, ESE, IPB. AICL, LIDIA.FLAVIE@IPB.PT



Lúcia Maria Machado dos Santos.

Eq. Assistente 1.º Triénio, Departamento de Português

Escola Superior de Educação de Bragança, Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia

Lúcia Maria Machado dos Santos é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Alemães (UNL), Ensino de Português e Inglês (UTAD) e em Professores do Ensino Básico, variante de Português, História e Ciências Sociais (IPB-ESEB).

É doutoranda da Universidade de Vigo no programa de doutoramento: *Estudos Ingleses Avanzados: Interpretación Textual e Cultural das Sociedades Anglófonas Contemporâneas* (a aguardar data para defesa da tese). Tem lecionado Português, língua materna e Português LE, assim como Inglês LE. Tem vindo desde 2012 a dedicar-se à investigação sobre a cultura transmontana no dealbar do século XX e à literatura de potencial receção infantil. De ambas as vertentes já resultaram algumas publicações que serão continuadas futuramente.

TEMA 2.4.: TERRA D'ENCONTROS - A INVESTIGAÇÃO POR TRÁS DA FICÇÃO - OS JUDEUS PORTUGUESES, EM TERRAS RAIANAS, NO DEALBAR DO SÉC. XX. CARLA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO E LÚCIA MACHADO DOS SANTOS

[Texto completo em Carla Guerreiro](#)

É SÓCIA DA AICL. PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

38) LUCIANO PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL / AICL

LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, luciano.pereira@ese.ips.pt,

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982

Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992

Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Especialidade de Literaturas Românicas Comparadas, 2004

1. *Comunicações e artigos:*

- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes*
- *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*

- A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas
- O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa
- O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular
- Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional
- A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica
- A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio
- Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução
- O mau-olhado na cultura popular
- A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila

2. *Ensaio*: A fábula em Portugal

3. *Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração)*: A cidade

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2016)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2016)
- Presidente dos Júris das Provas de ingresso para os estudantes internacionais e com mais de 23 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014/2016).
- Presidente do Júri das Provas de ingresso para os estudantes com mais de 23 anos nos cursos da ESE Setúbal (2016).
- Elemento do Júri em vários concursos académicos e profissionais (Professores Coordenadores, Professores Adjuntos, Professores especialistas, Apresentação de relatórios de Mestrado...)

DISCIPLINAS LECIONADAS:

Língua portuguesa, Globalização das expressões, Literatura para a infância, Introdução à Literatura comparada, Retórica e argumentação, Culturas populares, Comunicação e património literário, Língua e cultura portuguesas para estrangeiros, Língua e Literatura portuguesas,

2. *Ensaio*:

- O universo do imaginário
- Os bestiários franceses do Século XII
- O bestiário e os contos tradicionais portugueses
- A fábula em Portugal

3. *Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração)*:

- A cidade
- O mundo das línguas
- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2015)
- Presidente do Júri da Prova de ingresso para os estudantes com mais de 21 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014/2015)



• FLORIPA 2010 MAIA 2013 LOMBA DA MAIA 2016

TEMA 1.3: REFERÊNCIAS E INDÍCIOS HEBRAICOS NA LITERATURA POPULAR, LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

As referências e os indícios hebraicos são uma constante desde os primórdios da nossa literatura popular e trovadoresca, marcadamente poéticos, com características fundamentais da poética do Antigo Testamento, tais como as formas paralelísticas (cantigas de amigo de D. Sancho I). A nossa poesia (Luís de Camões), a nossa dramaturgia (Gil Vicente), a nossa novelística, os nossos romances continuaram a cultivá-los, ora discretamente, ora centrando-se sobre algumas das suas questões sociais e culturais mais delicadas, incómodas ou traumáticas, tais como as que dizem respeito ao processo da inquisição, que tanto motivou todo o trabalho de Alexandre Herculano. Algumas ocorrências são ecos de um profundo debate em torno das temáticas teológicas e filosóficas, como as magistralmente expostas por um Pinharanda Gomes. O estudo apresentado visa apenas lançar luz sobre algumas das marcas e indícios na literatura popular, tais como provérbios, anedotas, canções (José Leite de Vasconcelos e Michel Giacometti), poemas (Teófilo Braga) lendas (Gentil Marques) e romances (Almeida Garrett, Perre Ferré) de uma presença antiquíssima, constante e atuante. Através deles, vislumbramos acontecimentos históricos como os que envolveram um Isaac Abravanel ou um Abraão Zacuto e orgulhamo-nos com momentos tão míticos quanto gloriosos, como os que o Infante Dom Henrique nos soube proporcionar.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

FAZ PARTE DO COMITÉ CIENTÍFICO PERMANENTE.

MEMBRO DO CONSELHO FISCAL.

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002

39) MARGARETE SILVA, TRADUTORA FREELANCE, AICL



LOMBA DA MAIA 2016

Margarete Isabel de Almeida Silva nasceu em Angola, e cedo soube o que era viver em países multiculturais e multilinguísticos.

Valeu-lhe um estágio académico na Secção de Tradução Portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, onde teve o privilégio de imergir num ambiente plurilinguístico por excelência.

Seguiram-se novas experiências profissionais não menos interessantes como Guia-Intérprete nas Caves de Vinho do Porto e outras incursões no mundo das línguas no continente americano.

Mestre em “Línguas Estrangeiras Aplicadas” (2 anos), pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2016).

Licenciada em “Línguas e Literaturas Modernas – ramo Tradução” (5 anos), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1998).

Tradutora/Intérprete em regime *freelance* desde 1998, atividade que exerce a tempo inteiro.

Formadora de PLE e outras línguas para fins empresariais e aprendizagem individual, com certificação do IEF, desde 2001.

Sócia da APTRAD – Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes, desde 2015.

Sócia da AICL – Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, desde 2016.

Gosta de palavras, da sonoridade linguística e dos diferentes sotaques.

Aprecia a escrita como forma de partilhar o que lhe vai na alma.

Tem particular interesse pelas línguas minoritárias e a sua preservação enquanto legado do património linguístico e identidade cultural de um povo.

TEMA 1.3. O LEGADO DO LADINO EM TERRAS LUSAS E NA DIÁSPORA: UMA ABORDAGEM GEOPOLÍTICA - MARGARETE SILVA – TRADU-TORA/INTÉRPRETE FREELANCE

Não me queres por eu ser pobre

E eu a ti por seres judeu

Olha a diferença que faz

Do teu sangue para o meu

Reportório do grupo folclórico e etnográfico de Vila Cova-à-Coelheira

O ladino, língua que teve origem nos judeus sefarditas expulsos da Península Ibérica durante a Inquisição, está espalhado por vários continentes.

Língua minoritária também em Portugal, o ladino encontra-se em risco de desaparecimento, ao lado de outras 2.500 línguas ameaçadas de extinção, segundo a UNESCO. Sabemos que a riqueza cultural de um país se faz, igualmente, pela sua diversidade linguística. Se assim é, e se a História das palavras portuguesas se fez – e faz – de empréstimos de elementos estrangeiros (europeus e extraeuropeus) ao longo dos séculos, de forma direta ou indireta, aculturando-os ou transformando-os, convém relembrar que a comunidade judaica, a par de outras, também teve o seu papel contributivo na formação lexical do mundo lusófono que partilha o mesmo idioma: o português.

A presença dos judeus na Península Ibérica apresenta uma curva de longa duração que acompanha inevitavelmente a História de Portugal.

Na formação da nacionalidade, os judeus, aliados aos vencedores e sendo dotados de uma invulgar cultura, tenacidade e adaptação, negociaram o seu estatuto na sociedade guerreira, intervieram nas diligências diplomáticas do novo Estado, dominaram as finanças, o comércio externo e interno e colaboraram nas tarefas de fixação, povoamento e organização do território nacional.

É SÓCIA AICL.

TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 26º COLÓQUIO LOMBA DA MAIA 2016

40) MARGARIDA MARTINS VILANOVA, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, PRESENCIAL

É SÓCIA DA AICL.

TOMOU PARTE NO 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012

41) MARIA ALICE DE SÁ, AÇORES, PRESENCIAL



MONTALEGRE 2016

A VIÚVA DO ESCRITOR DANIEL DE SÁ TOMOU PARTE NO 19º MAIA 2013, 24º SANTA CRUZ DA GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016

42) MARIA JOÃO RUIVO, ESC. SECUNDÁRIA ANTERO DE QUENTAL. AICL



LOMBA DA MAIA 2016

Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa Franco nasceu em Ponta Delgada, São Miguel - Açores, em 1965.

Completo os estudos secundários no Liceu Antero de Quental, onde leciona há vinte e oito anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês – via ensino).

Tem algumas publicações dispersas em jornais da região, entre a crónica, o conto e a escrita memorialística.

Sócia do Instituto Cultural de Ponta Delgada, tem também publicados, na *Insulana*, revista desse Instituto, excertos do seu Diário, que ora trouxe à estampa.

Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – *Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo* – projeto que resultou da sua coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas Almeida.

Dois anos depois, publicou, juntamente com o fotógrafo José Franco, o livro *Sentir(es) a Preto e Branco*, uma simbiose de texto com fotografia.

No âmbito da atividade da Associação de Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental, de que é vice-presidente, coordenou, em conjunto com dois outros membros da Direção, a publicação do Livro *Memórias do Nosso Liceu*, que foi apresentado na Casa dos Açores em Lisboa.

Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo*, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia.

É SÓCIA DA AICL.

TOMOU PARTE EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA E NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016.

APRESENTAÇÃO DE UM PUNHADO DE AREIA NAS MÃOS, DIÁRIO, DE MARIA JOÃO RUIVO POR BRITES ARAÚJO

Perguntam-me muitas vezes por que razão levei tanto tempo a decidir-me pela publicação deste livro. Poderia enumerar várias razões, mas basta, por agora, dizer que publicar é sempre uma grande responsabilidade perante os outros e, sobretudo, perante nós mesmos. A escrita não é pacífica. É marca nossa que fica e isso traz-me uma certa angústia, o receio de que daqui a uns anos olhe para trás e pense que se calhar devia ter mantido este livro na caixinha onde o guardei durante tanto tempo.

Ele nasceu há cerca de 20 anos, muito de mansinho, com uns rascunhos que eu escrevinhava quando tinha algum tempo livre. Na altura não imaginava que poderia vir a constituir um volume tornado público.

Sou filha de um diarista. Desde cedo me lembro de partilhar com meu Pai as dúvidas e as alegrias da escrita. Primeiro, ouvindo-o, depois lendo-o e, mais tarde, ajudando-o na revisão do que escrevia. Curiosamente, isso fez com que eu, durante algum tempo, fugisse um pouco à escrita intimista, mas “volta e meia vinha aqui cair, como quem regressa às origens”. Numa entrada de 2005, digo o seguinte: “Sinto que ter um Diário entre mãos é uma espécie de compromisso com a nossa própria existência. E gostava de assumi-lo. A escrita de um Diário é um fascínio. Verbalizar a vida é uma forma de nos conhecermos, porque exige que nos analisemos, porque nos obriga à reflexão, e é um desafio olharmos para nós próprios. E, à medida que avançamos, conseguimos interpretar alguns mistérios de que somos feitos.” No entanto, acho “que a escrita diarística, por inúmeras razões, é arriscada. Obriga-nos a entrar em nós e a sair logo depois. É assim que a sinto. Começa por ser uma escrita de mim para mim, e nela vem impressa toda uma herança espiritual. Mas não se fecha nisso, necessariamente. É também uma escrita para quem quer que a leia. E a quantas leituras diferentes estamos sujeitos? Tratando-se de um Diário, tudo se torna mais delicado, porque não temos o escudo da ficção a proteger-nos. Mas como poremos a nu o que somos?” Esta é, para mim, uma das muitas questões interessantes num Diário. Tratando-se de uma escrita, em muitos momentos, intimista, tem de se definir uma fronteira razoavelmente clara entre o **intimismo** e a **intimidade**, porque nem tudo se põe a nu, em praça pública, e é como o João de Melo disse, na apresentação que fez do livro em Ponta Delgada, tratando-se de um Diário feminino, a contenção é, provavelmente, maior.

Maria João Ruivo

Conheci a Maria João teria ela os seus sete ou oito anos e eu os meus treze ou catorze. Sendo colega de turma e amiga da irmã, a Isabel, com quem partilhava uma natureza algo estouvada e buliçosa, frequentei a casa da Rua da Alegria, de que guardo recordações vivas e muito gratas. É desse tempo que me chega a imagem de uma menina calma, de sorriso tímido, que nos olhava, a mim e à irmã, com os olhos de um siso que nos cabia a nós, mais do que a ela. Agora penso que, por essa altura, embora ninguém o soubesse, muito menos ela, talvez já preparasse o livro que traz hoje a público.

Mais tarde, no Liceu Nacional de Ponta Delgada (ex-Liceu Antero de Quental e futura Escola Secundária Antero de Quental) viria eu a ser aluna da mãe, a Dra. Idalinda Ruivo e, embora não oficialmente, do pai, o Dr. Fernando Aires, a quem devo, entre muitos outros inestimáveis ensinamentos, muito do gosto que mantenho pela música e dança clássicas.

Falo nisto para justificar o tom afetuoso e informal com que me refiro à autora do livro que aqui trazemos e que ela, a Maria João, a quem agradeço publicamente a confiança e, sempre, a amizade, me convidou a apresentar.

Carlos Alberto Machado, a propósito da apresentação pública de *Que Paisagens Apagarás*, de Urbano Bettencourt, dizia que um livro se apresenta a si mesmo, na exata medida em que o leitor se apresenta ao livro; e que é das vidas que circulam nesse processo relacional que se constrói o seu sentido e a sua perenidade. Umberto Eco já tinha

dito sensivelmente o mesmo, nos seus passeios pelos bosques da ficção e, embora não se tratando de ficção-narrativa, o passeio que faço por este livro da Maria João, a relação que mantenho com o que lá vem escrito passa, inevitavelmente, pelo afeto que tenho à autora e pelo foco posto naquilo onde melhor me reconheço e me revejo. Obrigada, Maria João, pelo teu Diário. (Belmonte, 6 de abril de 2017 – 27º Colóquio Internacional da Lusofonia)

43) MARIA LUÍSA TIMÓTEO, KORSANG DI MELAKA - AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL



É SÓCIA FUNDADORA DA AICL.

JÁ TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, NO 23º NO FUNDÃO EM 2015, NO 25º EM MONTALEGRE 2016. APRESENTOU IMAGENS SOBRE MALACA PARA QUE A MENSAGEM NÃO FIQUE ESQUECIDA.

44) MARILENE GENTILI, BRASIL

SÓCIA DA AICL. PRESENTE NO 10º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2008, E 11º COLÓQUIO NA LAGOA, AÇORES, 2009

45) MÁRIO MELEIRO, (UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, ESE, I P GUARDA E AICL. PRESENCIAL

MÁRIO JOSÉ SILVA MELEIRO. Nasceu em Soutelo - Mogadouro (Trás-os-Montes), em 1974 e reside na Guarda, onde fez o estágio profissional na Escola Secundária Afonso de Albuquerque. Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mestre em Linguística Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Católica - Polo de Viseu e doutorado em Linguística (Histórica) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É docente da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, do Instituto Politécnico da Guarda, desde 2000. Além da docência tem desenvolvido a sua atividade como formador do Programa Nacional do Ensino do Português (PNEP), da Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário (TLEBS), do Acordo Ortográfico (AO 1990) e, recentemente, das Metas Curriculares de Português (MCP). Com participação em diversos congressos, em alguns deles com apresentação de comunicação, a área de investigação centra-se na morfologia e no léxico da língua portuguesa.



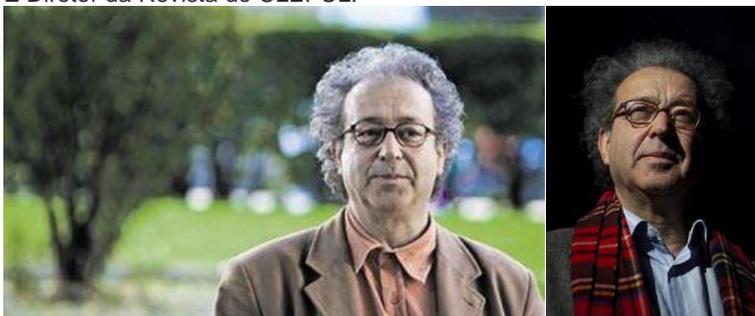
LOMBA DA MAIA 2016

É SÓCIO AICL.

TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM SANTA MARIA 2011, NO 22º SEIA 2014, NO 26º LOMBA DA MAIA 2016.

46. MIGUEL REAL - ESCRITOR PORTUGUÊS, ENSAÍSTA E PROFESSOR DE FILOSOFIA. CENTRO DE LITERATURAS E CULTURAS LUSÓFONAS E EUROPEIAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. AICL

Miguel Real, pseudónimo de Luís Martins, nascido em 1953, conquistou em 2006 o Prémio Literário Fernando Namora com o romance *A Voz da Terra*. Miguel Real fez a licenciatura em Filosofia na Universidade de Lisboa e, mais tarde, um mestrado em Estudos Portugueses, na Universidade Aberta, com uma tese sobre Eduardo Lourenço. É Diretor da Revista do CLEPUL.



Estreou-se no romance, em 1979, com *O Outro e o Mesmo*, com o qual viria a ganhar o Prémio Revelação de Ficção da APE/IPLB.

Em 1995, voltou a ser distinguido com um Prémio Revelação APE/IPLB, desta vez na área de Ensaio Literário, graças à obra *Portugal - Ser e Representação*.

Outra distinção importante surgiu em 2000, o Prémio LER - Círculo de Leitores, com o ensaio *A Visão de Túndalo por Eça de Queirós*. Em 2001, recebeu uma bolsa do programa Criar Lusofonia, do Centro Nacional de Cultura, que lhe permitiu percorrer o itinerário do Padre António Vieira pelo Brasil. A esse propósito escreveu um diário, editado em 2004, intitulado *Atlântico, a Viagem e os Escravos*. A partir de 2003, com a novela *Memórias de Branca Dias*, passou a escrever simultaneamente um ensaio e um romance para evitar incluir teoria (filosófica, principalmente) na ficção. Em 2005, Miguel Real lançou o romance histórico *A Voz da Terra*, cuja a ação decorre na época do terramoto de 1755, que viria a ter grande reconhecimento por parte da crítica e do público. *A Voz da Terra* proporcionou ao autor a conquista da edição de 2006 do Prémio Literário Fernando Namora, um dos mais prestigiantes galardões literários a nível nacional. Simultaneamente ao romance *A Voz da Terra* foi publicado o ensaio *O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa*, situado na mesma época.

Já em finais de 2006 foi lançado o romance *O Último Negreiro*, sobre o traficante de escravos Francisco de Félix de Sousa, que viveu em São Salvador da Baía e Ajudá, no Benim. O seu ensaio Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa (2008) recebeu o prestigiado Prémio da Associação Internacional de Críticos Literários e a peça Uma Família Portuguesa (2008), em coautoria com Filomena Oliveira, recebeu o Grande Prémio de Teatro da Sociedade Portuguesa de Autores, Teatro Aberto.

Tem participado em distintos eventos científicos em Portugal e no Estrangeiro e colaborado em inúmeras Revistas e Jornais de expressão nacional e internacional. Destaca-se, a título de exemplo, a Revista Colóquio de Letras ou o JL, Jornal de Letras (a partir de 2000), Artes e Ideias onde faz crítica literária.

Tem trabalhado ainda como radialista na Antena 2, designadamente no programa Um Certo Olhar, com Maria João Seixas, Luísa Schmidt, Carla Hilário Quevedo e Luís Caetano. Paralelamente ao romance e ao ensaio, Miguel Real dedicou-se, regularmente, à escrita de manuais escolares e de adaptações de teatro, estas em colaboração com Filomena Oliveira.

No **ensaio** destacou-se com

«Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em "Memorial do Convento" de José Saramago» (1995),
 «Portugal - Ser e Representação» (1998, Prémio Revelação de Ensaio Literário da Associação Portuguesa de Escritores 1995),
 «Padre António Vieira e o Ano de 1666» (1999),
 «A Geração de 90 - Romance e Sociedade no Portugal Contemporâneo» (2001),
 «Eduardo Lourenço - Os Anos de Formação: 1945-1958» (2003),
 «O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa» (2005),
 «O Último Eça» (2006)
 «Agostinho da Silva e a Cultura Portuguesa» (2007).
 Introdução à Cultura Portuguesa (2011)
 Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010 (2011).
 Romance Português Contemporâneo 1950-2010 (2ª edição 2012),
 Nova Teoria do Mal (2012),

Na **ficção** distinguiu-se com

As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia (2010),
 A Guerra dos Mascates (2011)
 A Voz da Terra (4ª edição, 2012 – Prémio Literário Fernando Namora, 2005),
 O Último Europeu (2015), D. Quixote, Portugal:
 Um País Parado a Meio do Caminho 2000-2015 (2015), Dom Quixote
 «A Visão de Túndalo por Eça de Queirós» (2000, Prémio Ler - Círculo de Leitores 1999),
 «As Memórias de Branca Dias» (2003),
 «A Voz da Terra» (2005, Prémio Fernando Namora da Sociedade Estoril Sol 2006),
 «O Último Negreiro» (2006)
 «O Último Minuto na Vida de S.» (2007).

Em 2008, ano do 400º aniversário do nascimento do Padre António Vieira, editou «O Sal da Terra», o seu romance sobre o imortal escritor, eclesiástico e diplomata.

No drama, e juntamente com Filomena Oliveira, escreveu, entre outras, as peças «Os Patriotas» (2001),

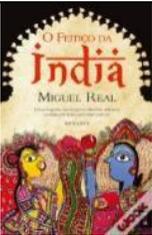
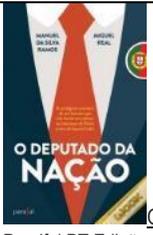
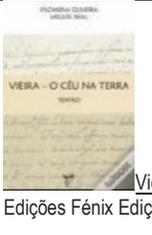
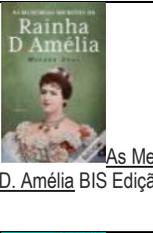
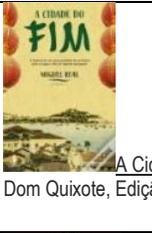
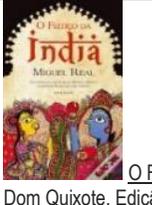
«O Umbigo de Régio» (2003),

«Liberdade, Liberdade» (2004) e

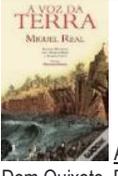
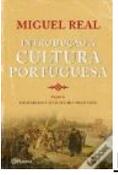
«1755 - O Grande Terramoto» (2006) - todas levadas à cena em teatros de Lisboa ou arredores.

Entrevista aqui: <http://www.revistaprogridir.com/miguel-real.html>

ATAS 27º colóquio 6-9 abril 2017 BELMONTE

 <p><u>O Feitico da Índia</u> BIS Edição: 07-2016</p>	 <p><u>Uma Terra Prometida</u> IN Edição: 06-2016</p>	 <p><u>O Deputado da Nação</u> Parsifal PT Edição: 03-2016</p>	 <p><u>Nova Águia n° 16 – 2º</u> Sem. 2015 – Filosofia Lusófona, Zéfiro Edição: 11-2015</p>
 <p><u>Portugal: Um País Parado no Meio do Caminho 2000-2015</u> Dom Quixote, Edição: 06-2015</p>	 <p><u>O Último Europeu</u> Dom Quixote, Edição: 01-2015</p>	 <p><u>Manifesto em Defesa de uma Morte Livre</u>, Parsifal PT Edição: 01-2015</p>	 <p><u>Vieira - O Céu na Terra</u> Edições Fénix Edição: 01-2015</p>
 <p><u>O Futuro da Religião</u> Nova Veja Edição: 10-2014</p>	 <p><u>As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia</u> BIS Edição: 04-2014</p>	 <p><u>Nova Teoria do Sebastianismo</u> PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE Edição: 03-2014</p>	 <p><u>A Cidade do Fim</u> Dom Quixote, Edição: 10-2013</p>
 <p><u>Mensagem de Fernando Pessoa</u> Parsifal PT Edição: 08-2013</p>	 <p><u>Nova Teoria da Felicidade</u> Dom Quixote, Edição: 03-2013</p>	 <p><u>Liberdade, Liberdade!</u> Fonte da Palavra Edição: 02-2013</p>	 <p><u>O Feitico da Índia</u> Dom Quixote, Edição: 08-2012</p>



 <p><u>A Vocação Histórica de Portugal</u> Esfera do Caos Edição: 04-2012</p>	 <p><u>Romance Português Contemporâneo</u> Editorial Caminho Edição: 04-2012</p>	 <p><u>Nova Teoria do Mal</u> Dom Quixote, Edição: 02-2012</p>	 <p><u>A Voz da Terra</u> Dom Quixote, Edição: 01-2012</p>
 <p><u>Revista - Letras Com Vida N.º 3</u> Gradiva Edição: 10-2011</p>	 <p><u>A Guerra dos Mascates</u> Dom Quixote, Edição: 08-2011</p>	 <p><u>Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010</u> INCM ed. 05-2011</p>	 <p><u>Introdução à Cultura Portuguesa</u> Ed. Planeta Edição: 03-2011</p>

TEMA 3.1. INTRODUÇÃO AO ITINERÁRIO CRÍTICO DE URBANO BETTENCOURT

Em 1989, no texto *Emigração e Literatura. Alguns Fios da Meada*, Urbano Bettencourt regista que a literatura, mais do que se constituir como mero reflexo da realidade, alimenta-se de uma “deflecção” da realidade.

O seu estatuto pertenceria ao cruzamento da realidade com, por um lado, a subjetividade do autor e, por outro, com a lógica precisa da linguagem, ambas vazadas no que Urbano Bettencourt designa por “discurso da subjetividade”⁶.

Neste sentido, em nenhum dos múltiplos livros do autor se intenta identificar literatura com transposição direta da realidade ou com verdade e todos se inserem no que designa por “discurso da subjetividade”.

Porém, subjetividade não significa arbítrio e, portanto, existe um vínculo substancial entre literatura e realidade, que confere àquela a garantia de uma certa objetividade. Esta objetividade, que opera o trânsito entre escrita e leitura e entre realidade exterior e subjetividade pessoal é dada pela linguagem, espécie de meio-termo entre a pretensa objetividade do realismo ingénuo e o delírio linguístico narcisista e egológico.

Com efeito, lendo-se os artigos e ensaios de Urbano Bettencourt constata-se uma evolução, tanto formal quanto cronologicamente, para uma espécie de terreno do meio-termo estético.

De facto, do ponto de vista da dinâmica do seu pensamento, observa-se a existência de uma evolução ao longo de duas décadas de escrita, por exemplo, entre o primeiro volume de *O Gosto das Palavras*⁷ e a última recolha de ensaios com o título *Ilhas conforme as circunstâncias*⁸. Ao longo destes vinte anos, o leitor apercebe-se de que o autor abandonou os seus estudos formalmente académicos do primeiro volume, presentes, por exemplo, no primeiro capítulo “Nas Margens de Antero” e no segundo, “A Arte da Fuga”, substituindo-os, a partir de o segundo volume de *O Gosto das Palavras – II (Leituras e Ensaios)*⁹, publicado 12 anos depois, pelo seu pessoalíssimo “discurso de subjetividade”.

É SÓCIO AICL.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ, SENDO CONVIDADO ESPECIAL PARA O 27º COLÓQUIO.

⁶ Urbano Bettencourt, *Emigração e Literatura. Alguns Fios da Meada*, Horta, Ed. Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, 1989, p. 16.

⁷ Urbano Bettencourt, *O Gosto das Palavras*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1983.

⁸ Urbano Bettencourt, *Ilhas conforme as circunstâncias*, Lisboa, Salamandra, 2003

⁹ Urbano Bettencourt, *O Gosto das Palavras – II (Leituras e Ensaios)*, Ponta Delgada, Edição do “Jornal da Cultura”, 1995.

46) NORBERTO ÁVILA, TERCEIRA, AICL. PRESENCIAL



LOMBA DA MAIA 2016 MONTALEGRE 2016 LOMBA DA MAIA 2016

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a Revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audubert, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters. Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça. www.norberto-avila.eu - oficinadescrita@gmail.com

Bibliografia

- 1960, O Homem que Caminhava sobre as Ondas. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense, Évora. ed. autor, Lisboa.
- 1962 O Labirinto, inédito
- 1962, O Servidor da Humanidade. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa, Estufa Fria, Lisboa, Ed. Panorama,
- 1965, A Pulga, inédito
- 1965, A Ilha do Rei Sono. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães,
- 1965 Magnífico I, inédito
- 1966, *As Histórias de Hakim* (1966). 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça
- 1966, A Descida aos Infernos. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP
- 1968, As Histórias de Hakim. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.
- 1972, A ilha do rei Sono, Lisboa, Plátano ed.
- 1972, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos "30 Anos do Teatro Experimental do Porto".
- 1975, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos "50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores" Repertório da SPA.
- 1976, As Cadeiras Celestes. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos "50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores" Repertório da SPA. Lisboa, Ed. Prelo Editora
- 1977, O Rosto Levantado. 1ª ed., em *Algum Teatro*, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.
- 1977, in *Antologia de poesia açoriana, do séc. XVII a 1975*, coord de Pedro da Silveira, ed. Sá da Costa.

- 1977, *O Rosto Levantado* (1977 e 1978). 1ª ed., Algum Teatro, IN-CM, Lisboa, 2009.
- 1977, *A ilha do rei Sono*, 2ª ed., com edição em alemão, Lisboa, Plátano ed.
- 1978, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.
- 1979, *O Pavilhão dos Sonhos*, inédito
- 1980, *Viagem a Damasco*, ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1988 *Os Deserdados da Pátria*, 1ª versão, inédito
- 1982, *Do Desencanto à Revolta*.
- 1983, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que a representou nesse ano. “Prémio à Publicação”, da Associação Portuguesa de Escritores.
- 1983, *A Paixão Segundo João Mateus*, Angra, ed. SREC
- 1985, *D. João no Jardim das Delícias* (1985).
- 1986, *Magalona, Princesa de Nápoles*
- 1986, *Hakims Geschichten: Kinderstück von Norberto Avila; Kindertheater, Spielzeit 85/86, WLB, 1986 -*
- 1987, *D. João no Jardim das Delícias*. Ed. Rolim, Lisboa,
- 1988, *Viagem a Damasco*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988.
- 1988, *D. João no Jardim das Delícias*, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais
- 1988 *Os Deserdados da Pátria Ver Do Desencanto à Revolta*
- 1988, *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
- 1989, *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. 1989, *As Viagens de Henrique Lusitano* (1989).
- 1990, *Viagem a Damasco*, estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do Heroísmo.
- 1990, *As Viagens de Henrique Lusitano*. Edição SPA, Lisboa,
- 1990, *A Donzela das Cinzas* (1990).
- 1990, *Magalona, Princesa de Nápoles*. Angra, SREC
- 1990, *Uma Nuvem sobre a Cama* (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1990, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, Ed. Signo, Ponta Delgada,
- 1990, *A Donzela das Cinzas*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1990, *Magalona, Princesa de Nápoles*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo.
- 1991, *As Viagens de Henrique Lusitano: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas)*, Sociedade Portuguesa de Autores, 1991 - 91 páginas
- 1991, *Uma Nuvem sobre a Cama*. Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991.
- 1991-1993, *O Marido Ausente*. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países.
- 1992, *A Donzela das Cinzas* (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992
- 1992, *Arlequim nas Ruínas de Lisboa*. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, ed. Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa,
- 1992, *As Fajãs de São Jorge*, Álbum. Fotografia e texto. ed. Câmara Municipal, da Calheta, São Jorge, Açores,
- 1993, *No Mais Profundo das Águas*, romance.
- 1993, *Os Doze Mandamentos* (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1994, *Os Doze Mandamentos*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1995, *Fortunato e TV Glória*.
- 1996, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”. Estreada pelo Teatro “A Oficina”, Guimarães.
- 1996, *O Café Centauro*. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio,
- 1997, *O marido ausente*, Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países (1991 a 1993), Lisboa, ed. Colibri
1997. *Uma nuvem sobre a cama*, comédia erótica em duas partes, Lisboa, ed. Colibri
- 1997, *O Bobo*. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro “A Oficina”, Guimarães
- 1998, *Os Deserdados da Pátria* (1988). (Ver Do Desencanto à Revolta 2003.)
- 1998, *Fortunato e TV Glória*. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal,
- 1998, *No Mais Profundo Das Águas*, romance, Lisboa, Ed. Salamandra



GRACIOSA 2015 LOMBA DA MAIA 2016 MOINHOS 2014

1999, Percurso de Poeta, poesia. Prémio Natália Correia, 1999. ed. autor, Lisboa,
 1999, A Donzela das Cinzas. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alfornelos,
 2000, Salomé ou A Cabeça do Profeta. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
 2002, O café centauro: tríptico provinciano, Novo Imbondeiro Editores, 2002 - 86 páginas
 2002, As Suaves Luvas de Londres. Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
 2002, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio, *As Suaves Luvas de Londres*, ed. Novo Imbondeiro, Lisboa
 2003, Do Desencanto à Revolta, conjuntamente com a peça Os Deserdados da Pátria, com a qual forma um díptico Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa,
 2003, Frente à Cortina de Enganos, romance, Inédito
 2004, Arlequim nas ruínas de Lisboa, Novo Imbondeiro, Lisboa.
 2006, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo,
 2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
 2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, estreou em 2008.
 2008, Memórias de Petrônio Malabar. Peça expressamente escrita para a revista Prelo, que a publicou no seu nº 8 maio - agosto de 2008.
 2009, Da espiga ao espírito, Angra, in Atlântida, vol. LIV, IAC (Instituto Açoriano de Cultura)
 2009, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Alguem Teatro, Câmara Municipal de Lisboa,
 2009, O Rosto Levantado, Teatro CENDREV, Évora
 2009, Alguem Teatro, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes, com um longo prefácio: Apresenta-se o Autor com as Suas Peças. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
 2011, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Angra, Instituto Açoriano de Cultura,
 2011, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, Edição da Sociedade Portuguesa de Autores / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011
 2013, Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
 2013, Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias, in Atas do 20º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal
 2014. Alguem teatro na internet, in Atas do 22º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal

Viaje aqui pelos **CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS 16**

[3 vídeo homenagens](#)

É SÓCIO AICL.

FAZ PARTE DO COMITÉ CIENTÍFICO PERMANENTE.

AUTOR HOMENAGEADO EM 2016 E NO 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE.

TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA (AÇORES) 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016

47) PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES, AICL

PEDRO PAULO CÂMARA,

Licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, com Pós-Graduação em Estudos Interculturais – Dinâmicas Insulares

É professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação – Circum-Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação e Cultura, Comunicação e Media.

É autor da obra *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), e do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional.

Durante o período da sua existência, foi colaborador e representante regional da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criador, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro, e, em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Mirateca artes, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, tem colaborado na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e participado de diversos eventos do mesmo.

É o coordenador dos saraus poéticos “Vozes de Lava”, que contam já com duas edições, em colaboração com o Coro Polifónico de Ginetes, do qual é, também, consultor artístico.

Desde 2014, é colaborador do magazine local *O Poente*.

É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte e que está em implementação na freguesia de Ginetes, ilha de São Miguel, e que, posteriormente, irá envolver as freguesias circundantes, num processo natural de evolução.



Montalegre 2016 LOMBA DA MAIA 2016



TEMA 3.1.: VIOLANTE DE CYSNEIROS: DE ORPHEU A “AZULEJOS” - A VIAGEM SEM RETORNO

Em casos excecionais, o sucesso e a magnificência de uma obra não se prendem com a qualidade estética do texto, com a criatividade, pertinência ou a sua intemporalidade.

A literatura “*não é um panteão onde, por força de uma ordem imutável, se depositariam [apenas] os bons autores, mas sim que pode, segundo as culturas de que participa, as épocas em que se manifesta, possuir realidades múltiplas, obedecer a leis cuja importância nem sempre se avaliava*”¹⁰, ou avalia.

Avaliar os parâmetros que compõem um bom livro ou um “bom autor”, carregando consigo toda a polémica e multiplicidade de possibilidades que o termo “bom” transporta em si”, é uma tarefa árdua, sendo que, todavia, importa analisar o contributo que, num determinado contexto espacial, temporal ou cultural, um definido autor concedeu e o que dele sobejou para a posteridade.

Constatámos já, previamente¹¹, que Violante de Cysneiros havia resultado do génio artístico natural de Fernando Pessoa e da necessidade prática de Armando Côrtes-Rodrigues se *outrar*, tendo sido este último autor o responsável por alimentar o sopro de vida de Violante, durante a sua existência efémera, mas relevante e produtiva. Violante, a única *fabulosa* mulher a participar em *Orpheu*, mais propriamente no segundo número, resulta, então, de um artifício de identidade que viria a enriquecer a revista e a contribuir para a unificação de textos e autores.

Todavia, a sua produção textual e as suas contribuições não findam com o encerramento material de *Orpheu*, nem com a distanciação física dos seus colegas modernistas, mas expande-se ao jornal insular *O Autónomico*, na rubrica Azulejos, de abril a dezembro de 1916.

Não negamos a qualidade estética dos textos de Côrtes-Rodrigues produzidos entre 1910 e 1915, mas temos consciência de que a sua participação ativa nas publicações modernistas resulta de um conjunto de razões, mais pessoais e circunstanciais do que estabelecidas pela afinidade com uma determinada corrente estética ou filosófica, sendo que os textos produzidos e integrados nas publicações da dita corrente são, como diria Eduíno Jesus, “*um resultado do deslumbramento do poeta que, vindo de um meio naturalmente tradicionalista, conservador, apegado à lição dos mestres do passado, se viu inadvertidamente numa babilónia de ideias novas, irreverentes, iconoclastas [...]*”¹², alimentadas, em larga escala, pelo amigo Pessoa.

VIAJE AQUI PELO [CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS #32](#)

SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016

48) ROLF KEMMLER, UTAD VILA REAL – ALEMANHA, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, ACL E AICL - ORGANIZAÇÃO



Montalegre 2016 MACAU 2011 LOMBA DA MAIA 2016 MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

¹⁰ Gilles Quinsat, “Introdução”, Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, O Grande Atlas das Literaturas, Página Editora, 2000, p. 8

¹¹ Consultar a comunicação proferida em outubro de 2016, no 26º Colóquio Internacional da Lusofonia – Lomba da Maia, Açores, intitulada *Orpheu*: o estranho caso de Violante de Cysneiros.

¹² Eduíno de Jesus, Prefácio a *ANTOLOGIA DE POEMAS* de Armando Côrtes-Rodrigues, Ponta Delgada: Arquipélago, 1956, p. 6.

ROLF KEMMLER, tendo nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, é professor auxiliar convidado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), membro permanente do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD e do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP, Porto).

Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014, é Doutorado na área das Ciências da Linguagem e da Literatura (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen desde 2005 (Alemanha), com a tese intitulada «A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)», publicada em 2007.

Formou-se como *Magister Artium* (M.A.) em Filologia Românica em 1997, com uma tese intitulada «Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa» (publicada em 2001 como artigo na revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.

Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre o papel da Galiza dentro da Lusofonia.

Pertence a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional.

Para além disso, é sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores) e da Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa (Galiza).

É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Em 2016 tornou-se **SÓCIO CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA**



BRAGANÇA 2010 MACAU 2011 GRACIOSA 2015 LOMBA DA MAIA 2016

TEMA 2. O GOLPE CONTRA A PLURALIDADE ACADÉMICA DE IDEIAS DENTRO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, ROLF KEMMLER (VILA REAL)*

1 INTRODUÇÃO

Como é sobejamente sabido, desde a sua fundação em 1779, a Academia das Ciências de Lisboa tem diversificado os seus interesses científicos em várias áreas do saber humano, desde as ciências 'puras e duras' até aos aspetos mais variados que pertencem às Humanidades. Desde a fundação da Academia, a discussão da 'ciência' tem sido feita democraticamente nas sessões das respetivas classes, na mais perfeita igualdade dos sócios presentes.

* Sócio Correspondente Estrangeiro da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa (ACL), investigador do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP).

Ao considerarmos que a ortografia da língua portuguesa é um assunto marcadamente linguístico, convém constatar que hoje, dentro do quadro humano da nossa Academia portuguesa, as Ciências da Linguagem, do ponto de vista estatutário só têm cabimento dentro da '2.ª secção — Filologia e Linguística', a qual, conforme reza o artigo 10.º dos nossos *Estatutos* (2015: 5689), conta com cinco sócios efetivos e 10 sócios correspondentes nacionais, dos quais – obviamente – nem todos forçosamente são supostos de possuírem qualquer competência científica em Ciências da Linguagem.

Assim, atualmente (e sem desprestigiar os eminentes filólogos nela reunidos), a 2.ª secção da Classe de Letras só conta com dois sócios efetivos com sólida formação e doutoramento em Ciências da Linguagem, que possuem currículo científico sério dedicado à matéria em apreço.

Estou a referir-nos aos confrades João Malaca Casteleiro, sócio correspondente desde 15 de março de 1979 e sócio efetivo desde 27 de novembro de 1997 e Telmo dos Santos Verdelho, sócio correspondente desde 31 de maio de 2010 e sócio efetivo desde 23 de fevereiro de 2016.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

FAZ PARTE DO COMITÉ CIENTÍFICO PERMANENTE.

FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º NO FUNDÃO 2015 E 24º NA ILHA GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016

49) TIAGO ANACLETO-MATIAS PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS E AICL, PRESENCIAL E ORGANIZAÇÃO

Tiago Anacleto-Matias é mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008), licenciado em Tradução Especializada (2002) e bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (*Handelshøjskole Syd*) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo do Programa *Erasmus*. Possui uma pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004). As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada. Tem igualmente cooperado desde 2008 no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil. Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.



GALIZA 2012 MONTALEGRE 2016



GALIZA 2012 Moinhos 2014

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

SECRETÁRIO DA DIREÇÃO DA AICL.

PARTICIPOU ININTERRUPTAMENTE DESDE O 1º COLÓQUIO AO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014. REGRESSOU NO 25º EM MONTALEGRE E NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016

50) URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, PROFESSOR APOSENTADO, PICO. CIERL-UMA E CEHU-UAC, AICL



LOMBA DA MAIA 2016 Lagoa 2012 FUNDÃO 2015



PDL 2013 LAGOA 2012 LAGOA 2012

URBANO MANUEL BETTENCOURT MACHADO, NASCEU NA Piedade, ilha do Pico, 1949). Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:
Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani). Florianópolis, Santa Catarina, 2005.
Pontos Luminosos. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel). Campo das Letras, 2006.
Azoru Salu. Dzejas antologija (com Leons Briedis). Riga, Letónia, 2009.
Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014.
Começou a sua atividade profissional na Escola Secundária da Amora, tendo posteriormente lecionado na E.S. da Bela Vista (Setúbal), na E B 2,3 Padre João José do Amaral (Lagoa) e na E.S. Antero de Quental, (1986-1990), a cujo quadro de professores pertence e onde voltou a lecionar nos anos letivos de 2014-16.
Aposentado do ensino desde o dia 1 de julho de 2016.
No domínio da investigação, tem dedicado particular atenção às literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores. Colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro.
Entre 2006 e 2009 dirigiu, com Carlos Alberto Machado, a coleção «Biblioteca Açoriana», para a qual preparou a antologia de contos de José Martins Garcia, *Português, Contrabandista*.

BIBLIOGRAFIA

- 1972, Raiz De Mágua, Poesia, Setúbal, Ed. Autor
- 1976, Ilhas, narrativas; em parceria com Santos Barros. Lisboa, Ed. Dos Autores.
- 1980, Marinheiro Com Residência Fixa. Poesia e narrativas. Lisboa, Ed. Do Grupo De Intervenção Cultural Açoriano.
- 1983, O Gosto Das Palavras I. Ensaios sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o caráter cósmico de alguma poesia barroca, e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo. Coleção Gaivota, SREC, pp. 77-87
- 1983, Ensaios Sobre Antero De Quental E Outros Autores Açorianos; O Caráter Cósmico De Alguma Poesia Barroca; Os Apólogos Dialogais De D. Francisco Manuel De Melo. Angra Do Heroísmo, SREC.
- 1983, Antologia De Poesia açoriana in O Gosto Das Palavras I. Angra Do Heroísmo, Secretaria Regional Da Educação E Cultura, pp. 77-87
- 1984 com Costa Melo, Lúcia. [Rota sibilina; pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova Ponta Delgada, Câmara Municipal.](#)
- 1986 Rodrigo Guerra. Alguns olhares in Onésimo T Almeida Da literatura açoriana, para um balanço. Angra do Heroísmo, SREC, pp. 45-54
- 1987 Naufrágios/Inscrições. Poesia e narrativas. Ponta Delgada, Brumarte - Signo.
1987. Algumas palavras a propósito, in Terra, F. Agua de verão, Ponta Delgada, Signo.
- 1989 Emigração E Literatura, alguns fios da meada, (ensaio que aborda aspetos da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX), Horta, Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta
- 1989, Emigração E Literatura. Ensaio Que Aborda Aspetos Da Emigração Nalguns Contistas Açorianos Do Final Do Século XIX. Horta, Gabinete De Cultura Da Câmara Municipal.
- 1989 O Gosto das Palavras I. 2ª ed., II [ensaios sobre autores açorianos e ainda Mª Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, e outros], Ponta Delgada, Jornal de Cultura,
- 1991, Antero açoriano. Vozes em volta. Revista da História das ideias, vol. 13, Coimbra, pp. 221-229
- 1992 «Carlos Faria – de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge», in FÁRIA, Carlos, *São Jorge Ciclo da Esmeralda*, Signo, Câmara Municipal das Velas, 1992, pp. 3-8.
- 1993, “S. Jorge no Roteiro de Alguns Viajantes”, Revista Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1993, pp. 385-402.
- 1995, Algumas Das Cidades, poemas em prosa. Angra Do Heroísmo, Instituto Açoriano De Cultura, coleção Insula.
- 1995, O Gosto Das Palavras II. Da Literatura Açoriana, Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, Ensaios Sobre Autores Açorianos E Ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, E Outros. Ponta Delgada, Jornal De Cultura, pp. 13-16
- 1995, Da Literatura Açoriana – Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, In O Gosto Das Palavras II. Ponta Delgada, Jornal Da Cultura, pp. 13-16
- 1998, De Cabo Verde Aos Açores, A Luz Da «Claridade De S. Vicente. Ensaio sobre A Recepção Açoriana Da Literatura Cabo-Verdiana.». Mindelo, Cabo Verde, Câmara Municipal
- 1998, O Gosto Das Palavras III, SREC, Angra, col. Gaivota, nº 31
- 1998, Bolos de mel, in Margem 2, Funchal, nº 10, dez. ° 1998, pp. 50-51
- 1998, A ilha de Fernão Dulmo em Mau Tempo no canal in Homem, M.A. ed., atas do colóquio As ilhas e a mitologia, Câmara Municipal do Funchal: pp. 117 - 123
- 1999, O Gosto Das Palavras III. Ensaios Sobre Literatura Clássica Portuguesa, Literatura Açoriana E Cabo-Verdiana. Lisboa, coleção Garajau, Ed. Salamandra.
- 2000, Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers
- 2001, Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio, in Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento, 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, IAC
- 2002, Introdução in Vitorino Nemésio, Paço do Milhafre, O mistério do Paço do Milhafre, obras completas, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-27
- 2002, Pedro da Silveira – escrita e o mundo, in *O Faial e a periferia açoriana*, nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo, *Atas do III colóquio*. Núcleo Cultural da Horta: pp. 597-604
- 2003, Ilhas Conforme As Circunstâncias. Ensaios Sobre Literatura Açoriana, Cabo-Verdiana E São-Tomense. Lisboa, Ed. Salamandra.
- 2004, José Martins Garcia, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. XIII, pp. 59-64
- 2004, José Martins Garcia: A Palavra, O Riso. Separata Da Revista Arquipélago -Línguas E Literaturas, vol. XVII. Ponta Delgada, Universidade Dos Açores.
- 2005, Lugares Sombras E Afetos (poesia e narrativas), com desenhos de Seixas Peixoto. Arganil, ed. Moura Pinto e Figueira Da Foz, Ed. Dos Autores.
- 2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Péssimo. Arganil, Editorial Moura Pinto
- 2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Péssimo, 2ª edição revista, Câmara Municipal de São Roque do Pico
- 2005, In Caminhos do mar, antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
- 2006, *Manuel Lopes, escritor – Um cabo-verdiano nos Açores, 2006, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 15*
- 2006, Antero, com desenhos de Alberto Péssimo (poesia). Arganil, Editorial Moura Pinto.
- 2006, Frases Para Ter Na Algebeira, org. De Sara Pais. Lisboa, Livramento.

- 2006, *Mística E Nuvens Do Vulcão Do Pico*, com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt E Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, Observatório Vulcanológico E Geotérmico Dos Açores.
- 2006, O guardador de freiras, in *Margem 2*, Funchal, nº 21, abril, pp. 44-46
- 2006, In *Pontos luminosos, Açores e Madeira*, antologia poética do séc. XX com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, ed. Campo das Letras.
- 2007, *Nas Lajes, Um Chá Imprevisível*. Separata Da Revista *Magma*, 4. Lajes Do Pico, ed. Câmara Municipal.
- 2007, *Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem*, in John Kinsella e Carmen Ramos Villar, eds. *Lusophone Studies nº 5, Mid Atlantic Margins, Transatlantic Identities*, Azorean Literature in context. University of Bristol, July 2007
- 2007, «Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo», in Tutikian, Jane e BRASIL, Luiz António de Assis (org. de), *Mar Horizonte: Literaturas Insulares Lusófonas*, Porto Alegre, EDIPUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2007, pp. 11-22.
- 2008, com Lauro Junckes, Coord Onésimo Almeida, *Caminhos do Mar*
- 2008, A afirmação de uma cultura própria, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir. de História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX, vol. II, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 307-322
- 2008, O Tempo De Florêncio Terra. Separata Do Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta, vol. 17. Horta, Núcleo Cultural.
- 2008, *Novas do Achamento do Divino em terras brasileiras*, in *Jornal de Letras nº 114*. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevereiro 2008. Recensão ao livro *Caminhos do Divino* de Lélia Pereira da Silva Nunes
- 2008, *Pedras Negras, Dias de Melo*, in *Jornal de Letras nº 119*, Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, julho 2008
- 2008, *Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo* in Jane Tutikian e Luiz António de Assis Brasil (org), *Mar Horizonte: Literaturas insulare lusófonas*. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS [Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul], Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2008.
- 2009, Manuel Lopes, escritor – um cabo-verdiano nos Açores» in José Luís Hopffer Almada (org), *O Ano Mágico de 2006 – Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas*. Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde, 2009
- 2009, *Signo Atlântico* in José Martins Garcia, Português, contrabandista, seleção de contos, Lajes do Pico, Biblioteca Açoriana (Companhia das Ilhas)
- 2009, in Azoru. Dzejas antologija com Leon Briedis, Riga, Letónia
- 2009, *Santo Amaro Sobre O Mar*, com Desenhos De Alberto Péssimo. 2.ª Edição Revista, Câmara Municipal De S. Roque,
- 2010, *Que paisagem apagarás?* Ponta Delgada, ed. Publiçor
- 2011, in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2011, IN *Antologia da Memória poética da Guerra Colonial*, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (org.), Fotografias: Manuel Botelho, Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva, 1.ª ed. Porto: Afrontamento, 2011 (Poesia; Antologias, 2), ISBN 9789723611748, 648 págs.
- 2011, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (originalmente publicado na revista «Ponto Cardeal», n.º 4. Madalena, Pico, Açores, Escola Cardeal Costa Nunes, novembro de 2011)
- 2011, *Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal A Ilha, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta*
- 2012, Fernando Aires e a Geração de 40, in *Atas do 17º colóquio da lusofonia*, Lagoa, S Miguel, Açores
- 2012, *África frente e verso*, Ponta Delgada, Letras Lavadas
- 2012, in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos*, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2013, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens, IN *revista Ponto Cardeal nº 4 Madalena, Pico, Escola Cardeal Costa Nunes, novº2011*. <http://www.enriquevilamatas.com/escritores/es-crbettencourt3.html>
- 2013, *Outros nomes, outras guerras*, Lajes do Pico, ed. Companhia das ilhas,
- 2014, Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais, in *Boletim do Núcleo da Horta*,
- 2014, *Inquietação insular e figuração satírica* em José Martins Garcia, tese de dissertação
- 2015, José Martins Garcia. A linguística vai à guerra, in *Atas do 23º colóquio da lusofonia*, Fundão
- 2015, *Ser escritor nos Açores*, in *Atas do 23º Colóquio da Lusofonia*, Fundão
2016. GERMANO ALMEIDA in *Atas 26º colóquio da lusofonia Lomba da Maia 2016*

Viaje aqui pelos

- [CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 11](#)

- [Ver 3 vídeo homenagens](#)

TEMA PEDRO DA SILVEIRA – AS ILHAS DA (SUA) LITERATURA, URBANO BETTENCOURT CIERL-UMA E CEHU-UAC

Pode-se convocar a «Arte Poética» que abre o segundo livro de poemas de Pedro da Silveira, *Sinais de Oeste* (1962): «O meu desejo abarca todas as ilhas do Mar» e ver nela a expressão de um «programa» atlântico em que a errância se inscreve como signo de uma busca interminável, de uma continuada descoberta do novo, numa deriva em cujo interior o regresso é condição para se constatar a transformação do sujeito poético, o modo como ele próprio é já um outro, estranho a si mesmo.

Num outro sentido, essa deriva pode ganhar ainda uma dimensão metafórica, enquanto procura daqueles autores e textos que ajudam a construir uma consciência literária e proporcionam os meios mais adequados a um discurso poético próprio.

No caso de Pedro da Silveira (e também nalguns elementos da sua geração), as «ilhas» literárias encontram-se principalmente em Cabo Verde e no Brasil, numa espécie de lusofonia antecipada.

Os testemunhos, mais genéricos ou mais específicos, apontam nesse sentido, como, em concreto, alguns textos o confirmam.

A presente comunicação aborda as questões anteriores, na dupla perspetiva do contributo brasileiro e cabo-verdiano para a formação literária de Pedro da Silveira, por um lado, e da deteção da sua presença nalguma obra do poeta, por outro lado.

O primeiro livro de poesia de Pedro da Silveira trazia um título temático, isto é, que deixava já informações sobre o seu conteúdo.

Com efeito, *A Ilha e o Mundo* organizava-se em torno dessa polaridade e sob uma notória dimensão histórica em que ao presente e ao passado da ilha se contrapunha, no final, a expectativa, a esperança, de um futuro mais condizente com a condição humana insular.

A *ilha* era, em primeiro lugar, a das Flores, representada em termos de uma forte expressão referencial: o quotidiano dos 40 do século XX, um espaço cercado e distante de tudo, gentes entregues ao seu pasmo e à dureza da vida, alimentando o sonho de viagens não raras vezes irrealizadas, refazendo-se nos objetos da sua cultura e na memória verbalizada da dispersão pelo mundo, onde rasgaram caminhos no Oeste americano e saciaram a «fome de pão e de distâncias» (Silveira, 1952: 48).

Em segundo lugar, a *ilha* era também a parte do todo-arquipélago, assim configurado à escala, naquilo que fora uma história de meio milénio entre a Europa e as Américas (do Sul e do Norte), nas quais os açorianos sempre procuraram a solução para os seus problemas sociais.

Com o tempo, a dicotomia *ilha-mundo* tornar-se-ia um conceito operatório na abordagem da literatura açoriana, ao permitir analisar os seus objetos (ou seja, os seus textos) em termos de uma tensão entre interior e exterior (como venho fazendo desde os anos 70), desdobrável em polaridades semânticas diversas, a mais incisiva das quais talvez seja a de José Martins Garcia ao ocupar-se da poesia de Roberto de Mesquita e recobrir a antítese *ilha-mundo* com a metáfora *cárcere-infinito*.

Tudo isto para dizer como, desde o início, a ilha constituiu um motivo de relevo na poesia de Pedro da Silveira, ganhando ao longo do tempo diferentes valências, associadas a diferentes posicionamentos e perspetivas do sujeito poético.

SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO, LAGOA (AÇORES) 2012, 19º MAIA (AÇORES) 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 24º FUNDÃO 2015 E 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES)

51) MONSENHOR (CARLOS FILIPE) XIMENES BELO, SÓCIO HONORÁRIO AICL #1, BISPO RESIGNATÁRIO DE DILI, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1966 - CONVIDADO AICL

DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO

Filiação: Domingos Vaz Filipe e Ermelinda Baptista Filipe (ambos falecidos);

Data e lugar de nascimento: 3 de fevereiro de 1948, em Uailacama, Vemasse, Concelho de Baucau, Timor-Leste.

Instrução/Educação: Instrução Primária (Ensino básico): Escola Masculina da Missão Católica de Baucau (1956-1960) e Colégio de Santa Teresinha do Menino Jesus, Ossú (1961-1962).



MAIA 2013 19º COLÓQUIO 4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005 graciosa 2015

- Ensino Secundário: Seminário de Nossa Senhora de Fátima, Dare, Díli Timor-Leste (1962-1968); Seminário São João Bosco, Mogofores –Anadia (1969-1970); Escola Salesiana do Estoril (1971-1972)

Ensino Eclesiástico:

Filosofia (Instituto Superior de Estudos Teológicos de Lisboa (1973-1974);

Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa (1977-1979);

Licenciatura: Universidade Pontifícia Salesiana de Roma (1980-1981)

- Formação religiosa:

Noviciado Salesiano em Manique do Estoril (1972/1973); Primeira Profissão religiosa na Congregação Salesiana (21.9.1973); Profissão Perpétua (7.12.1978)

Formação sacerdotal: Ordenação sacerdotal, em Lisboa, a 26 de julho de 1980, das mãos do Bispo Auxiliar de Lisboa, Dom José Policarpo.

Ordenação Episcopal, no Largo de Lecidere, Díli (Timor), a 19 de junho de 1988, como Bispo Titular de Lorium e Administrador Apostólico *ad nutum Sanctae Sedis*, da Diocese de Díli.

Funções: Professor no Colégio de Fatumaca (Timor) 1974-1975; Professor no Colégio Dom Bosco de Macau (1975/1976).

Mestre de Noviços salesianos em Fatumaca, Timor (1982).

Diretor do Colégio de Fatumaca –Timor-Leste (1983).

Administrador Apostólico de Diocese de Díli: 1983-2002. Resigna em novembro de 2002, por razões de saúde.

Missionário em Maputo, Moçambique: 2004/2005.

No Colégio de Mogofores-Anadia: 2007-2008.

Nas Edições Salesianas do Porto: 2009-2017.

Prémios:

Óscar Romero, Roma, 1995;

John Humphrey-Montreal, 1995;

Prémio Nobel da Paz, Oslo, 1996;

Premio dellla Pace, Taranto, Italia, 1997;

Premio dellla Pace, Ostuni, Bari, Italia, 1998;

Premio Internazionlale della Testemunianza, Vibovalenza, Italia, 1998.

Condecorações:

A Grã-Cruz da Ordem da Liberdade da república Portuguesa: 1998;

Grã-Cruz al mérito Bernardo O'Higgins, República do Chile, 2000.

Doutoramentos Honoris Causa:

University of Yale (USA) 1997;
 Universidade Pontifícia de Roma, 1998;
 Universidade de Évora, Portugal, 1998;
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, 2000;
 Universidade Pontifícia de Campinas, Brasil, 2000;
 Catholic University of Thaichung-Taiwan, 2000;
 Universidade do Porto, 2002;
 Australian Catholic University, Sydney, 2001;
 Universidade São Tomas, Chile, 2002;
 Universidade FASTA, Mar de Plata, Argentina, 2002,
 Universidade Cardeal Herrera, CEU, Valência, Espanha, 2006.

ALGUMAS PUBLICAÇÕES:

1. Subsídio Para a Bibliografia de Timor-Leste, separata, Lisboa, 2002;
2. The Road to Freedom, New South Wales, Austrália, 2001;
3. Os Antigos Reinos de Timor-Leste, Porto Editora, 2013;
4. Dom Frei Manuel de Santo António, Bispo Dominicano Expulso de Timor, Edições salesianas, Porto, 2013;
5. História da Igreja em Timor-Leste, 1º volume (1562-194), Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2014;
6. Dili a Cidade que não era, Porto Editora, 2014;
7. História da Igreja em Timor-Leste, 2.º volume (1940-2012), Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2016;
8. Um Açoriano, Missionário em Timor (Padre Carlos Pereira da Rocha), São Miguel, Açores, 2016;
9. Ismael Matos, o padre da Boa-Imprensa, Edições Salesianas, Porto, 2016;
10. Ladainhas de Nossa senhora, Edições Salesianas, Porto, 2016.

Artigos

- “A Conquista de Malaca e o Início da Fundação das Missões Católicas no Sudoeste Asiático”, in Malaca Portugal e o Oriente Historia e Memória, coord. de João Marinho dos Santos e José Manuel Azevedo e Silva, Palimage, Coimbra, 2012, pp. 16-54.
- “Afirmação da Identidade Timorense”, em 500 Anos da afirmação da nova identidade timorense, (Coordenação Embaixada de Timor-Leste em Lisboa, Lisboa, 2016
- Separata de Povos e Culturas Nº 19 – 2015. “Lendas e narrativas da História da Igreja em Timor-Leste”, Centro de Estudos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2015, pp. 73-136.

BIBLIOGRAFIA

- *Demi Perdamaian da Keadilan* (Jacarta, 1997),
- *The Voice of the Voices* (Jacarta, 1997),



- [Timor Leste Nobel da Paz - Discursos...](#) Edições Colibri 1997
- [Timor Leste Nobel da Paz: discursos proferidos na cerimónia de outorga do Prémio Nobel da Paz 1996 = East Timor Nobel Peace Prize: Francis Sejersted, Carlos Filipe Ximenes](#)



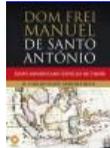
Paz: Nobel da Paz / D. Carlos Filipe Ximenes Belo. Porto: Salesianas, 1998. ISBN 972-690-336-X.

- [Belo, José Ramos-Horta; pref. Jorge Sampaio; trad. Rosa Isabel Goreti Loro Sa'e. 1ª ed. Lisboa: Colibri, 1997. ISBN 972-8288-56-5.](#)
- [Subsídio para a bibliografia de Timor Lorosa'e: uma listagem cronológica de livros, revistas, ensaios, documentos e artigos desde 1515 a 2000 / Carlos Filipe Ximenes Belo; apresentação de Vítor Melícias. Lisboa: CEPCEP - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2002.](#)
- [The Road to Freedom, Sydney: Caritas Austrália, New South Wales, 2001](#)
- [Nós somos peregrinos / Delfina da Silva Cardoso Ribeiro; pref. Carlos Filipe Ximenes Belo. Castanheiro de Ouro: Associação dos Amigos do Povo de Timor Lorosa'e, 2004.](#)
- [Gentio de Timor / Armando Pinto Corrêa; pref. Dom Ximenes Belo. 2a ed. Câmara de Lobos: Câmara Municipal, 2009. ISBN 978-972-8684-80-8.](#)
- [40 dias em Timor-Leste: uma interpretação: observações, percepções e análise de lusofonia emergente / Aires Gameiro; intro. D. Carlos Ximenes Belo. \[Lisboa\]: Pearlbooks, 2012. ISBN 978-989-9732-86-5.](#)
- [Vozes sem rosto: o mundo visto do lado dos mais pobres / Orbis - Cooperação e Desenvolvimento; pref. Ximenes Belo. 1ª ed. Parede: Sete Mares, 2009. ISBN 978-989-8128-09-6.](#)
- [Timor: a presença portuguesa, 1769-1945 / Fernando Augusto de Figueiredo; \[pref. Fernando de Sousa; posfácio Carlos Filipe Ximenes Belo\]. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da UNL, 2011.](#)



• [Os antigos reinos de Timor-Leste: Reys de Lorosay e Reys de Lorothona, Coronéis e Dados / Dom Carlos Filipe Ximenes Belo. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 2012. ISBN 978-972-0-09649-4.](#)

• [História da Igreja em Timor-Leste: 450 Anos de Evangelização \(1562-2012\) / Carlos Filipe Ximenes Belo. Lisboa: Fund. Eng. António de Almeida, 2013. ISBN 978-972-8386-94-8.](#)

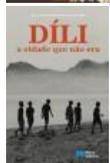


• [Dom Frei Manuel de Santo António : bispo dominicano expulso de Timor / Carlos Filipe Ximenes Belo. Porto: Edições Salesianas, 2013. ISBN 978-972-690-820-3.](#)

• [Díli: a cidade que não era / Carlos Filipe Ximenes Belo. 1ª ed. Porto: Porto Editora, 2014. ISBN 978-972-0-06289-5.](#)



• [História da Igreja em Timor Leste 450 anos de evangelização 1562-2012 Fundação Engenheiro António de Almeida 2014](#)



• [Díli a cidade que não era, Porto: Porto Editora, 2014.](#)

ATAS 27º colóquio 6-9 abril 2017 BELMONTE



Montalegre 2016 LOMBA DA MAIA 2016
com o Bispo de Angra no colóquio da maia 2013



4º colóquio BRAGANÇA 2005 LOMBA DA MAIA 2016



GRACIOSA 2015 LOMBA DA MAIA 2016

D. Carlos Ximenes Belo
PRÉMIO NOBEL, DA PAZ 1980



UM AÇORIANO, MISSIONÁRIO EM TIMOR

Lançou em 2016, com a AICL, o livro *UM MISSIONÁRIO AÇORIANO EM TIMOR, PADRE CARLOS DA ROCHA PEREIRA*, com mecenato do nosso associado JOSÉ SOARES do MOINHO TERRACE CAFÉ

INTRODUÇÃO

Tem este estudo o objetivo de perpetuar a ação Missionária do Padre açoriano Carlos da Rocha Pereira que passou 57 anos em Timor-Leste. O Padre Carlos foi um Missionário de extraordinário zelo pastoral e de total entrega à implantação do Reino de Deus nas terras de Timor.

Esteve no campo de concentração em Liquiçá durante a ocupação das tropas japonesas; passou anos terríveis no mato acompanhando as populações durante os três primeiros anos da invasão das Forças Armadas Indonésias, e só foi uma vez à sua terra natal, nos Açores, beneficiando da “licença graciosa” que lhe foi concedida pelo Estado Português. Depois de cinquenta e sete anos de convívio com os Timorenses que ele amara e servira, preferiu morrer em Timor, durante os tempos da “integração”.

Este estudo abrange uma breve biografia do Padre Carlos Pereira, uma breve síntese sobre a Circunscrição Civil de Cova-Lima, o Reino de Samoro na Soibada e o Hospital de Díli. A segunda parte apresenta as cartas por ele enviadas à redação da revista SEARA, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli. As crónicas são de teor religioso, caracterizado pela descrição de Missas, procissões, administração de Sacramentos (batismos, primeiras comunhões e confissões); de visitas pastorais; descrição da vida dos Colégios, masculino e feminino, de Soibada. Nalgumas crónicas, faz o relato da agricultura, isto é o cultivo do milho e do arroz (o *néle*, ou *néli*, termo usado em Timor Português¹³). O autor nunca se debruça sob o aspeto etnográfico, isto é, a descrição das regiões com os seus usos e costumes, das classes sociais, dos reinos existentes. Mesmo a nível da missionação, sublinha pouco o papel dos professores e catequistas. Já na situação de “Missionário Ambulante pelas Missões e Estações Missionárias”, o Padre Carlos fornece, nas suas crónicas, alguns dados sobre o número de habitantes, de católicos e de catecúmenos, de escolas e de alunos e alunas. Resumindo, podemos afirmar que as crónicas deste zeloso sacerdote espelham a práxis pastoral levada a cabo pelos Missionários de Timor Português nos primeiros 34 anos da Diocese de Díli (1940 a 1975).

Este livro consta de quatro partes:

- a Primeira trata da biografia do Padre Carlos da Rocha Pereira e da sua atividade Missionária na Missão de Cova-Lima, Soibada, Hospital e de Díli. Apresentamos nesta secção nove crónicas ou cartas que o Missionário escreveu de Cova-Lima.

¹³ Na *Índia e Timor*: arroz em casca ou em planta. *Do dravidico nel, nellu*^A O termo é usado sobretudo em Macau e TIMOR e nos crioulos da Malásia. Ver também «O grosseiro methodo de converter o NELLY em ARROZ neste paiz [TIMOR] é como se segue» ... In *Annaes Marítimos*, 1843, p. 124, in Glossário Luso-Asiático, volume II, de Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado com introdução de Joseph M Piel, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

- A Segunda Parte descreve a sua ação em Cova-Lima (Fohoren) na Missão de Fronteira.
- A Terceira Parte trata da sua ação pastoral na Missão de Soibada e no Colégio masculino do Beato Nun'Álvares e nas Estações Missionárias de Buburlaran, Fehucrin, Fatuberliu, Fahi-Nehan e Lacluta. De Soibada, o Missionário mandou 30 crónicas para a revista SEARA.
- A Quarta Parte do livro apresenta as crónicas que como Missionário Ambulante mandava ao visitar as diversas Missões e/ou Estações Missionárias. São 14 crónicas.

TEMA 3.2. DOM JOSÉ DA COSTA NUNES E A SUA AÇÃO EM TIMOR

Introdução

As minhas cordiais saudações a todos os presentes. Aproveito para agradecer à Organização, e, em particular ao senhor Chrys Chrystello pelo apoio dado para eu e o meu colega Dr. Fernando Carvalho podermos vir até Belmonte para participar a este 27º Colóquio lusófono.

O tema da minha intervenção é a figura do grande picoense, Dom José da Costa Nunes.

1º CAPÍTULO – BIOGRAFIA DE DOM JOSÉ DA COSTA NUNES

Foi sacerdote, missionário, Bispo de Macau e Timor, Arcebispo de Goa e Damão, Patriarca das Índias Orientais, e Cardeal. Foi ao longo da sua vida, um grande escritor.

José da Costa Nunes nasceu na freguesia rural da Candelária, no sudoeste da ilha do Pico, no dia 15 de março de 1880; era filho de José da Costa Nunes e Francisca Felizarda de Castro, uma família de lavradores. Depois de concluir os estudos primários na sua freguesia natal, realizou em 1892, no Liceu da Horta, da vizinha ilha do Faial, o exame de admissão aos estudos liceais, sendo aprovado. Ingressou, em 1893 no Seminário Episcopal de Angra do Heroísmo (Ilha Terceira). "Deu logo nas vistas nos primeiros anos de curso. Tinha boa índole, uma inteligência brilhante e grande vontade, era disciplinado, muito afável, de tal forma que captava a estima de companheiros e superiores"¹⁴.

Porto, 19 de março de 2017
Dom Carlos Filipe Ximenes Belo

SÓCIO DA AICL (SÓCIO HONORÁRIO #1 DESDE 2015).

É A SEXTA PARTICIPAÇÃO DEPOIS DE TER ESTADO NO 4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005, 19º MAIA EM 2013, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016

[Regressar índice](#)

¹⁴ LIMA, Guiomar Maria, *Nasceu para Vencer*, Macau, 2015, p. 13.